



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pós-Graduação – VRPG
Programa De Pós-Graduação em Psicologia – PPGP
Mestrado em Psicologia

BRUNO PONTUAL DE LEMOS CASTRO

Sobre o tornar-se velho: apreensões a partir de discursos de idosos de Fortaleza-Ce

About becoming old: apprehensions from elderly discourses of Fortaleza-Ce

AGOSTO
2016

BRUNO PONTUAL DE LEMOS CASTRO

Sobre o tornar-se velho: apreensões a partir de discursos de idosos de Fortaleza-Ce

About becoming old: apprehensions from elderly discourses of Fortaleza-Ce

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – Unifor como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia, Sociedade e Cultura.

Linha de Pesquisa: Ambiente, Trabalho e Cultura nas Organizações Sociais.

Orientador: Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins

**AGOSTO
2016**

Ficha catalográfica da obra elaborada pelo autor através do programa de geração automática da Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza

Castro, Bruno Pontual de Lemos.

Sobre o tornar-se velho: apreensões a partir de discursos com idosos de Fortaleza-Ce / Bruno Pontual de Lemos Castro. - 2016
172 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade de Fortaleza. Programa de Mestrado em Psicologia, Fortaleza, 2016.

Orientação: José Clerton de Oliveira Martins.

1. idoso. 2. etnografia. 3. tornar-se velho. I. Martins, José Clerton de Oliveira. II. Título.



Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Ambiente Trabalho e Cultura nas Organizações

Dissertação intitulada "**Sobre o tornar-se velho: apreensões a partir de discursos com idosos de Fortaleza-CE**", de autoria do mestrando **Bruno Pontual de Lemos Castro**, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins – (UNIFOR) – Orientador

Profa. Dra. Ieda Maria Rhoden – (UNISINOS)

Profa. Dra. Sylvania Cavalcante – (UNIFOR)

Prof. Dr. Francisco Antônio Francileudo – (FCF)

Fortaleza, 21 de setembro de 2016.

Visto:

Profa. Dra. Normanda Araujo de Moraes
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
UNIFOR

**À minha família,
pelo incessante apoio durante toda a minha vida.**

Agradecimentos

À Deus, pelas bênçãos e graças.

À minha família, fonte de inspiração e apoio constante.

À minha namorada, Natália, pelo suporte, amor e compreensão ao longo desse processo.

À meu orientador e mestre, Professor Clerton Martins, pelo processo de orientação e formação ao longo dessa investigação.

Ao colega de Laboratório Agesilau de Carvalho, pela grande ajuda nas transcrições das entrevistas.

Aos demais membros do Laboratório Otium, pela ajuda e suporte ao longo dessa jornada, em especial a Cairo César, Amadeu Terceiro, Marlo Renan, Gustavo Halley e Welligton Barbosa.

Aos secretários do Programa de Pós Graduação em Psicologia, Anderson e Sônia, pela solicitude nas mais diversas tarefas realizadas.

Aos demais professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia, em especial à professora Teresa Glauca, à professora Normanda Araújo e à professora Sylvia Cavalcante, pelo apoio e suporte.

Aos Professores e funcionários que fazem parte da Associação Raízes da Vida, em especial à Maíra, Adriana e Francisca pela solicitude e apoio à esta investigação.

Aos idosos que aceitaram participar dessa pesquisa, pela disponibilidade, ensinamentos e confiança que me passaram através de suas palavras e ações.

E finalmente à Universidade de Fortaleza pela viabilização dessa pesquisa à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo fomento à esta pesquisa, sem as quais essa pesquisa não seria possível.

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo compreender a construção do tornar-se velho de idosos integrantes da Associação Raízes da Vida, da cidade de Fortaleza – Ce. Para isso foi realizado um estudo de abordagem qualitativa e exploratória de enfoque etnográfico, que utilizou como instrumentos de coleta de dados a entrevista semiestruturada, a observação participante e o diário de campo. Para o estudo foram selecionados idosos de ambos os sexos, de rendas e escolaridades diversas, participantes da Associação Raízes da Vida. Para a interpretação dos dados foi escolhida a análise do relato etnográfico, com o auxílio da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, a partir do software DSCsoft, para a formatação das categorias de investigação. A pesquisa apontou para sete categorias teóricas que caracterizam o tornar-se velho, perpassando concepções positivas, negativas e existenciais. Os resultados indicaram dez categorias empíricas: transitoriedade da vida, experiência de vida, saúde, liberação das obrigações sociais, realizar tarefas domésticas, buscar uma conduta ética, práticas de lazer, viagem, família e não sente os estigmas da velhice. Destas categorias empíricas, quatro que possuem uma maior relação com o objetivo proposto foram destacadas: a liberação das obrigações sociais, família, não sente os estigmas da velhice e saúde. Concluiu-se como hipótese que o tornar-se velho está relacionado a um maior descobrimento de si frente aos desafios da existência e a busca de uma sabedoria que dê sentido às realizações ao longo da vida.

Palavras chave: idoso, etnografia, tornar-se velho.

ABSTRACT

The present work had as objective to comprehend the construction of becoming old in elderly of the Raízes da Vida Association, in the city of Fortaleza - Ceará. Therefore, a qualitative, exploratory and ethnographic study was done and the data collection instruments were the Participant Observation, the semi structured Interview and the Field Diary. There were selected six elderly subjects of both sexes of diverse incomes and schooling, participants of the Raízes da Vida Association. For the data interpretation the ethnographic report analysis was employed, and the DSCsoft instrument was used for the categorical analysis formulation. This software utilizes the Collective Subject Discourse method. The research indicated seven theoretical categories that describe by different forms the becoming old, including positive, negative and existential conceptions. The results indicated the following empirical categories: life transience, life experience, health, social obligation liberation, realize domestic activities, search of ethical conduct, leisure practice, travel, family and elderly stigma rejection. Four categories are emphasized as closest to becoming old: social obligation liberation, health, family and elderly stigma rejection. As a hypothetical conclusion, the becoming old is related to a higher self-awareness after facing the challenges of existence and the searching of a wisdom that gives meaning to all the realizations through life.

Keywords: elderly, ethnography, becoming old.

Lista de Ilustrações

Figura 1: Características da sociedade contemporânea	19
Figura 2: Construções sobre o conceito de velhice	26
Figura 3: Visões Positivas sobre o idoso	33
Figura 4: Estágios de desenvolvimento psicossocial de Erikson	35
Figura 5: Temporalidades contínuas e descontínuas.	48
Figura 6: Tempos relacional, absoluto e dialético.	51
Figura 7: Tempo Autêntico e Inautêntico em Heidegger.	61
Figura 8: Desenho da investigação.	73
Figura 9: Grupo de Hidroginástica.	76
Figura 10: Grupo de musculação	77
Figura 11: Grupo de dança sênior.	78
Figura 12: Descrição dos participantes da pesquisa.	80
Figura 13: Visualização do interior do apartamento de Atena e Poseidon.	84
Figura 14: Visualização do interior do apartamento de Demeter e Hipócrates.....	91
Figura 15: visualização do quintal do prédio de Hipócrates e Deméter	92
Figura 16: Visualização do interior da residência de Hércules.	97
Figura 18: Categorias teóricas da pesquisa.....	104
Figura 19: Categorias empíricas da pesquisa.	118

Figura 20: Relações entre as diferentes visões teóricas.	144
Figura 21: Expressões chave, ideias centrais e categorias da pergunta “O que para você é ser velho?”.....	164
Figura 22: Expressões chave, ideias centrais e categorias da pergunta “O que você mais gosta de fazer nesta sua fase da vida?”.....	165
Figura 23: Expressões chave, ideias centrais e categorias da pergunta “No seu tempo livre o que você mais gosta de fazer?”.....	167
Figura 24: Expressões chave, ideias centrais e categorias da pergunta “O que é uma vida com qualidade para você?”.....	168
Figura 25: Expressões chave, ideias centrais e categorias da pergunta “O que esta idade trouxe de melhor para você?”.....	169
Figura 26: Expressões chave, ideias centrais e categorias da pergunta “Como você se sente em relação a sua idade? Você se sente velho?”.	169

Lista de Siglas

UNIFOR - Universidade de Fortaleza

ONU - Organização das Nações Unidas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OTIUM - Laboratório de Estudos sobre Ócio, Trabalho e Tempo Livre

ONU - Organização Mundial da Saúde

UTI – Unidade de Terapia Intensiva

CNS - Conselho Nacional de Saúde

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

DSC - Discurso do Sujeito Coletivo

IFCE - Instituto Federal de Educação do Estado do Ceará.

AABB - Associação de Aposentados do Banco do Brasil

COELCE - Companhia Energética do Ceará

SESC – Serviço Social do Comércio

INSS - Instituto Nacional do Seguro Social

AVC - Acidente Vascular Cerebral

COÉTICA - Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos

CEP- Conselho de Ética e Pesquisa

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. CONTEXTO CONTEMPORÂNEO	16
2.1. Mudanças Políticas e aceleração temporal	16
2.2. Consumismo	19
2.3. Impactos no indivíduo: incertezas, medo e confusões	20
3. ASPECTOS DA VELHICE CONTEMPORÂNEA	26
3.1. Visão biologicista	26
3.2. Visão economicista.....	27
3.3. Visão Socioculturalista.....	28
3.4. Visão existencial e transdisciplinar	30
3.5. Visões positivas sobre o idoso.....	32
3.5.1. Envelhecimento Bem-sucedido	32
3.5.2. Envelhecimento Ativo	34
3.5.3. Envelhecimento Satisfatório	35
3.6. Ciclo de Vida de Erikson.....	38
3.7. Limites e estigmas da velhice	42
4. ASPECTOS TEMPORAIS DA EXISTÊNCIA	47
4.1. Conceitos de espaço e tempo de Riegel	47
4.2. Tempo contínuo e descontínuo	49
4.3. Tempo relacional, absoluto e dialético	52
4.4. Outras concepções temporais	55
4.5. Tempo existencial de Heidegger	57
5. CATEGORIAS TEÓRICAS.....	66

6. MÉTODO	72
6.1. Procedimentos de coleta de dados	73
6.1.1. Observação Participante	74
6.1.2. Entrevista Semiestruturada	75
6.2. Procedimentos Éticos	76
6.3. Procedimentos de Análise dos Dados	77
6.3.1. Procedimentos para a Análise do relato etnográfico	77
6.3.2. Procedimentos para criação de Categorias a partir do Discurso do Sujeito Coletivo	78
7. RESULTADOS	82
7.1. Locais da investigação.....	82
7.2. Sujeitos da pesquisa.....	83
7.3. Apresentação do relato etnográfico	88
7.3.1. Considerações a partir do relato dos sujeitos	113
7.4. Categorias de análise	114
7.4.2. Categorias Empíricas	114
7.4.3. Considerações sobre as categorias	136
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
9. REFERÊNCIAS.....	148
APÊNDICE A.....	154
APÊNDICE B.....	155
APÊNDICE C.....	158
ANEXO A	159
ANEXO B	164

1. INTRODUÇÃO

A velhice é constantemente pensada como a última fase da vida e por isso, a mais próxima da morte. Este ponto faz muitos jovens pensarem acerca da velhice com descaso, como coloca Elias (2001).

Estas atitudes expõem o estigma que muitos idosos enfrentam na sociedade e a ênfase social em qualidades ressaltadas nos jovens, especialmente as físicas. Porém, este fato não anula o grande crescimento que esta faixa etária experimenta nas últimas décadas, especialmente nos países desenvolvidos.

Nesse sentido, observamos que o número de idosos no Brasil e no mundo nunca esteve tão alto, segundo Siqueira, Botelho e Coelho (2002), pois no período de 1970 a 2000 observou-se um crescimento de 123% nos países em desenvolvimento, com a esperança de vida no Brasil podendo aumentar até 77,8 anos. Por esses motivos, o período de 1975 a 2025 é considerado pela ONU como a Era do Envelhecimento.

Tais dados são corroborados por estatísticas do IBGE (Brasil, 2014) que mostram que em 2013 a estimativa para a expectativa de vida para mulheres no Brasil foi de 78,5 anos, enquanto que para os homens esse número foi de 71,2 anos, numa média de 74,8 anos, bem próxima da estimada para a América Latina e Caribe de 74,7 anos.

Esse raciocínio é análogo ao de Baltes e Smith (2006) que abordam o crescimento da expectativa de vida nos países desenvolvidos, incluindo as faixas de idade dos 80 e 90 anos, demonstrando que essas faixas etárias estão vivendo mais e chegando com maior facilidade aos 100 anos e que o número de centenários está aumentando numa razão de 8% nos países desenvolvidos.

Assim, observamos uma dinâmica atual do envelhecimento da população não só brasileira, mas mundial e a relevância dessa temática na atualidade que contribui para um olhar diferenciado sobre essa faixa etária e sobre as formas como os idosos estão envelhecendo na contemporaneidade.

O interesse por esse tema se iniciou na graduação, quando, participando das atividades do Laboratório de Estudos sobre Ócio, Trabalho e Tempo livre (OTIUM), realizamos a reflexão sobre a vida de pessoas que entram na fase idosa e se aposentam. Neste referido Laboratório, foram encaminhadas reflexões posteriores sobre a temática, especificamente no projeto guarda chuva intitulado: “Recriando-se nas temporalidades livres da velhice: um estudo sobre experiências potencializadoras da vida com idosos do Nordeste brasileiro”. Este projeto investigou como os idosos potencializam suas temporalidades livres em experiências positivas na contemporaneidade, influenciando a presente pesquisa.

O interesse pelo tema também perpassou pelo convívio com a realidade de avós e tios avós maternos e o cotidiano destes, fato que nos aproximou da condição de vida do idoso. A partir dessas experiências pudemos observar o grande número de fragilidades que podem ameaçar a vida na fase idosa e os aproximar de suas finitudes. Tais acontecimentos nos motivaram a conhecer um pouco mais sobre o envelhecimento e a estudá-lo de maneira detalhada. Para além dessas situações, o envelhecimento envolve o tempo e temporalidades, aspectos que fizeram parte da nossa trajetória pessoal e que também influenciaram no interesse pela temática.

O contexto de fundo da presente pesquisa parte de um cenário paradoxal, pois se o número de idosos está aumentando, sua importância social deveria estar aumentando, mas em nossa sociedade pós-moderna, conforme Lipovetsky (2004) coloca, há uma ênfase em indivíduos consumidores e ativos e os idosos muitas vezes falham em alcançar esse perfil. Neste cenário, observamos também uma grande aceleração nos ritmos temporais

contemporâneos, fato relatado por Beriain, (2009). Segundo o raciocínio de Lipovetsky (2004), essas situações contribuem para a emergência de indivíduos instáveis, flexíveis, sem memória e muitas vezes sem paciência. Estes indivíduos funcionam em ritmos pessoais diferentes dos ritmos dos idosos e em identidades bem mais instáveis que as deles.

Neste sentido, observamos uma grande variedade de visões sobre os idosos na contemporaneidade, algumas destas negativas, que estigmatizam o idoso partindo de concepções biológicas, econômicas e de papéis sociais estereotipados, segundo Siqueira et al., (2002) e Debert (1994, 1999). Por outro lado, também observamos visões positivas sobre o idoso, que abordam o envelhecimento ao longo da vida e que apontam ganhos adquiridos com a idade. (M. M. Baltes e Baltes, 1990; P. B. Baltes, Lindenburger, e Staudinger, 2006; P. B. Baltes e Smith, 2006).

Percebemos que todas essas possibilidades falam sobre um indivíduo envelhecido a partir de uma visão externa a ele, por isso buscamos neste estudo formas deste idoso dizer sobre si e seu envelhecimento.

Isso é colocado, pois vemos que, a partir de Heidegger (2014) o homem é visto como aquele que constrói a sua história e constitui quem é a partir da sua relação com o mundo concreto, para além das representações que existem sobre si. Além disso, temos também a partir de Heidegger que Ser é tempo, e que este homem só pode se constituir como Presença a partir de uma colocação concreta e finita no mundo, pois assim veremos que o tempo nada mais é do que a vida constituída nas diferentes relações e disposições humanas.

Assim para prover oportunidades de fala para os idosos de Fortaleza, nos utilizamos da metodologia etnográfica, que dá voz aos sujeitos em seus cotidianos e das entrevistas, que nos deram a oportunidade reconstituir aspectos da vida destes sujeitos.

A partir disso, observamos que os idosos vivenciam e constroem seu envelhecimento de diferentes maneiras, constituindo múltiplas formas de ser nos seus âmbitos. Diante desse

contexto, realizamos a seguinte pergunta: quais os relatos que os idosos fortalezenses de um programa social construíram sobre o seu processo de envelhecimento?

A partir desta pergunta, construímos o objetivo geral da presente investigação, que é: Compreender a construção do tornar-se velho de idosos integrantes da Associação Raízes da Vida. Os objetivos específicos são delineados na sequência:

- a) Conhecer as concepções temporais presentes nas vidas dos idosos.
- b) Delimitar concepções de envelhecimento dos idosos investigados.

A partir disso, o presente trabalho foi elaborado apresentando inicialmente o contexto contemporâneo, a partir de diversos sociólogos, tarefa apresentada no 1º capítulo. No segundo capítulo foram expostas diversas visões sobre o envelhecer. No terceiro capítulo realizamos um apanhado sobre algumas concepções de tempo e temporalidades na contemporaneidade.

No quarto capítulo abordamos o método da investigação, contendo a abordagem, os enfoques e os instrumentos de coleta de dados. No quinto capítulo abordamos os resultados da investigação, com detalhes sobre os locais, os participantes, a forma como foi realizada a pesquisa e as análises dos dados da pesquisa.

2. CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

O contexto que permeia a velhice contemporânea no Brasil e em Fortaleza é um contexto ambivalente, no qual vemos por um lado o incremento da população idosa e por outro condições sociais baseadas em valores próximos à juventude, tais como um ritmo de apressamento temporal e o consumismo em excesso. Esta ambivalência pode contribuir para uma condição estigmatizada deste idoso e de uma incompreensão da situação do idoso pelos mais jovens, que esperam desse idoso um vigor jovem, conforme traz Elias (2001). Essas características podem demandar do idoso uma adaptação a um estilo de vida diferente daquele em que ele cresceu e se desenvolveu e, por isso, podem demandar esforços constantes desses idosos.

a. Mudanças políticas e temporais

Para Lipovetsky (2004), o período contemporâneo é caracterizado pelo restabelecimento de imposições sociais com um novo formato, marcado pelas características da globalização, do liberalismo e dos direitos humanos, um período do hiper:

[...] Hiper capitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto – o que mais não é hiper? O que mais não expõe uma modernidade elevada à última potência superlativa? Ao clima de epílogo segue-se uma sensação de fuga para adiante, de modernização desenfreada, feita de mercantilização proliferativa, de desregulamentação econômica, de ímpeto

técnico-científico, cujos efeitos são tão carregados de perigos quanto de promessas. [...] (Lipovetsky, 2004 p. 53).

Dessa forma, Lipovetsky coloca o período contemporâneo como um período de busca pelos excessos, elevando ao máximo os pressupostos da economia de mercado, da eficiência técnica e do indivíduo, numa sociedade desregulada e globalizada. A tecnologia expandiu-se para todos os campos de ação e oferece um excesso de oportunidades e um poder de exploração ilimitado a partir da internet ao mesmo tempo em que invade sem restrições a vida das pessoas a partir da premissa da segurança dos cidadãos.

Por sua vez, Bauman, (2007) coloca que a tendência presente nos países desenvolvidos levou a passagem de uma fase sólida para um período líquido, no qual as organizações não podem mais manter a sua forma e ritmo por muito tempo, não podendo mais servir de referência para as ações humanas. Assim, ele coloca que o Estado não atende mais a demanda de todos os seus indivíduos, dando espaço para que outros poderes recém-emancipados, tais como o poder de mercado e da iniciativa privada, ocupem os espaços vazios.

A partir dessas ideias, vemos que os autores demarcam o período contemporâneo por meio de um capitalismo de mercado global e informatizado, que decreta a falência das instituições estatais, que não conseguem mais dar suporte a seus cidadãos. Tais fatores determinam uma série de consequências para o estilo de vida atual, pois a iniciativa privada se insere como referência de valores para os indivíduos atuais. Assim, os paradigmas da eficiência, da competitividade e do consumismo são alicerçados em nossa sociedade.

Uma dessas consequências, segundo Freire e Sommerhalder (2003), é o tempo acelerado e globalizado, no qual há uma intensificação das relações mundiais e há um intercâmbio mundial de informações e influências.

Em consonância, Beriain (2009) coloca que a aceleração do cotidiano aflige boa parte das atividades contemporâneas, sendo considerada pelo autor como a forma elementar das estruturas temporais modernas. Esse movimento, que para o autor remonta desde a industrialização do século XVII, afeta os recordes dos atletas, o transporte, a comunicação e força muitas pessoas a utilizar psicotrópicos que aumentem a velocidade do seu raciocínio. Dessa forma, o autor coloca que essa aceleração também influencia nas nossas formas de comer e de experimentar a cultura e o mundo, assim como o cotidiano laboral no qual o indivíduo possui uma carga de horário acelerada.

Em consonância, Sennett (2009) coloca que as novas jornadas laborais flexíveis, que tinham a intenção de aumentar o tempo livre do trabalhador e lhe proporcionar um aumento em sua qualidade de vida, colaboraram para um sentimento de confusão de papéis relativos ao tempo destinado a tarefas domésticas e laborais. Assim, pessoas que antes tinham tempo livre para atividades domésticas e familiares, se percebem sem tempo para tal, diante do trabalho que agora fazem de suas casas.

Esse contexto é complementado pelo raciocínio de Lipovetsky (2004), que coloca que a preocupação com o tempo se expressa principalmente pela produtividade, mas se abrangeu para todos os aspectos da vida social. Com isso, manifestam-se diferentes paradoxos e possibilidades de ação da sociedade a partir dos tempos sociais a serem gastos, que levam a conflitos inéditos em todas as esferas:

[...] O que privilegiar? E como não lamentar esta ou aquela opção quando o tempo é destradicionalizado, entregue à escolha dos indivíduos? A redução do tempo de trabalho, o tempo livre e o processo de individualização levaram à multiplicação dos temas e conflitos ligados ao tempo. É uma época de guerras de tempo singularizadas que se relacionam ao viver subjetivo. Às contradições objetivas da sociedade

produtivista se justapõe agora a espiral das contradições existenciais. (Lipovetsky, 2004 p. 76)

Dessa forma, observamos que a aceleração da sociedade contemporânea se estende por todos os elementos do cotidiano, e não só ao trabalho. Observamos também que o ritmo temporal hodierno acelerado faz com que o indivíduo se desorganize frente a diferentes demandas que o exigem a todo o momento, ocasionando o estado de guerra descrito por Lipovetsky (2004): muitas possibilidades a se fazer e uma sensação de pouco tempo para realizá-las. Este é um contexto que mesmo que não seja vivido diretamente pelos idosos, é vivenciado por pessoas próximas a eles mais jovens no seu cotidiano.

b. Consumismo

A partir disso, vemos que os indivíduos contemporâneos buscam meios para compensar essas cobranças aceleradas e um desses meios é o consumismo desenfreado. Dessa forma, para Lipovetsky (2004) o hiperconsumo começa a se expressar como resposta de satisfação duradoura frente a essas organizações temporais, procurando “renovar as vivências temporais e revivificá-las por meio das novidades que se oferecem como simulacros de aventura”. (Lipovetsky, 2004 p.79)

Já Bauman (1998), coloca a sociedade atual numa posição na qual o consumo é a medida para a vida bem-sucedida, medida esta sempre expandida diante da necessidade de consumir diferentes e novos produtos. Para o autor, não há limite para o consumismo contemporâneo, pois não há limite para os poderes de sedução da indústria de mercado, que deve sempre criar um novo sonho para seus consumidores e alçar esse sonho a sua última potência, passando uma mensagem bem clara: “não existem modelos, exceto o de se

apoderar-se de mais e não existem normas, exceto o imperativo de ‘saber aproveitar bem as cartas que se dispõe’”. (Bauman, 1998, p. 56).

Essa tendência se desenvolveu ao que Lipovetsky (2007) chamou de turboconsumismo, um consumismo especializado, altamente individualista, que se expande a todos os cenários da vida contemporânea cooptando viajantes, crianças, classes menos favorecidas, religiosos, militantes ecológicos, dentre outras classes que poderiam estar alheios ao mercado capitalista. Essa tendência se expressa principalmente nos shopping centers atuais, conforme colocam Pinheiro e Soares (2009).

Assim, ocorreu uma expansão do consumismo para todos, especialmente por meio de mídias eletrônicas e adaptações a necessidades de pessoas que não participavam ativamente do mercado capitalista. Se formou um mercado polissêmico sem limites para o consumo e para o raio de abrangência da sua variedade de produtos e ofertas expandindo assim seu efeito sedutor.

Dessa forma, vemos um consumismo mutante que ao mesmo tempo em que oferece uma saída para o cotidiano contemporâneo acelerado, oferece outra possibilidade de escolha e de preenchimento do tempo contemporâneo, seduzindo continuamente este indivíduo para consumir o mais novo item do mercado. Este mercado possui ofertas e seduções para todos os tipos de clientes, não há mais limite de público para ele, pois ele já cooptou de uma maneira ou outra os mais diversos tipos de gêneros, classes e indivíduos, inclusive os idosos.

c. Impactos no indivíduo: incertezas, medo e confusões.

Outra consequência do período contemporâneo é a incerteza, não somente do indivíduo em relação ao seu destino conforme coloca Bauman (1998), como também a respeito do futuro de um mundo em mudança e da forma correta de se viver nesse mundo, ou

do medo de errar. Essa incerteza não é mais vista como um inconveniente temporário, mas como uma condição permanente e imutável. Ela é acompanhada por um estado de desordem no mundo, no qual as estratégias e formas políticas foram privadas de uma lógica e crises colaboram para um sentimento de insegurança em relação ao futuro dos países. Tais características acompanham o desaparecimento das redes de segurança tecidas e sustentadas socialmente com a contínua ameaça dos empregos e das posições sociais. “Meio de vida, posição social, reconhecimento da utilidade e merecimento da autoestima podem todos desvanecer-se simultaneamente da noite para o dia e sem perceber” (Bauman, 1998, p. 35).

Outras redes de segurança que o autor coloca, como a família e a vizinhança, foram enfraquecidas permeadas por uma dinâmica do consumismo que insere o outro como uma potencial fonte de experiências agradáveis, gerando laços afetivos que não são pensados como duradouros e nem tratados como tal. Esses laços, que antes eram criados e mantidos por habilidades inatas dos indivíduos, agora são mediados, seja por ferramentas tecnológicas ou pelas coletividades e situações presentes nos locais laborais.

Observamos então um estado de insegurança perpétuo que os indivíduos experimentam em seu cotidiano, situação que é alavancada pela fragilidade das redes de segurança familiares e de amigos que não dão mais suporte a esses indivíduos apenas os providenciando com mais incertezas sobre a qualidade dos seus relacionamentos pessoais.

Essas inseguranças e incertezas são reforçadas por um sentimento de medo que toma proporções próprias, segundo Bauman (2007), e se multiplica ao adotarmos atitudes defensivas que o reforçam e o tornam tangível. A partir da incapacidade de prever esses medos, tomamos cuidados e nos concentramos nas ações que podemos controlar, como evitar lugares com cigarro (cuidado à saúde) ou contratar um segurança particular.

No entanto, tais ações somente reforçam o medo:

Cada fechadura extra na porta da frente, em reação aos sucessivos rumores sobre criminosos de aparência estrangeira cobertos por mantos cheios de adagas, e cada revisão da dieta, em resposta aos sucessivos “pânicos alimentares”, fazem o mundo parecer mais traiçoeiro e assustador, estimulam mais reações defensivas – que vão, infelizmente, acrescentar vigor à capacidade do medo de se auto propagar. (Bauman 2007 p.18).

Dessa forma, vemos que o medo e a insegurança ampliam o sentimento de incerteza presenciado no cotidiano, deixando os sujeitos contemporâneos com uma maior sensação de descontrole diante da sua vida.

Nesse sentido, para Bauman (1998), o indivíduo moderno passou de uma identidade atribuída, firme e designada por algumas convenções sociais existentes, para uma identidade realizada, de responsabilidade dos próprios indivíduos. Nesse contexto, o autor coloca uma dificuldade dos indivíduos de manter uma identidade duradoura, para não ter de abandoná-la em um momento seguinte, o que se relaciona com a mais dolorosa das ansiedades, “a instabilidade da identidade da própria pessoa e a ausência de pontos de referência duradouros, fidedignos e sólidos, que contribuiriam para tornar a identidade mais sólida e segura” (Bauman, 1998. p.155).

A partir disso, o autor coloca que a imagem de si mesmo se parte numa série de instantâneos, nos quais as pessoas vivenciam uma série de novos começos e se experimentam de formas instantaneamente agrupadas, porém que podem facilmente ser desarranjadas em “identidades de palimpsesto” (p.36).

Assim, Lipovetsky (2004) coloca esse indivíduo como apressado e sensível, buscando uma vida equilibrada e com lazer. Os excessos são contrabalanceados pelos clamores de melhorias na qualidade de vida e ambos concluem em uma sociedade organizada por um caos

paradoxal e uma desordem organizadora. Dentro desse conflito temos um indivíduo fragilizado, socialmente independente e flexível:

[...] Deixado a si mesmo, desinserido, o indivíduo se vê privado dos esquemas sociais estruturantes que o dotavam de forças interiores que lhe possibilitavam fazer frente às desventuras da existência. À desregulamentação institucional generalizada correspondem às perturbações de estado de ânimo, à crescente desorganização das personalidades, a multiplicação de distúrbios psicológicos e distúrbios queixosos. [...] Assim, a época ultramoderna vê desenvolver-se o domínio técnico sobre o espaço tempo, mas declinarem forças interiores do indivíduo. Quanto menos as normas coletivas nos regem nos detalhes, mais o indivíduo se mostra tendencialmente fraco e desestabilizado. Quanto mais o indivíduo é socialmente cambiante, mais surgem manifestações de esgotamentos e “panes” subjetivas. Quanto mais ele quer viver intensa e livremente, mais se acumulam os sinais do peso de viver (Lipovetsky, 2004 p.84).

Bastos (2006), corrobora com essa discussão afirmando que o individualismo da sociedade moderna fragmentou os ciclos familiares, os de origem e as tradições profissionais. Ele afirma que a partir desses moldes são construídas relações impessoais e percursos de carreiras planejadas, pensados rigidamente desde uma competição e ascensão até uma decadência pela impotência produtiva e uma morte daquele indivíduo para o mercado. Ele comenta que o mercado muitas vezes não mostra interesse no idoso, imprimindo aposentadorias compulsórias, a partir do requerimento de um saber mais especializado presente nos jovens.

O autor coloca que esse individualismo conduz também ao isolamento social dos idosos improdutivos e conduz muitos destes que não conseguem mais manter a sua autonomia para os asilos. Dessa forma, para estes “o que resta é a previdência social e os planos de saúde, para quem a idade é sinônimo de prejuízo, e o idoso se vê considerado um fardo para o sistema”. (Bastos, 2006 p.304).

A partir desse contexto, observamos que as condições contemporâneas oferecem um estilo de vida acelerado, na qual as escolhas dos indivíduos podem estar pautadas por ansiedades e inseguranças do momento presente e constituem um passado fragmentado pelas escolhas ofertadas que o sujeito não pôde dar conta. O contínuo fluxo temporal não permite que esse sujeito permaneça muito tempo preso em algum aspecto de sua vida, pois a aceleração e o fluxo de mudanças e de consumo logo tornam as pessoas que não mudam como retrógradas e resistentes. O futuro desses sujeitos é cercado de incertezas e situações imprevisíveis que podem eliminar boa parte do controle que o indivíduo tenha sobre a sua vida.

Figura 1. Características da sociedade contemporânea.

Características da sociedade contemporânea	
Situação Geopolítica	Fragilidade das Instituições, Estados e ideais (Bauman, 2007). Ascensão dos domínios e interesses privados e dos interesses científicos e de mercado (Lipovetsky, 2004).
Tempo	Apressado, comprimido, desregulado, dessincronizado (Beriain, 2009). Líquido (Bauman, 2007) e em conflito (Lipovetsky, 2004).
Comportamentos característicos	Hiper consumismo (Lipovetsky, 2004) Sedução do mercado (Bauman, 1998). Ansiedades, incertezas, medo (Bauman, 1998). Incerteza diante do futuro (Lipovetsky, 2004).
Consequências sobre os indivíduos	Individualismo, controle situacional, identidades de palimpsesto (Bauman, 1998). Indivíduo fraco, socialmente flexível, que equilibra excessos com prazeres hedonistas (Lipovetsky, 2004).

Fonte: Adaptado a partir de Lipovetsky (2004), Bauman (1998, 2007) e Beriain (2009).

Observamos que os idosos da pesquisa se referem à situação contemporânea contemplada, especialmente a precariedade das relações humanas e dos valores humanos na atualidade e que muitos prezam pelas condições e relações que possuem na atualidade frente a esse pano de fundo hodierno.

Tal cenário pode aparentar pessimismo, mas é também cercado de pequenos prazeres que ocorrem no presente e que compensam as incertezas do futuro e a fragmentação do passado. Para descobrir como esse contexto pode incidir sobre as formas de envelhecimento do idoso é necessário investigar sobre estas formas nas quais a velhice é vista na atualidade.

3. ASPECTOS DA VELHICE CONTEMPORÂNEA

A velhice na contemporaneidade pode ser vista por múltiplas visões, dentre estas, visões econômicas, biológicas, históricas, a partir de panoramas positivos e negativos, vista isoladamente ou dentro de um espectro maior do desenvolvimento humano. Cada uma dessas visões tem seu determinado impacto sobre como indivíduo idoso apreende o seu envelhecimento e por isso é necessário adentrar mais detalhadamente em cada uma delas.

a. Visão Biologista

Estas visões citadas são muitas vezes permeadas por uma visão social peculiar do idoso, intitulada visão biologista e comportamentalista do desenvolvimento que, a partir de Siqueira et al. (2002), coloca os idosos como portadores de múltiplas patologias e que a sociedade deve agir para retardá-las. Nessa perspectiva, são avaliados perfis populacionais e epidemiológicos, designando o envelhecimento como um problema que requer medidas do governo e da sociedade, visando melhorias nas ações políticas de saúde.

Groisman (2002), também apresenta esta visão afirmando que ela coloca a velhice como um estado de degeneração do organismo, que acarretaria numa diminuição da capacidade do indivíduo de sobreviver. Porém o autor coloca que esse critério é falho, pois as pessoas numa mesma idade podem estar em diferentes estados de envelhecimento, fato que também pode ocorrer em partes distintas do organismo de uma pessoa.

Esse discurso é enfatizado por Debert (1994), que o situa como a abordagem inicial pela qual a gerontologia tratava os idosos, a partir de um desgaste fisiológico, utilizado para propor medidas de higiene e cuidado de si para retardar o envelhecimento.

Assim, observamos o paradigma dos corpos e seres humanos continuamente testados dentro de uma perspectiva de riscos biomédica que determinam nossos comportamentos e atitudes, para que possamos evitar possíveis doenças. Nestas perspectivas, podemos chegar aos extremos colocados por Rouanet (2003), nos quais buscam-se diversos meios de orientar o comportamento das pessoas a partir dos aparatos preditórios médicos, nos quais as vontades e subjetividades próprias do humano são eliminadas. O idoso pode até ser visto como alguém que está vivendo mais, mas que deve em primeira instância viver vigilante para que seus atos não desencadeiem riscos pré-determinados de doença para si.

A partir dessa visão, observamos os idosos como pessoas que estão continuamente declinando, tratando assim o envelhecimento como uma patologia que paulatinamente consome e diminui a capacidade desses indivíduos de sobreviver. Nessa perspectiva, também observamos a adoção de uma ética de redução de riscos de doenças que cresce na medida em que o indivíduo envelhece.

b. Visão economicista

Essa visão é muitas vezes complementada por uma visão economicista da velhice, segundo Siqueira et al. (2002), sendo representada por geriatras, gerontologistas e por cientistas políticos que direcionam sua atenção para uma visão do idoso dentro da estrutura social produtiva e a relação deste com o mercado de trabalho. Nesse quesito é discutida a passagem do idoso para a categoria de ex-trabalhador e sua visão como um cidadão inativo e

improdutivo. Assim o discurso dos autores, assume um contorno político que conclama uma luta social, e os idosos são vistos como sujeitos de direitos que devem lutar para mantê-los.

Essa perspectiva é citada por Debert (1994) como orientadora de disciplinas que começaram a surgir dentro da gerontologia, se colocando como especialistas em diversos campos que envolvem a velhice. Assim, a autora cita a demografia como responsável pelo campo econômico financeiro, analisando a relação entre a população ativa e aquela que está fora do mercado de trabalho. A autora se refere também aos experts em administração pública, que vão calcular o dinheiro recebido por cada um desses idosos e calcular o quanto estes vão receber de pensão.

A partir disso, observamos que essa visão trata o idoso como um ativo econômico, ou seja, como alguém mensurado antes pelas suas utilidades produtivas do que pelo que ele é como pessoa. Ela reduz os idosos a fardos de um sistema de produção e os coloca como refugos desse sistema, constantemente os situando como inimigos das contas públicas de um Estado, ou como indivíduos que devem lutar por seus direitos de aposentadoria.

c. Visão socioculturalista

Assim, Siqueira et al. (2002) colocam uma terceira perspectiva sobre o idoso, denominada socioculturalista. Nesta perspectiva, o idoso é visto como uma construção social que é variante em cada época e que as perspectivas de evolução científicas não suprem a demanda total de fatos que ocorrem na velhice. Dessa forma, as nomeações para o que se considera velhice são consideradas arbitrárias, sendo reconstruídas nos períodos dinâmicos contemporâneos.

Para Debert (1994), todas as categorias de idade são construções sociais. A autora disserta que jogos, brincadeiras e outros recursos institucionais, como as escolas, foram sendo

instaurados ao longo dos tempos e associados a essa nova construção de infância e a sua preparação para a fase adulta. De forma semelhante, a autora aponta que a modernidade construiu outra perspectiva social de adulto, mais séria e independente, diferente da presente na idade média, caracterizadamente mais espontânea e sem expressões de culpa ou vergonha.

Nessa visão, Silva (2008) coloca a construção de uma identidade do idoso como inválido e incapaz de produzir, ligada ao processo de industrialização e ao pensamento consequente desse processo que iniciou o movimento das aposentadorias na França. Nesse sentido, há a criação de uma situação ambivalente para o idoso, pois ao mesmo tempo em que ele se torna um indivíduo inválido frente à sociedade, ele também se torna uma pessoa de direitos que podem ser exigidos.

Essa perspectiva do envelhecimento também é apresentada por Bastos (2006), que argumenta que o envelhecer e a decrepitude em nenhum momento da história da humanidade foram tratados de formas negativas.

Dessa maneira, a construção de uma visão digna do idoso na modernidade está associada com a criação e disseminação do termo terceira idade, que, ao contrário do termo velho, não designava mais os sinais de decadência física e incapacidade produtiva, segundo o raciocínio de Silva (2008). Concomitantemente, se iniciou uma associação a um estado de bem viver, o que ajudou a propagar o termo e os aspectos positivos ligados a ele e deu uma imagem positiva a velhice. Essa transformação acompanhou a passagem para a aposentadoria de camadas médias da população, grupo que possuía hábitos sociais e culturais mais sofisticados. Esse fato encorajou agências e profissionais específicos para atender a novas demandas de lazer e de consumo e para identificar e descrever condições de vida e desejos desses sujeitos. Assim, estudos sobre as necessidades psicológicas e culturais deles ganharam força, incentivando a criação de espaços de convivência e universidades específicas para este novo público.

Com isso, notamos que a construção da noção de velhice perpassa um processo histórico, no qual este conceito foi sendo modificado com o passar do tempo e que o construído na atualidade dá um espaço de maior protagonismo ao idoso.

d. Visão existencial e transdisciplinar

Além dessa percepção historicamente constituída, Siqueira et al., (2002) traz também uma visão transdisciplinar da velhice, pois esta não a aborda diante de determinados segmentos da realidade deste velho, mas a partir da totalidade existencial do idoso em sua relação com a sociedade em que vive, na medida em que se defronta com problemas econômicos, biológicos, e socioculturais que singularizam seu processo de envelhecimento.

Neste sentido a autora se ampara principalmente na visão de Beauvoir, (1990), quem define a velhice como uma “multiplicidade de aspectos irredutíveis uns aos outros” (p.17), pois a velhice para ela se situa entre as visões exteriores que os outros dão a esse idoso e a experiência vivida que cada idoso possui sobre o seu processo de envelhecimento.

A autora desenvolve em seu estudo um longo tratado sobre a velhice, situando aspectos biológicos, históricos e etiológicos que conceituam a velhice a partir de um panorama externo a ela, como também situando a velhice em diversas autobiografias, nas quais avalia o envolvimento destes idosos com diversos aspectos de suas vidas, como a vivência com o corpo, o tempo, a sexualidade, a vida cotidiana, seus ofícios passados e presentes.

Na maior parte destes casos ela busca compreender as diferentes formas da velhice em sua totalidade, ao trazer como os outros pensavam dos idosos e como estes se portavam frente às sociedades de seus tempos. Ela traz que a velhice é o que acontece com as pessoas quando envelhecem, independente das nomações e conceitos exteriores que são dadas a

esses velhos pelos outros. Dessa forma, para a autora a condição de idoso é definida pela sua relação com os outros, por isso, qualquer recorte realizado será arbitrário se não considerar essa relação dialética entre o Ser do idoso e os outros seres.

A autora realiza duras críticas à forma como a nossa sociedade capitalista trata os idosos e a diferença entre os idosos de classes abastadas e os idosos menos favorecidos, mas coloca uma solução para que a velhice não seja uma “parodia de nossa existência anterior” (p.661), esta é a de dedicar-se a causas, coletividades trabalho social e político e a conservação de paixões.

Observamos que o conceito transdisciplinar e existencial de velhice conclama que a condição deste velho só poderá ser definida frente a uma visão total e existencial desse indivíduo em sua relação com a sociedade. Esse olhar, somado a um modelo historicamente constituído do idoso, o confere uma perspectiva mais digna de sua vida.

Figura 2. Construções sobre o conceito de velhice.

Construção do conceito de velhice	
Visão biologista	Os idosos são vistos como organismos que estão enfraquecendo e perdendo capacidades cognitivas e físicas (Siqueira et al., 2002).
Visão Economicista	Os idosos são vistos como fardos econômicos para a sociedade sustentar (Siqueira et al., 2002).
Visão Sócio-culturalista	Os idosos são vistos a partir de categorias socialmente construídas, dentro de uma perspectiva sócio histórica específica. (Silva, 2008).
Visão Transdisciplinar	A velhice é vista a partir de uma multiplicidade de aspectos, numa totalidade, a partir da relação dialética entre o ser velho e os outros seres. (Beauvoir, 1990).

(Fonte: Adaptação a partir de Siqueira et al.,(2002), Silva (2008) e Beauvoir (1990).

Desse modo, observamos diferentes apreensões teóricas que partem de perspectivas diferentes para delimitar o idoso. A perspectiva biológica parte de uma ênfase médica e

orgânica, a qual corresponde muitas vezes a uma visão do senso comum do que se considera o idoso. Já a perspectiva economicista se associa a um viés econômico e produtivo, um olhar social no qual o idoso está inserido e que ele terá invariavelmente muito contato durante a sua vida, pois também perpassa noções muito presentes no cotidiano social do idoso, mesmo que ele não tenha trabalhado formalmente. As duas últimas possibilidades são menos difundidas e que encerram uma perspectiva mais ampla do idoso, tanto como uma categoria em construção histórica, como alguém quem deve ser visto a partir de um prisma amplo e global.

e. Visões positivas sobre o idoso

Assim, vemos que Baltes e Smith (2006) também ressaltam essa visão positiva do idoso a partir de um maior ganho em competências físicas e mentais nos idosos dos países desenvolvidos. Esses ganhos seriam de cinco bons anos de vida, comparando os idosos de 70 anos de hoje aos idosos de 65 anos de 30 anos atrás. Eles atribuem tais ganhos a melhores condições sociais, econômicas, materiais e de amparo médico, mas em específico aos aspectos cognitivos, “a condições de vida favoráveis associadas com o trabalho e o lazer” (p.15).

Tais ganhos estimularam uma cultura otimista em relação à velhice, na qual esta passou a se observar o idoso como alguém com uma capacidade generalizada para responder aos desafios biológicos, mentais, auto conceituais, interpessoais e socioeconômicos. Essa cultura está relacionada a diversas teorias. Dentre estas, abordamos os enfoques do envelhecimento bem sucedido, a abordagem do envelhecimento ativo e a proposta do envelhecimento satisfatório.

i. Envelhecimento bem-sucedido.

Esse conceito é abordado por Rowe e Kahn (citado por Lima, Da Silva, e Galhardoni, 2008), como composto por três características: engajamento com a vida, manutenção de altos níveis de habilidades funcionais e capacidades relacionadas à prática de hábitos saudáveis para a redução de riscos. Segundo Baltes e Baltes (1990), o conceito de envelhecimento bem sucedido está relacionado com uma resiliência das pessoas em conseguir um balanço positivo entre perdas e ganhos na velhice, estando sua discussão relacionada com a busca de um maior potencial do envelhecimento.

Dessa forma, Ouwehand, de Ridder, e Bensing (2007) colocam que os critérios para um envelhecimento bem sucedido foram inicialmente propostos por Havighust e se relacionavam com sentimentos internos de felicidade na vida. Eles citam também a definição proposta por Ryff, que considera não somente a satisfação com a vida, mas também o crescimento e progresso na velhice, colocando cinco dimensões relacionadas: aceitação pessoal, relações positivas com outros, controle sobre o seu meio, sentido na vida e crescimento pessoal.

Essa perspectiva é corroborada por Baltes e Smith (2006), gerontólogos que afirmam a velhice como não apenas um período de perdas, mas também de ganhos, pois as perdas biológicas poderiam ser supridas em boa parte pelos aportes culturais que estes indivíduos puderam adquirir ao longo de suas vidas. Eles também trazem estudos que evidenciam um ganho dos idosos com inteligência emocional, pelo fato destes aprenderem a lidar melhor com eventos estressantes de suas vidas, especialmente em idosos que lidaram com problemas de relacionamento interpessoal e com problemas existenciais. Tais autores colocam também uma capacidade reguladora adaptativa presente em muitos idosos, na qual eles apresentam capacidade de ter um senso de controle positivo e um otimismo, mesmo com as perdas de saúde e problemas que podem estar enfrentando na velhice.

Assim, a perspectiva do envelhecimento bem-sucedido surge como uma das perspectivas pioneiras na mudança da visão do idoso, como alguém que ainda pode ter ganhos e crescimento nessa fase da vida, a partir da mudança para um estilo de vida que englobe fatores positivos, especialmente os fatores psicossociais.

ii. Envelhecimento Ativo

Outra teoria relevante sobre o envelhecimento é a teoria do envelhecimento ativo, proposta pela Organização Mundial da Saúde - OMS (2005), a partir de um “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (p. 13). Assim, essa proposta se aplica a adultos e a idosos, permitindo que os idosos percebam o seu potencial para o bem-estar físico, mental e social.

Nesse sentido, a palavra ativo não estaria relacionada com a capacidade de estar fisicamente ou economicamente ativo, mas com uma participação contínua nas questões sociais, culturais, econômicas, civis e espirituais. Dessa forma, inclui pessoas com necessidades especiais que possam estar engajadas na vida de seus familiares e na sua comunidade. Ela envolve uma interdependência e uma solidariedade entre gerações e membros de uma comunidade e família, incentivando trocas de conhecimento entre os mais jovens e os mais velhos e a manutenção da autonomia durante todo o processo de envelhecimento. Assim, segundo a organização mundial da saúde, o envelhecimento ativo busca passar uma mensagem de um envelhecimento saudável para além de cuidados com a saúde, ampliando para uma ideia que abrange a conquista de direitos humanos das pessoas. Com isso:

O planejamento estratégico deixa de ter um enfoque baseado nas necessidades (que considera as pessoas mais velhas como alvos passivos) e passa ter uma abordagem baseada em direitos, o que permite o reconhecimento dos direitos dos mais velhos à igualdade de oportunidades e tratamento em todos os aspectos da vida à medida que envelhecem. (ONU, 2005, p. 14).

Dessa forma, a proposta do envelhecimento ativo surge como um programa em maior escala para incentivar uma maior participação e atividade dos idosos em seus contextos pessoais, sociais e políticos, ao propor uma maior autonomia destes e uma maior troca intergeracional entre idosos e jovens.

iii. Envelhecimento Satisfatório

Apesar de tais proposições, essa concepção traz na prática uma inserção de tais pessoas no mercado de trabalho, a partir da concepção de Cuenca, Monteagudo e Bayón, (2012). Eles tomam como referência um relatório sobre o envelhecimento europeu que visa a implementação de políticas de saúde voltadas para o envelhecimento ativo da população europeia. Os autores colocam que esse documento procura criar melhores condições de trabalho a idosos, aumentar o papel ativo destes e promover um envelhecimento saudável e uma vida independente. Porém, esse documento coloca que, diante do contínuo envelhecimento da população, a manutenção das atuais políticas relativas aos idosos pode alterar consideravelmente a solidariedade intergeracional, pois a população trabalhadora seria cobrada a aumentar suas exigências de trabalho, a fim de pagar os custos de uma sociedade aposentada em expansão.

A partir disso, elaboraram as seguintes estratégias: estimular uma maior natalidade nas famílias para aumentar o número de jovens, aumentar a geração de cargos de trabalho para os idosos, aumentar a idade de aposentadoria e prover uma maior receptividade e integração aos trabalhadores imigrantes.

Dessa forma, os autores argumentam que o discurso por trás da política do envelhecimento ativo é um discurso a serviço de uma lógica de mercado e competitividade. Tal viés é semelhante à visão econômica apresentada anteriormente, na qual os idosos são um fardo para a sociedade ativa manter, fato que as políticas públicas querem corrigir pela maior implantação destes no mercado de trabalho.

Diante de tal contexto, os autores apresentam o modelo de envelhecimento satisfatório como independente de uma concepção ativista, associado ao conceito de ócio como uma experiência de desenvolvimento humano, consignada ao sentimento de implicação com a vida e a manutenção de relações sociais. A partir disso, é que os autores evidenciam uma ligação direta entre experiências de ócio e um envelhecimento positivo a partir de uma maior implicação vital subsequente, que propicia a pessoa: criação e fortalecimento de relações pessoais, promoção de atitudes criativas, geração de oportunidades para o desenvolvimento de uma personalidade lúdica e promoção de situações de aprendizagem ao longo da vida.

Para isso, os autores consideram o ócio como um conceito para além da atividade e do tempo livre. Há de se salientar também que esse termo tem significado polêmico no Brasil, visto sua associação com uma conotação de ociosidade e vagabundagem, fato denunciado por Aquino e Martins (2007; 2008) e Martins (2013). Essa associação, para os autores está ligada a um contexto cristão protestante e industrial, que condena o cidadão que não trabalha. Em vez disso, os autores enfatizam uma visão do ócio como uma ocupação desejada, voluntária, satisfatória, que não depende de fatores econômico-sociais, subjetiva e proporcionadora de um engrandecimento pessoal ímpar para o sujeito que a pratica. Martins (2013) reforça o

caráter de experiência presente nessa prática que integra uma condição humana muitas vezes esquecida na atualidade.

Nesse sentido, Cuenca, Monteagudo e Bayon (2012) afirmam que as pessoas que realizam experiências ao longo de sua vida, percebem uma correlação entre ócio e bem-estar e envelhecem de modo positivo e satisfatório, ressignificando o seu cotidiano e sua participação comunitária e social.

A partir desses referenciais, vemos que o envelhecimento ativo é colocado pela Organização Mundial da Saúde como uma perspectiva de potencialização de um envelhecimento positivo, porém, observamos que as prerrogativas de políticas nas quais ele é usado ressaltam o seu caráter ativo dentro de parâmetros de uma sociedade produtiva e de mercado, aspecto diferente do ressaltado pela perspectiva de envelhecimento satisfatório, que propõe uma ressignificação das atividades cotidianas dessas pessoas ao longo de sua vida a partir de experiências de ócio. Podemos observar que esta concepção também é bem próxima de algumas concepções de envelhecimento bem-sucedido.

Figura 3. Visões Positivas sobre o idoso

Visões positivas sobre o idoso	
Envelhecimento bem-sucedido	Buscou inicialmente elencar fatores que ajudariam os idosos a envelhecer com qualidade de vida, enumerando perspectivas teóricas que demonstravam ganhos no envelhecimento e não somente perdas. (Baltes e Smith, 2006).
Envelhecimento ativo	Um modelo proposto pela Organização Mundial da Saúde, que incentiva a participação do idoso em atividades sociais, políticas, físicas e espirituais, estimulando um cuidado de longo prazo das pessoas com seu envelhecimento. (OMS, 2005)
Envelhecimento satisfatório	Um modelo que considera intrínseca a relação entre experiências de ócio e um envelhecimento positivo. Isto ocorre a partir de uma maior implicação vital dos idosos, fortalecimento das relações pessoais, promoção da criatividade, desenvolvimento de uma personalidade lúdica. (Cuenca, Monteagudo e Bayón, 2012).

(Fonte: Adaptado a partir de Baltes e Smith (2006), OMS (2005) e Cuenca, Monteagudo e Bayon (2012)).

Dessa forma, observamos que, apesar da concepção de envelhecimento satisfatório criticar o conceito de ativo presente nas prerrogativas do envelhecimento ativo, tal crítica não invalida o tipo de atividade que o envelhecimento ativo demanda que é um maior protagonismo do indivíduo nas diversas facetas de sua vida, não necessariamente somente a partir de um viés produtivo.

f. Ciclo de vida de Erikson

Tais concepções sobre o envelhecimento trazem em suas definições uma perspectiva que o envelhecimento não abrange somente a última fase da vida, mas que este se inicia em um momento anterior e que seu ápice é a velhice. Uma das primeiras teorias que abordaram esse viés sobre o humano foi a teoria do ciclo de vida de Erik Erikson.

Nesta teoria, Erikson, Erikson, e Kivnick, (1986) abordam o envelhecimento como um dos aspectos de seu ciclo de vida. Este abrange um desenvolvimento intergeracional e epigenético, pois engloba mais de uma geração a partir de uma visão temporal e espacial de cada fase do desenvolvimento. Assim, os autores trazem oito fases do desenvolvimento, comentando que cada fase é permeada por uma dialética de atitudes opostas entre si e que articulam o envolvimento dessa pessoa com o seu ambiente e com os outros. A dialética é permeada pelas disposições sintônicas e distônicas, a primeira destas uma disposição positiva e a segunda uma disposição negativa de si, e que o envolvimento vital do indivíduo depende de um equilíbrio entre essas duas disposições.

Essas disposições, segundo Lima, Coelho, e Günther, (2011) estão relacionadas a tendência à harmonia e ao equilíbrio interno (sintônico) e à desarmonia e desarrajo

(distônico). Dessa forma, cada fase está relacionada com um equilíbrio dinâmico entre essas tendências e a resolução da crise não significa a prevalência de um elemento sobre o outro, mas simplesmente que diante da experiência das duas tendências uma delas foi predominante sobre a outra. Já Erikson et al. (1986), falam que mesmo com a predominância de uma tendência negativa durante parte de sua vida o indivíduo pode reintegrar e experimentar esses eventos posteriormente. Tais tendências são mostradas a seguir, na figura 1:

Figura 4 Estágios de desenvolvimento psicossocial de Erikson

Estados	Estados e modos psicosexuais	Crises psicosexuais	Raio de relações significativas	Forças Básicas	Patologias Básicas
I. Infância	Oral respiratório, sensorial kinestésico	Confiança Básica versus desconfiança básica	Mãe	Esperança	Retraimento
II. Infância Tardia	Anal uretral, muscular	Autonomia versus vergonha	Pais	Força de vontade	Compulsão
III. Idade do Jogo	Genital – Infantil, locomotor	Iniciativa versus culpa	Família	Propósito	Inibição
IV. Idade Escolar	Latência	Indústria versus inferioridade	Escola	Competência	Inércia
V. Adolescência	Puberdade	Identidade versus confusão	Grupos de pares e exogrupos, modelos de liderança	Fidelidade	Repúdio
VI. Juventude	Genitalidade	Intimidade versus isolamento	Amizades, sexo, competição cooperação	Amor	Exclusividade
VII. Aduldez	Procreatividade	Generatividade versus estagnação	Trabalho dividido, casa compartilhada	Cuidado	Atitude rechaçadora
VIII. Velhice	Generalização dos modos sensuais	Integridade versus desespero	Espécie humana	Sabedoria	Desdém

(Fonte: Adaptado de Erikson, 2011, p. 41).

Dessa maneira, Erikson, Erikson e Kivnick (1986) afirmam que, para cada estágio do desenvolvimento psicossocial do ser humano existem as forças vitais, que são as tendências

positivas que devem ser alcançadas em cada fase para um desenvolvimento ótimo e às más adaptações e tendências malignas, predisposições negativas do desenvolvimento humano. Essas tendências são influenciadas pelas disposições sintônicas e distônicas, sensíveis ao envolvimento social do indivíduo. Este envolvimento social está relacionado com a mutualidade das relações sociais desse indivíduo, que dirão da prontidão dele para se inserir nos ritos sociais e ser reconhecido socialmente a partir disso.

Nesse sentido, para Erikson, (2011) o oitavo estágio corresponde ao estágio da velhice, ocorrendo a partir dos 60 anos e sendo descrito pelo autor como uma dialética entre a integridade e a desesperança, a partir da qual poderá surgir a força vital da sabedoria. A integridade está ligada a uma busca pela sabedoria, que para Erikson perpassa uma preocupação informada e desapegada pela vida frente à morte, como também uma atenção à simplicidade da vida cotidiana. A desesperança é colocada pelo autor a partir das diversas perdas do idoso, e deve ser contrabalanceada por um sentimento de esperança do sujeito, ao qual o autor faz referência a palavra fé. Esta é trazida pelo autor em sua grande variedade de relações, com ênfase na crença nas próprias capacidades do sujeito e um regresso à confiança básica que os bebês devem alcançar ao início da vida, associadas à reitualizações vitais que os idosos devem fazer frente à finitude. O autor também dá grande ênfase a generatividade do idoso e sua ligação familiar com as gerações futuras, o que garante um compromisso vital que é necessário para permanecer vivo nessa idade.

Erikson (2011) também coloca um nono estágio, criado frente à atualização da teoria do ciclo vital. Essa fase surge a partir dos 85 anos, mas pode aparecer mais cedo em alguns idosos, dependendo de como estes experimentaram a sua vida ou de doenças que podem tê-los acometido. Nessa fase, alguns elementos distônicos que o indivíduo deve superar ao início da vida podem reaparecer, tais como a desconfiança básica em seus movimentos e nas suas capacidades motoras, e o idoso pode perder algumas forças básicas como a esperança e a

força de vontade. Assim, outros elementos distônicos que podem aparecer para o idoso são a inferioridade competitiva, o conflito de papéis e identidade, o isolamento social, a ausência de ligações familiares e a desesperança. Sobre a desesperança neste último estágio Erikson aponta que é um sentimento inevitável, pois deve se estabelecer em algum momento da vida do idoso. Porém, Erikson fala que se o idoso superar estas barreiras ele pode entrar no estágio da gerotranscendência. Ela é resultante da sabedoria e implica em um abandono de uma visão racionalista e material, uma retirada de si paulatina e reflexiva e uma superação do medo da morte frente à felicidade diante da vida, da valorização de pequenos momentos e da abertura ao desconhecido e a vivência da vida.

Nesse âmbito, Erikson, et. al. (1986), chamam a atenção para os conflitos não resolvidos da existência do indivíduo, que podem vir à tona nesse período, além da perda de algumas habilidades e do cuidado do quê ou quem foi gerado nessa idade. Assim, os autores também chamam atenção para a atualidade e a mutualidade dos envolvimento afetivos e as separações previsíveis desse idoso, colocando a importância de uma maior conscientização de si, esta sendo essencial para um maior envolvimento do idoso, devendo ser abordada como uma característica inclusiva e importante frente à finitude.

Assim, percebemos que o número de possibilidades positivas referentes ao envelhecimento está relacionado com uma maior consciência de si, podendo ter diversas considerações positivas, pois os idosos podem compensar diversas perdas relacionadas a esse período de vida, o que as teorias do envelhecimento satisfatório e positivo concordam. Dessa forma, observamos também que as concepções desenvolvimentistas de Erikson colocam diversos parâmetros que podem influenciar a vida do idoso a partir de uma superação ou não dos desafios presentes ao longo de seu desenvolvimento no nível de envolvimento social e afetivo que ele possui.

g. Limites e estigmas da velhice

Porém, vemos que alguns autores trazem alguns problemas específicos à situação do idoso. Baltes e Smith (2006), colocam que os dados sobre a qualidade de vida do idoso são referentes especialmente a países desenvolvidos e que tais avanços são limitados aos idosos da terceira idade, pois os autores observam que muitos dos avanços cessam a partir dos 80 anos, idade em que são observadas perdas cognitivas irreversíveis. Eles inclusive falam que essas descobertas podem frear o entusiasmo dos chamados gerontólogos felizes que somente divulgam fatos positivos sobre o futuro da velhice.

Para além dessa limitação, encontramos a crítica de Bastos (2006b), para quem os avanços no envelhecimento bem-sucedido são exagerados, afirmando que, mesmo com os avanços da medicina, não será possível aumentar a expectativa de vida da humanidade para além dos 85 anos de idade. Ele fala ainda que muitos dos avanços da medicina só estão disponíveis em grande parte para aqueles que podem pagar por eles, e, por isso, os idosos com menor poder aquisitivo estariam deixados à própria sorte e suscetíveis a todos os prejuízos anteriormente citados.

Dessa forma, observamos que os avanços científicos em relação à longevidade podem não ser tão otimistas quanto algumas propostas de envelhecimento anteriores colocam e que essas propostas vão de encontro a condições biológicas do corpo humano presentes após os 80 anos e às condições financeiras da população. Vemos assim que na prática, algumas das prerrogativas de envelhecimento saudável só são acessíveis a alguns sujeitos, preferencialmente de países mais desenvolvidos e de melhores condições econômicas.

Em consonância, temos o raciocínio de Debert (1994), quem coloca que a gerontologia atual, a partir de suas diversas disciplinas, se encontra em uma ação de autonomização e reducionismo da velhice a última fase da vida. Nesse caminho, os saberes

gerontológicos ainda tendem mais para um controle da população idosa do que para a preocupação com a melhoria da qualidade de vida do idoso. Nesse sentido, ocorre o que a autora denomina de reprivatização da velhice:

Sua transformação em um problema de indivíduos negligentes que não se envolveram no consumo de bens e serviços capazes de retardar seus problemas. Neste sentido, a velhice poderia novamente desaparecer do leque de preocupações sociais. (Debert, 2003, p.153)

Com isso, a autora ressalta que para muitos idosos a expectativa é que eles fracassaram em sua empreitada de envelhecer, pois não seguiram as regras do jogo do modo correto de envelhecer:

A velhice é assim uma questão de escolha. Ser velho é o resultado de uma espécie de lassitude moral, um problema de indivíduos descuidados que foram incapazes de se envolver em atividades motivadoras e adotar o consumo de bens e serviços capazes de combater o envelhecimento. (Debert, 2003, p.154).

Dessa forma, a autora (1994, 1999) também coloca o fenômeno da periodização que orienta as condutas atuais. Este conceito é marcado por uma institucionalização de determinados comportamentos e a associação destes a certas idades. Assim, apesar destes comportamentos terem diminuído com o advento das novas tecnologias pós-modernas e a atribuição de algumas tarefas antes dos adultos à classe infantil, por exemplo, a periodização ainda é um evento corrente. Porém, com o rejuvenescimento da vida e da velhice em si, vemos que esta periodização está mudando a concepção de velhice para adaptar os velhos a

velhos jovens mais “descolados” e sintonizados com a moda jovem, ao mesmo tempo em que pode fazê-los negar sua própria idade. Deste modo, muda-se o modelo, mas mantém-se o estigma relativo ao envelhecimento, buscando ignorar a passagem da idade em si.

Observamos que essa periodização atua diretamente sobre o nosso problema, o modo de envelhecer dos idosos, pois instaura um modo de viver, uma ética que todas as idades na nossa sociedade devem seguir e que, aqueles idosos que escapam a essas normas, são estigmatizados. Essa ética delimita uma vivência temporal específica, pois se antes era esperado que os idosos vivenciassem seu passado, seus costumes e sua história, agora é esperado que esses idosos sigam as modas correntes, presentistas, aceleradas e descoladas do mundo jovem contemporâneo.

Observamos também que essa periodização colabora para um sentimento de juventude eterna, conforme colocado por Bastos (2006b), que muitas vezes afasta os idosos de refletir sobre uma concepção de morte e os deixa despreparados para enfrentar os próprios desafios da velhice quando estes chegam.

A concepção da morte em si é uma proposição problemática na contemporaneidade, pois, retomando algumas reflexões de Bauman (1998), há uma espetacularização atual em relação à morte, na qual ela está cada vez mais presente na mídia, exibida a partir da morte dos outros, dos anônimos e dos estranhos. Por outro lado, essa expressão da morte não diz mais respeito às pessoas e seus semelhantes mais próximos e familiares, já que estes morrem afastados tais como os doentes terminais que morrem em UTIs afastadas. Os velhos são internados em asilos, o luto deve ser moderado publicamente, os funerais são transferidos para locais longe da cidade e os sofrimentos da perda devem ser tratados psicologicamente como casos de terapia e problemas de personalidade. Dessa forma, a morte se torna muito banal para ser considerada dramática e em boa parte das vezes, diz respeito ao outro e não ao próprio sujeito.

Essa ideia é corroborada por Elias, (2001), que coloca que em sociedades menos desenvolvidas haviam práticas mágicas que ajudavam as pessoas a lidar melhor com a morte, pois nelas:

[...] A ameaça da morte é trazida mais insistentemente à consciência, a ideia da morte é mais presente e práticas mágicas para lidar com essa angústia maior, embora oculta, pela integridade da vida e do corpo, práticas que andam de mãos dadas com a maior insegurança, são amplamente difundidas (Elias, 2001 p. 55).

Isso se soma a todas as pressões atuais de apressamento, diluição das relações familiares e dos vínculos de parentesco e a grande confusão que boa parte dos idosos vive a respeito do seu futuro, que muitas vezes pode ser ou a morte ou a perda de aposentadoria. Vemos que tais consequências, segundo Bastos (2006b), atestam 22% da população idosa apresentando sintomas depressivos, sendo que destes, 1% teria depressão maior e 4% transtornos de ajustamento com depressão.

Em adição vemos que os idosos ainda têm de cumprir normas externas determinadas pela periodicidade contemporânea e pela gerontologia e a encararem o peso de serem responsáveis completamente por um envelhecimento insatisfatório, que não atenda às demandas de envelhecimento impostas pela gerontologia, criando um índice de rendimento do envelhecimento para muitos desses idosos.

Com isso, observamos que, para além da periodização contemporânea vivenciada pelos idosos, a sociedade com a qual eles têm de conviver não é preparada para lidar com a morte.

Assim, vemos que a velhice possui diversas concepções sofrendo influência de paradigmas positivos, que orientam os idosos a certas práticas de cuidado de si, como

também é perpassada por uma ideia de envelhecimento que se inicia na juventude e perpassa toda a vida. Também podemos considerar algumas condições contemporâneas que envolvem o cotidiano dos idosos, como o fenômeno de periodização, o despreparo da sociedade para lidar com a morte e com o envelhecimento, assim como a responsabilização total do sucesso do envelhecimento nos próprios idosos.

A partir desse cenário mais específico dos idosos, vemos diversos fatores que podem influenciar os modos de envelhecer desse idoso. Já que o envelhecimento perpassa uma passagem temporal e uma diferente experimentação do tempo, faz-se necessário uma percepção mais abrangente sobre o conceito de tempo e as suas múltiplas visões, para que possamos trazer novos olhares para a vivência do envelhecimento desse idoso.

4. ASPECTOS TEMPORAIS DA EXISTÊNCIA

O tempo é um conceito múltiplo, abrangente e abordado por diferentes disciplinas. Para a discussão sobre tempo, nos utilizaremos inicialmente de alguns autores do campo da psicologia do desenvolvimento americana, tais como Michael Lewis e Klaus Riegel. Estes autores foram escolhidos porque trabalham com a temática do tempo a partir de uma ênfase no desenvolvimento humano e no ciclo vital. Desse modo, nos detalharemos sobre aspectos do tempo contínuo ou descontínuo, além dos tempos absoluto e relativo, aspectos que também perpassam o ciclo vital dos indivíduos. Em um segundo momento, traremos outras concepções temporais e nos aprofundaremos na temporalidade existencial de Heidegger, pois este aborda o indivíduo dentro de um âmbito existencial, que valida as experiências singulares de cada indivíduo.

a. Conceitos de espaço e tempo de Riegel

Desta forma, apontamos inicialmente o raciocínio de Riegel (1976), que aborda alguns conceitos e representações históricas sobre espaço e tempo. O autor disserta que as concepções a respeito do espaço são importantes para que se tenha uma concepção sobre o tempo, pois para as teorias da relatividade e quântica, tempo, substância e espaço são fundidos. Ele orienta ainda que as concepções sobre o tempo sempre foram subordinadas àquelas do espaço e por isso faz algumas considerações sobre as definições de espaço

Uma destas considerações é sobre o conceito grego, no qual o espaço é nada mais do que um vazio, um espaço entre as pessoas e os objetos, concepção oposta à atual, na qual os objetos são localizados a partir do referencial do espaço. O autor enumera outros conceitos, que estão ligados com o desenvolvimento inicial da criança e sua apropriação do espaço ao

seu redor, indo desde uma noção relacional e móvel do espaço até uma maior tomada de perspectiva deste e a sua evolução para o conceito formal de espaço. Esta definição é equivalente à noção de espaço tal como concebida por Euclides e Newton, no qual o espaço é independente do observador, das pessoas e das coisas. Assim, a noção da pessoa e dos objetos como pontos centrais foi sendo diminuída a partir da centralidade do espaço entre eles.

A partir disso, o autor relata sobre as diferentes perspectivas de tempo, iniciando com a concepção de tempo de eventos, uma simultaneidade entre o tempo e os eventos, concepção que permeia os objetos, pois os eventos envolvem objetos que são propensos à mudança, logo a mudança nos objetos também pode ser correlacionada como um evento. Essa percepção é o ponto de partida de descrições temporais, pois demarca referenciais em eventos ou pontos de coincidência nos quais diferentes pontos simultâneos se entrecruzam e podem servir de referencial temporal.

O segundo tipo de percepção temporal elencada é o de um tempo imediato, que tem como alusão o momento atual e parte de um menor distanciamento do momento presente até um maior distanciamento deste e assim vai produzindo a ordem dos fatos.

O terceiro tipo de percepção temporal é compreendido a partir de Piaget (citado por Riegel, 1976) e une diferentes sequências e perspectivas de eventos em uma só, noção tomada como parte do evento de descentralização da criança e como parte da comparação das perspectivas de outras pessoas com as da criança.

O quarto tipo de percepção temporal é o tempo absoluto e cronológico, uma percepção unidimensional, uniforme e que se alonga infinitamente. Nessa concepção, a experiência do sujeito não é levada em consideração, pois conta apenas como uma porção muito pequena do universo temporal. Assim, esse tempo não é construído pelo indivíduo, sendo um conceito impessoal e alienado. Apesar disso, o tempo se tornou quantificável,

mesmo que os instrumentos de quantificação tenham se tornados arbitrários e baseados em sistemas periódicos, tais como o ano solar, o mês lunar ou o balançar de um pêndulo.

Assim, observamos nas suas definições de espaço e de tempo, aspectos da teoria de desenvolvimento piagetiana, pois as mudanças temporais são associadas ao crescimento da criança e sua saída de um estado egocêntrico, o que a aproxima de concepções de tempo e espaço abstratas e impessoais.

Dessa forma, o autor coloca que os indivíduos que criaram o aparato empírico e métrico que guia a sociedade atual acabaram se retirando dos esquemas temporais de sua própria criação ao adaptarem a lógica temporal atual a uma lógica uniforme e universal. Com isso, ele denuncia a lógica temporal absoluta como alienante e impessoal, sendo exterior aos indivíduos. Porém ele coloca que, apesar do espaço e tempo terem se diferenciado em suas concepções eles continuam interligados, pois se baseiam nas mesmas matemáticas e formalizações criadas para o pensamento do espaço.

b. Tempo contínuo e descontínuo

Já Lewis (1990), propõe que tempo e desenvolvimento humano estão conectados pois desenvolvimento humano é o desenrolar de eventos da vida e essa mudança de eventos também pode definir o tempo. A partir disso, as propriedades do tempo também serão as propriedades do desenvolvimento. Assim, o autor visa estudar as propriedades do tempo relacionadas com o desenvolvimento humano, tais quais as noções de tempo e a nossa consciência deste. Com isso, ele aborda o tempo a partir de uma longa tradição iniciada com os gregos até o presente, considerando o tempo numa polaridade entre tempo contínuo e descontínuo e entre tempo relativo e absoluto.

Assim, o autor coloca que a divisão entre tempo contínuo e descontínuo foi a primeira divisão feita. Nesse sentido, para Bergson (citado a partir de Lewis, 1990) a ideia de continuidade e descontinuidade temporal também está relacionada com a visão do homem de si. O tempo seria contínuo para o nosso Self interno, enquanto que a nossa visão de mundo constituiria um tempo descontínuo.

Dessa forma, Lewis (1990) coloca que em tempos antigos as pessoas associavam a passagem do tempo a fatos sequenciais e a eventos da natureza, tais como diferentes estações do ano e ciclos estelares e o tempo não era separado dos eventos e de seu conteúdo. Assim, o tempo era qualitativo e fenomenológico e os eventos eram o tempo e não no tempo e refletindo uma percepção de continuidade, de um tempo como um todo indivisível.

Nessa perspectiva, Bastos (2006b) comenta que duas concepções culturais básicas sobre o tempo se sobressaem: a noção de tempo cíclico ou rotativo e a noção de tempo sequencial, histórico e progressivo. Na primeira, o tempo é visto como uma roda ou uma série de rodas menores que giram em círculos maiores, enquanto que na segunda o tempo é visto a partir de um fluxo contínuo e histórico, no qual os eventos não se repetem.

Dessa forma, o autor coloca que as sociedades mais antigas e iletradas, extrativistas, nômades, seminômades e agrícolas têm como referência o tempo repetitivo e circular. Ele cita como referência a tribo dos Nuer, que não utilizavam os meses do ano, mas simplesmente se guiavam pela época cíclica das estações do ano. A partir desses exemplos o autor fala que os ciclos foram se alongando e se transformando em espirais históricas, como a precessão dos Equinócios, a cada 25.920 anos, no qual há uma mudança do ângulo da terra.

Dessa forma, vemos que a continuidade e a descontinuidade temporal também estão relacionadas com a ideia tempo desenvolvida em cada cultura específica, e foram evoluindo desde uma perspectiva cíclica até uma perspectiva histórica, mas mesmo as perspectivas

históricas são vistas como grandes ciclos que, por sua grande duração, não são percebidos dessa forma.

A ideia de um tempo de progresso, descontínuo e segmentado também é colocada por Lewis (1990) como algo que poderia ser contado em uma série descontínua de eventos, não dependendo de eventos externos que lhe sirvam de referência. Ele traz que a invenção do relógio foi importante nessa tarefa de divisão o tempo em partes a partir de uma orientação contínua, o que também possibilitou a ascensão da atividade científica. Porém a física quântica introduziu o conceito de tempo discreto, no qual os elétrons dentro dos elementos não se movem de forma contínua, mas de forma descontínua, a partir de pulos que dão de um estágio para o outro.

A partir de tais proposições quânticas, Lewis (1990) coloca que tais questões levam a crer que tanto a continuidade como as discontinuidades temporais são características da natureza e que pode não existir um modelo mais correto que o outro. Ele também afirma que a nossa noção temporal é mais próxima de uma continuidade, e que as pessoas tendem a construir narrativas contínuas, agrupando discontinuidades num fluxo de eventos contínuo, retrospectivo e único, a partir de uma noção causal.

Nesse contexto, observamos que ambas concepções de tempo estão presentes no nosso cotidiano e que alguns eventos podem passar uma ideia de discontinuidade, enquanto que outros podem passar uma ideia de continuidade. Nesse sentido, observamos que estas concepções podem estar presentes em um mesmo processo e que podem variar de acordo com a perspectiva do observador. Também podemos notar que a ideia de continuidade e repetição é mais organizadora para uma cultura, na medida em que instaura rituais que balizam o cotidiano dos indivíduos, enquanto que o tempo descontínuo imprime mudanças e novidades.

Figura 5. Temporalidades contínuas e descontínuas.

Tempo contínuo e descontínuo	
Tempo Contínuo	Associado à nossa percepção pessoal do mundo e a forma como o organizamos. Ligado a culturas regidas por eventos cíclicos e repetitivos. (Lewis, 1990)
Tempo Descontínuo	Associado a uma perspectiva histórica e irrepitível de tempo social. Também associado a uma visão complexa do mundo, no qual singelas mudanças de alguns componentes de organismos complexos podem instaurar rupturas e descontinuidades. (Lewis, 1990)

(Fonte: Adaptado a partir de Lewis, 1990)

c. Tempo relacional, absoluto e dialético

Uma divisão do tempo entre os tipos relacional, absoluto e dialético é colocada por Riegel (1976). Ele afirma que o conceito de tempo relacional é baseado numa série de eventos. Assim, as estruturas temporais pessoais e suas representações são baseadas em variações de sequências de eventos sendo composto a partir de três concepções básicas: substância, espaço e tempo. “Ela se apoia na noção de atividade como a propriedade mais básica da natureza” (Riegel, 1976, p. 39). O tempo absoluto, como já colocado anteriormente, é definido a partir de uma noção exterior ao indivíduo, fisicamente anterior aos eventos e naturalmente um dado em si e imposto como tal. Ele é assim extrínseco ao homem, enquanto que o tempo relativo é intrínseco.

A partir disso, Riegel traz a noção de tempo dialético, ao qual coloca que o tempo absoluto deve ser subordinado a partir de uma interpretação dialética,

Nessa reavaliação, o conceito de tempo irá, antes de mais nada, convergir no conceito de espaço, mas uma perspectiva nova e integrativa irá emergir. Como o tempo relativo é comparável a uma única e intrínseca sequência de eventos, comparável, por exemplo, a uma melodia monofônica, o tempo absoluto é comparado ao padrão

extrínseco dessa música, tal como compasso e linha de partitura. O tempo dialético é como uma música polifônica, na qual várias sequências monofônicas são entretecidas e no qual marcações temporais são geradas a partir das harmonias e desarmonias dessa composição. O tempo absoluto tem um papel essencial nesse arranjo, como uma das diversas monofonias presentes no arranjo. Em particular, ela pode servir como uma métrica extrínseca e pode ser útil na sincronização de diferentes vozes ou instrumentos no seu progresso temporal, o qual, não obstante, é gerado internamente. Como consequência, o tempo dialético é tanto intrínseco como extrínseco e não um ou o outro. (Riegel, 1976, p. 9, tradução nossa)

Dessa forma, o tempo dialético enfatiza experiências concretas e eventos que se encaminham para a formação de conflitos e resoluções, além de sincronizações que aparecem como marcos temporais e representam transições nas sequências qualitativas de mudanças. “A comparação contrastante entre condições espaciais simultâneas e mudanças temporais no desenvolvimento elucidam as propriedades básicas do conceito dialético de tempo” (Riegel, 1976, p.39).

Assim, o autor comenta que para se pensar o tempo dialético é preciso pensar a partir de uma lógica dialética, que reflita o mundo para além de um raciocínio de exclusão enunciado pelo ou, mas por uma lógica de inclusão, representada pelo e, pois no pensamento aristotélico não é possível compreender algo que são duas coisas ao mesmo tempo.

Dessa forma, compreendemos que a proposição de tempo dialético busca abordar o tempo de forma mais complexa ao tomar os referenciais de tempo e espaço absolutos e busca uma sincronização destes com as experiências concretas e subjetivas do indivíduo que integram o tempo relacional. O resultado é um tempo absoluto mais pessoal e intrínseco, no qual há uma maior apropriação desse tempo, sem torná-lo pessoal. Nesse processo, há uma

comparação entre as condições pessoais e as condições externas ao sujeito, que fazem esse tempo mais pessoal e interno.

Lewis (1990) também desenvolve um raciocínio mais aprofundado sobre esses três tipos de tempo. Assim, o autor discorda de uma visão de tempo absoluto, classificando o tempo como relacional ou dialético.

Em relação à consciência de tempo, Lewis afirma que a visão relacional predomina afirmando, que a narrativa pessoal histórica das pessoas é feita a partir de uma sequência de eventos por ordem de relevância pessoal. Ele comenta que mesmo que descontínua essa narrativa é agrupada para que seja construída como uma narrativa contínua.

Portanto, as concepções temporais relativas e dialéticas são mais pessoais, pois nestas o indivíduo se vê como protagonista de sua temporalidade. Já o que observamos através do tempo absoluto é o seu caráter impessoal, que anula uma apropriação do indivíduo de sua vivência temporal. A partir disso, observamos que o tempo acelerado se aproxima de uma concepção temporal absoluta à qual muitos indivíduos não conseguem sincronizar com seus ritmos, o que pode ocasionar prejuízos para esse indivíduo, especialmente para o idoso.

Figura 6. Tempos relacional, absoluto e dialético.

Tempos relacional, absoluto e dialético	
Tempo relacional	Constituído pela ordem de eventos que criamos a partir da nossa percepção do mundo e da mudança no mundo. Ele é subjetivo e pessoal e intrínseco ao indivíduo. (Riegel, 1976)
Tempo absoluto	O tempo absoluto, é definido a partir de uma noção exterior ao indivíduo, fisicamente anterior aos eventos e naturalmente um dado em si e imposto como tal. É extrínseco ao indivíduo. (Riegel, 1976)
Tempo dialético	Parte dos referenciais de tempo e espaço absolutos e busca uma sincronização destes com as experiências concretas e subjetivas do indivíduo, que integram o tempo relacional. Ele é tanto extrínseco como intrínseco ao indivíduo, ao combinar numa lógica complexa e inclusiva aspectos dos dois tipos de tempo. (Riegel, 1976)

(Fonte: Adaptado a partir de Riegel, 1976).

d. Outras concepções temporais

Uma diferente abordagem sobre o tempo é feita por Bastos (2005), quem divide o tempo a partir de uma multiplicidade de conceitos, diante da polissemia da palavra tempo (p. 741). Assim, ele divide o tempo entre: tempo físico, tempo biológico, tempo biológico, tempo subjetivo e tempo cultural. Destes, iremos nos delimitar nas temporalidades cultural e subjetiva.

O autor disserta sobre o tempo cultural, abordando que muitos relatos antropológicos mencionam concepções de tempo ligadas a momentos e locais específicos. Assim o autor coloca que são as datas e os eventos sociais que criam uma referência externa de tempo, pois nossa intuição só nos permite um registro que chega às horas e, no máximo, dias. Dessa forma, “coube ao registro simbólico cultural a tarefa de vincular o tempo natural (os ciclos da natureza) aos eventos humanos” (Bastos, 2005 p. 748). Dessa forma, afirma, a partir da semana judaica, a sociedade passou a criar o seu próprio tempo, abstrato e independente da temporalidade definida pela natureza.

Para abordar o tempo subjetivo, o autor o divide entre os tempos psicológico e o subjetivo, pois este último não carece de uma aceção científica, tal como é atribuída ao primeiro. Assim, em relação ao tempo psicológico, o autor relata que na criança a consciência temporal vai se desvelando em relação ao futuro, ao adulto que ela quer ser, enquanto que no adolescente, as crises de identidade fazem com que ele absorva as energias emocionais no momento presente. Na vida adulta, deve haver o equilíbrio entre passado, presente e futuro e a senectude é voltada à vivência do passado. Santo Augustinho (citado a partir de Bastos, 2005) coloca três tempos: o presente do passado, a memória; o presente do presente, que é a atenção; e o presente do futuro, que é a expectativa. Bastos (2005) cita a neurofisiologia, para qual a estruturas do sistema límbico-hipocampal estão ligadas à afetividade e a formação da

memória. Dessa forma, a memória produz um registro do tempo interno, com a afetividade ligada ao aumento ou à diminuição do fluxo temporal, pois há uma diminuição neste fluxo nos tempos de prazer e uma aceleração nos tempos de sofrimento. Já a cognição e a quantidade de informações aumentam a velocidade do fluxo temporal na infância e o diminui na velhice com a diminuição do número de informações.

Desses estados o autor diferencia o tempo subjetivo. Esse tempo é pensado como um tempo vivencial a partir de Minkowski (citado a partir de Bastos, 2005) e como um tempo de constituição das relações de sentido entre as vivências. Ele comenta que é um tempo que ultrapassa a nossa concepção de presente ao que constitui uma espera pelo futuro, a partir de projeções do passado feitas em nosso presente. Assim o autor confirma a potencialidade do futuro a partir do esforço do homem em se guiar e romper o presente em direção a ele, se remetendo à temporalidade subjetiva como necessária para apreensão do ser e sempre intermediada por uma subjetividade, da mesma forma que o pensamento.

Dessa forma, observamos que o tempo está relacionado com diversas possibilidades de apreensão do homem. O viés sócio-cultural sobre o tempo já foi trazido indiretamente e também o consideramos importante para a demarcação das condições nas quais os sujeitos vivem na contemporaneidade, seja pelas condições temporais apressadas e comprimidas ou por laços de cultura que imprimem rituais que atuam diretamente na forma como as pessoas vivenciam o tempo.

Assim, as possibilidades psicológicas e subjetivas se destacam pela vicissitude presente, ensejando um grande número de formas e de alterações das vivências pessoais dos sujeitos. Assim, vemos que esses olhares nos orientam para a experiência íntima desses sujeitos com seu tempo. Portanto, demarcamos a orientação subjetiva de tempo como mais apropriada, pois o olhar psicológico carrega um viés teórico e científico que não ocorre com a visão subjetiva.

e. O tempo existencial de Heidegger

Uma apreensão da temporalidade subjetiva também é abordada por Bittencourt, (2003) que fala de uma recuperação de maneira sadia e digna de pensar no tempo a partir de uma temporalidade subjetiva, governada pelo Kairós, um tempo subjetivo que transcende o tempo Cronos do tempo objetivo e cronológico. Este tempo também é o tempo da experiência compartilhada com os outros, do viver, que cria os significados da vida. A autora evoca Monique Augras (citada a partir de Bittencourt, 2003), ao colocar que esse tipo de experiência se encontra intrinsecamente envolvido no convívio do ser humano com seu mundo e com os outros. Nesse sentido, a autora cita também Heidegger (citado a partir de Bittencourt, 2003), para quem o Dasein, ou Ser-ai, se constitui no mundo a partir de um movimento de abertura para a experiência.

Tais concepções de Heidegger partiram antes de uma trilha fenomenológica iniciada por Edmund Husserl, que para Goto (2007), buscava fundar uma filosofia rigorosa de conhecimento do mundo, rejeitando um cientificismo naturalista. Para este autor, Husserl quis fundar uma psicologia fenomenológica e assim abriu caminho para uma nova abordagem psicológica, a abordagem fenomenológica. Para isso, Dartigues (1992), coloca que Husserl propôs que, ao invés de se prender a distintas e diferentes trajetórias filosóficas, o pensamento filosófico retome ao seu ponto de partida, não as opiniões de diferentes filósofos, mas o retorno à própria realidade. Assim a filosofia poderia abranger a um assunto e a um solo comum a todos e não uma expressão acabada, porém singular de uma individualidade diferenciada.

Nesse percurso, Husserl (citado a partir de Goto, 2007) buscou o “retorno as coisas mesmas”, a partir do qual ele buscaria chegar à essência das coisas e do mundo desde uma

análise descritiva deste mundo e de uma suspensão das representações prévias a respeito deste mundo. A partir de tal análise descritiva, seria possível chegar às essências do mundo. Tal busca deveria ser pautada pelo princípio da intencionalidade, para o qual toda consciência é uma consciência dirigida a algo ou alguém, atitude que impediria uma separação entre sujeito e objeto. Assim, a tarefa da fenomenologia consistirá em analisar as estruturas intencionais da consciência, para saber, como, a partir delas se produz o sentido dos fenômenos e do fenômeno global que denominamos mundo.

Heidegger (2014) partiu desse autor e se utilizou da fenomenologia para estabelecer um estudo sobre o sentido do Ser, ou seja, um estudo sobre a compreensão das verdades universais sobre o mundo. Assim, chegar ao Ser seria a tarefa de chegar à essência das coisas, às verdades universais do mundo.

Heidegger (2014) denomina que existe um modo de se chegar a esse Ser, e este modo, é a Presença, ou o Dasein. Ao trabalhar este termo, Dartigues (1992) afirma que, para Heidegger, o homem é o único “Eksistente”, pois ele é o único que questiona diante de todos os entes que compõem o mundo, este sendo este o motivo no qual só o homem concreto poderá ser chamado de Dasein: “Este ente, que nós mesmos somos, e que tem, por seu Ser, entre outras coisas, a possibilidade de colocar questões, será designado com o nome de Ser-aí (Dasein)” (Dartigues, 1992, p. 132). Já Marcia de Sá Schuback (2014) coloca que o Dasein seria uma indicação de um ser “sendo”, uma indicação de um permanente inacabamento e “uma complexa conjugação da Presença humana em seus vários níveis de realização finita” (p.25). Schuback (2014b) se refere a ela como o termo que evoca o processo de constituição ontológica de homem, ser humano e humanidade e por isso pode ser traduzido como “Presença”, para que seja exprimida a mobilidade e dinâmica do “pre”, de aproximação e afastamento, presentes nas inúmeras possibilidades de ser que fundam a temporalidade

humana. Consideramos apropriada a tradução de Schuback, por isso nos referimos ao Dasein daqui em diante como Presença.

Desta forma, a Presença seria o modo dos entes de chegar até o Ser, ou seja, o modo de se alcançar a o conhecimento existencial sobre si. Os entes são as coisas e os objetos do mundo concreto. Estes devem ser diferenciados do Ser, que está presente no mundo das ideias e diz respeito a uma universalidade, enquanto os entes dizem respeito a singularidades relativas aos homens e aos objetos do mundo. Para que o ente representado pela Presença chegar até o Ser, é necessária uma atitude fenomenológica, de ir em direção às coisas mesmas, concretas do mundo e desta Presença se perceber na sua finitude frente ao mundo.

A partir disso, o que o tratado de Heidegger (2014) busca é chegar às verdades universais sobre o homem, que somente são definidas na sua finitude e concretude e em relação com um mundo. Nessa condição de possibilidade que esse homem pode chegar a ser tempo. Assim, para o autor o tempo e a temporalidade estão intimamente ligados com a finitude deste homem e suas diferentes formas de contato com o mundo.

Assim, para o referido autor interessará a decomposição dos diversos componentes que formam a Presença, pois é partindo de uma análise da forma como esta busca o Ser que se chegará à temporalidade, esta sendo constituída pelos diversos momentos dessa Presença em sua convivência no mundo. Nas suas exposições preparatórias sobre a Presença, o autor coloca que a essência da Presença está em sua existência, na relação da Presença com o mundo, em sua abertura, numa relação denominada Ser-no-mundo. Assim a Presença pode chegar a Ser, ir em direção as verdades da sua existência e chegar em seu modo de Ser próprio, na qual ela pode se apropriar de si mesma. Caso ela não se aproprie de si mesma, ela estará operando em um modo impróprio.

Partindo desses modos de Ser da Presença, Heidegger (2014) inicia uma decomposição dos modos de Ser da presença, iniciando com a decomposição do modo Ser-

no-mundo, que é visto a partir de três momentos. Estes momentos são: a mundanidade do mundo, o ente que está no mundo, e o Ser-em, a relação total deste ente com o mundo. Este Ser-no-mundo é definido pelos seus diferentes modos de Ocupação, ou seja, os diferentes modos de se relacionar com o mundo.

A mundanidade do mundo é desvelada a partir dos diferentes fins utilizados pela Presença para com as coisas e com o mundo. Estas diferentes coisas e objetos compõem alguns dos entes intramundanos¹ da Presença, e que também a ajudam no desvelamento existencial da Presença pela utilização destas coisas na finalidade que foram pensadas para serem criadas. O modo da Presença de que organiza e dá uma visão de conjunto para essa mundanidade é a circunvisão, que é a forma como essa Presença se orienta e define suas finalidades frente às diferentes ocupações do seu mundo e que possibilita um desvelamento dessa Presença. Para além disso, o autor busca aí mostrar a concreção, vivacidade e familiaridade que este mundo pode adquirir para a Presença, ignorando as concepções de mundo e espaço baseadas em uma substancialidade, mas baseando se numa mobilidade e vida desse horizonte da espacialidade enquanto constitutivo da Presença, que estabelece uma familiaridade desta Presença no mundo. A partir da demarcação destes modos de familiaridade esta Presença pode organizar suas diferentes relações com o mundo.

Por conseguinte, Heidegger, (2014) continua na definição de “quem” é esse Ser-no-mundo, delimitando uma Presença que, existindo com os outros, pode estar entre um modo Si-mesmo pessoal, ou mergulhado no si-mesmo impessoal. Assim, o ente que compartilha esse mundo com os outros e busca a apropriação nessa relação é considerado Co-Presença em

¹ Os entes intramundanos são aqueles entes do mundo aos quais a Presença já descobriu o seu Ser em sua manualidade. O Ser de muitos entes pode se diferenciar-se, pois o ser de um martelo é a sua função de martelar, enquanto o Ser de uma pessoa familiar está relacionado a relações bem mais complexas do que simplesmente a função.

sua ação mundana. Já o Si-mesmo impessoal é aquele ente despersonalizado, correspondendo à visão pública das coisas e do mundo.

Em seguida, o autor define o “em” da expressão Ser-em, ou seja, os modelos de relação primordiais da Presença no mundo. Esse Ser-em se divide entre os modos de abertura e cotidiano da Presença. Os modos de abertura da presença são a disposição, o compreender e a fala, enquanto que os modos de cotidiano são a falação, a curiosidade e ambiguidade. As disposições são as movimentações de abertura da Presença que definem o “pre” que é a condição de abertura desse Ser para a experiência concreta, de estar lançado ao desconhecido do mundo, condições temperadas pelos humores, que organizam as disposições da Presença. Essa abertura também é colocada pelo autor desde um compreender do mundo, que é a forma como a Presença interpreta o mundo e se desvela na sua relação com esse mundo, o que a permite se ver como projeto no mundo. A fala se dá como o terceiro elemento da abertura dessa Presença, pois ela articula a compreensibilidade em uma totalidade significativa. Fazem parte desta articulação a escuta e o silêncio, pois enquanto o escutar ajuda e elabora o Ser-com, o silêncio, regula a fala somente à fala autêntica. Mas nesse Ser lançado para o mundo Heidegger também coloca as possibilidades dessa Presença, que ao se lançar na cotidianidade da decadência, se coloca nos excessos da falação, no qual o domínio do impessoal prescreve a disposição do Ser. Outro modo de Presença da cotidianidade, a curiosidade é predominada pela busca pela novidade em todos os âmbitos. O terceiro modo da cotidianidade é a ambiguidade, que oferece suporte a falação e a curiosidade numa abertura pública a convivência e interpretações públicas numa superexposição de si.

A partir desses modos de Ser-no-mundo que Heidegger (2014) estabelece o primado essencial da Presença, que é a Cura, colocada principalmente como o antecipar-se a si mesmo. Esse antecipar-se compõe o projeto lançado a partir das condições evidenciadas nos modos de abertura da Presença num processo de busca pela verdade a partir do

descobrimto e desvelamento desse mundo. Esta verdade é a descoberta realizada na abertura da Presença, enquanto lançada no mundo e que assim se pode constituir como projeto de Ser. Assim, a Cura é o constitutivo do primado da presença para o futuro, como esse antecipar-se a suas possibilidades desde um projeto futuro.

Desse modo que Heidegger (2014) coloca que a Cura é uma liberação do horizonte de projeto desse Ser e de uma compreensão da Presença enquanto temporalidade. Essa Cura é colocada pelo autor a partir daquilo que está pendente para este Ser, ou seja a partir desse Ser na sua possibilidade mais própria da morte. A morte é assim colocada como a possibilidade mais original e própria, pois, ao contrário dos modos de decaimento da Presença, a vivência da morte não pode ser substituída por outrem, ela só pode ser vivenciada pela Presença. Ela se coloca como um acontecimento iminente e privilegiado, que causa uma angústia frente ao poder ser mais autêntico da Presença. Assim, a Cura só é colocada como anteceder-se mais próprio do si-mesmo, quando se refere à finitude da existência.

A partir disso e do contato com a angústia, o autor fala que a Presença pode se dar conta do apelo que as possibilidades mais próprias de Ser colocam para ela, a colocando em dívida com essas alternativas e mobilizam essa Presença a tomar uma decisão. A decisão mobiliza as possibilidades mais próprias da Presença enquanto que a indecisão a mantém no impessoal.

Dessa forma, a partir do antecipar-se da Presença, que a Cura se define como temporalidade, nas diversas disposições abertas desse Ser finito frente ao seu futuro, a partir da mobilidade característica de seu “pre”. A partir disso, a Presença se define em três temporalidades principais, o Vigor-do-já-ter-sido, a Atualidade, e o Porvir, que são as três ekstases da Presença. Para o autor essas três temporalidades são correspondentes aos tempos vulgares do passado, presente e futuro, com a diferença que as ekstases levam em conta a finitude existencial do Ser, em sua mobilidade histórica. A partir dessa mobilidade, no qual o

movimento de antecipar a finitude como possibilidade mais irremissível do ente ocorre, que a Presença se revigora para encontrar o seu Ser. Dessa forma que Ser é tempo para Heidegger e que todas as características de liberação da Presença Heideggeriana contribuem para uma temporalização e desvelamento de si a partir de uma temporalidade finita, ou para um velamento e fuga para uma temporalidade vulgar e infinita.

Assim, vemos que os movimentos de abertura ou cotidianidade da Presença inauguram formas de temporalidades de acordo com as formas nas quais esta Presença se porta como Ser-no-mundo. Uma aproximação da angústia representa o antecipar-se dessa Presença e por isso uma aproximação das suas determinações mais próprias. Uma fuga dessas determinações coloca essa Presença no modo de decaimento e na impessoalidade das escolhas públicas e da indecisão existencial decorrente.

Desta maneira, quanto mais a Presença inaugura formas de Ser autênticas, mais ela se aproxima de uma temporalidade finita, que leva em consideração o tempo histórico e simbólico do sujeito, e que consegue superar a angústia e os riscos de um projeto próprio, mas que também é revitalizado pelas perspectivas desse projeto, pois ele inclui seus desígnios autênticos.

Neste sentido, para Hoffman, (1993), na forma de temporalidade autêntica da Presença, o enfrentamento da perspectiva da morte passa a significar o futuro desses sujeitos. Desta forma, ao confrontar a morte ele se depara com o seu passado, abrindo um campo de possibilidades para a vivência do seu presente. Este momento vivencial do presente é chamado Augenbrick, que propicia o seu abandono da perseguição da aceitação pessoal e o permite adotar uma atitude livre diante do seu presente.

Em contraste, para Heidegger (2014), quando a Presença se aproxima de uma vivência imprópria, ela se afasta de uma temporalidade finita, e se aproxima das representações de tempo vulgares, passado, presente, e futuro, nas quais não se inclui. Neste âmbito, ocorre uma

atemporalização, uma vivência de um tempo infinito, o sujeito perde as perspectivas de um futuro, de finitude e do seu projeto, se guiando a partir das necessidades que aparecem a cada minuto, numa eterna presentificação e dos diversos “agoras”.

Assim, para Hoffman, (1993) a forma de temporalidade inautêntica da Presença a aproxima de um sentimento de vulnerabilidade frente ao seu projeto. A Presença se torna ansiosa, buscando se afastar da ameaça presente da morte. Dessa forma, todo o seu futuro aparenta uma busca por aceitação aos desígnios externos do mundo, e a percepção do futuro perpassa uma atitude seletiva e utilitarista em relação ao seu passado. O indivíduo irá esquecer aspectos do seu passado que atrapalhem a sua busca por sucesso e aceitação do mundo externo.

Figura 7. Temporalidades Autênticas e Inautênticas em Heidegger.

Concepções existenciais de tempo para Heidegger	
Temporalidade Autêntica	A Presença, ao se deparar com a morte, aceita o seu percurso passado e aceita um contínuo de angústias. Ela se abre para as possibilidades de um Por-vir futuro e se lança no mundo, constituindo seu projeto e uma melhor compreensão de seus designios próprios. Ela atualiza o seu presente com o vigor do contato com a finitude e concretude de seu projeto futuro e se temporaliza nesse processo. (Heidegger, 2014 e Hoffman, 1993)
Temporalidade Inautêntica	A Presença, diante da perspectiva da morte e da finitude, busca fugir dessas perspectivas e se orientar a partir de desígnios exteriores ao sujeito. Ele abordará o tempo como eterno, uma eternidade de “agoras”, tendo dificuldade em definir o seu futuro e terá atitudes seletivas em relação ao seu passado, buscando selecionar apenas aspectos do seu passado que sejam aceitos pelas normas exteriores. (Heidegger, 2014 e Hoffman, 1993).

(Fonte: Adaptado a partir de Heidegger, 2014 e Hoffman, 1993).

Assim, vemos que a concepção temporal inautêntica se assemelharia com o modelo temporal absoluto, por seu caráter impessoal e cronológico, que é exterior ao sujeito e ao homem, enquanto que a concepção autêntica se assemelharia a uma concepção de tempo relacional e dialética, que leva em conta a experiência pessoal do sujeito. Porém, temos que

para Heidegger, todas as concepções tempo anteriormente colocadas são consideradas vulgares, e não obedecem a uma temporalidade própria e originária da Presença, pois não levam em conta a finitude existencial do Ser, em sua mobilidade histórica.

Concomitantemente, vemos que condição de periodização imposta a muitos idosos pode ser vista como uma condição impessoal e exterior, que o deixa à mercê de imperativos externos que demarcam esse sujeito e o delimitam. Tais imperativos podem se fazer presentes nas categorias de velhice bem-sucedida, que pode significar para alguns idosos verem parte da sua história como fracasso, segundo Groisman, (2002), ao não terem atingido os patamares esperados para que sejam bem-sucedidos.

Dessa maneira, observamos que o tempo e as temporalidades podem ser vistos por diversos enfoques. O primeiro destes enfoques aborda a temporalidade a partir de uma repetição ou ausência de repetição, que pode estar relacionada à percepção desta temporalidade. Em consonância, observamos também as tipologias relacionais, absolutas e dialéticas, que diferem entre si da inclusão do homem na percepção temporal destas temporalidades, com uma total inclusão, no caso do tempo relativo, ausência plena, na ocasião do tempo absoluto e em uma sincronização destas duas propostas em um tempo dialético. Por fim, trabalhamos um pouco da temporalidade existencial heideggeriana, que é abordada a partir da inclusão deste homem na criação e vivência desta temporalidade, e não pode ser vista ausente da vivência dele, por isso só é considerada originalmente a partir da relação e construção deste homem em um mundo. Neste último caso, as propriedades vivenciais e existenciais do homem serão indicissociáveis daquilo que ele produz e experimenta, por isso esta temporalidade é considerada sempre finita e concreta.

5. CATEGORIAS TEÓRICAS

O processo de manufatura das categorias teóricas foi realizada a partir de uma revisão dos conteúdos teóricos constituídos na pesquisa buscando semelhanças e diferenças entre as teorias apresentadas.

A primeira das categorias apresentadas é a visão biologista, que qualifica o envelhecimento como um processo de adoecimento do organismo, e que encara o envelhecimento somente como um processo de perdas, a partir da visão de Siqueira et al. (2002)

Dessa forma, vemos que as perspectivas das sociedades contemporâneas apresentadas a partir de Bauman (1998) e Lipovetsky (2004), elaboram uma visão individualista que congrega os moldes economicistas, colocadas por Siqueira et al. (2002), assim como as visões estigmatizadas dos idosos colocadas por Debert (1999, 2001) e por Groisman (2002).

A partir disso, elaboramos a visão histórica do idoso trazida por Silva (2008) como uma categoria a parte, que envolve um tempo histórico, colocado por Riegel (1974) e Lewis (1990), assim como um tempo cultural relatado por Bastos (2005).

A perspectiva transdisciplinar e existencial eliciada por Beauvoir (1970) sugeriu uma categoria a parte para tratar o tema, que agrega a temporalidade subjetiva colocada por Bastos (2005) e Bittencourt (2002).

As perspectivas positivas a respeito do idoso colocadas por Baltes e Baltes, (1990), Baltes et al., (2006) e Baltes e Smith, (2006), pela OMS (2005) e por Monteagudo, Amigo, e Valle, (2014) também demandaram para a elaboração de uma categoria.

A visão de um envelhecimento ao longo da vida, retratado especialmente a partir dos escritos de Erikson et al., (1986) e Erikson, (2011) necessitou de um espaço próprio por suas peculiaridades na relação com o tema.

Apesar de se aproximar da visão de Beauvoir, a visão heideggeriana sugere uma categoria a parte, pois as visões da autora são baseadas nas leituras de Sartre (2011), quem possui diferenças teóricas ao pensamento de Heidegger (2014), segundo apontado por Steiner, (1978) e Dartigues (1992).

Dessa forma, foram concebidas 7 categorias teóricas: a visão biologista, a visão individualista, a visão histórica, a perspectiva transdisciplinar, o envelhecimento positivo, o envelhecimento ao longo da vida, e a visão heideggeriana.

Figura 18: Categorias teóricas da pesquisa.

Categorias	Perspectivas
Visão Biologista	O tornar-se velho é um processo de adoecimento do organismo, que vai adquirindo perdas constantes ao longo do tempo.
Visão individualista	O tornar-se velho é um processo de responsabilidade total do idoso, e, conseqüentemente, o fracasso também é reponsabilidade deste.
Visão histórica	O tornar-se velho é constituído de formas diferentes de acordo com as construções sociais de cada época.
Perspectiva transdisciplinar	O tornar-se velho é visto a partir de uma multiplicidade e fatores no qual nenhum destes tem maior influência do que o outro.
Envelhecimento positivo	O tornar-se velho é abordado a partir de uma perspectiva otimista, na qual são enfocados os ganhos e as crescentes possibilidades do idoso.

Envelhecimento ao longo da vida	O tornar-se velho é colocado como um processo que ocorre durante toda a vida do indivíduo e a velhice é apenas a última parte dele.
Visão Heideggeriana	O tornar-se velho é compreendido a partir de um constante conhecimento de si e do mundo, que aproximam o homem de sua finitude e concretude no mundo.

Fonte: Adaptado a partir de Bauman (1998), Lipovetsky (2004), Siqueira et al. (2002), Debert (1999), Groisman (2002), Silva (2008), Riegel (1974), Lewis (1990), Bastos (2005), Bittencourt (2002), Baltes e Baltes, (1990), Baltes et al., (2006), Baltes e Smith, (2006), OMS (2005), Monteagudo, Amigo, e Valle, (2014), Erikson et al., (1986) e Erikson, (2011), Beauvoir (1970) e Heidegger (2014).

Discussão sobre as categorias teóricas

Nessa sessão foram discutidas as categorias teóricas baseadas nas investigações teóricas da pesquisa e citadas acima. As categorias foram discutidas em ordem a partir da posição de cada categoria e da relação entre as diferentes categorias.

A visão biologista coloca o tornar-se velho como um processo de adoecimento do organismo, sendo um olhar estigmatizado do envelhecer, segundo Siqueira et al (2002). Neste sentido, esta teoria está ligada também a uma percepção do envelhecimento como um processo de incremento no risco de doenças de todos os tipos e de uma ética para evitar tais problemas em um cotidiano mais saudável.

Já a perspectiva individualista é uma das visões hegemônicas da sociedade contemporânea e industrializada, nas quais as instituições estatais perderam poder, e os indivíduos e as corporações privadas ganharam força, segundo Bauman (1998). As

consequências desses atos sobre os idosos são maiores pesos sobre os idosos e sobre as formas certas de envelhecer, pois o tornar-se idoso se transforma em reponsabilidade de cada um, fato descrito por Debert (1999, 2001). Neste sentido, determinados estilos de vida são postos em voga e os idosos são encorajados a consumir determinados tipos de produtos para se alcançar esses estilos, papéis estereotipados que, em alguns casos aproximam os idosos da busca de um rejuvenescimento. Algumas das perspectivas de envelhecimento positivo também entram neste panorama, como é o caso do envelhecimento bem sucedido, pois este também propõem determinadas ações que os sujeitos devem realizar para alcançar esse sucesso. Nesta perspectiva os indivíduos jovens e ativos são mais valorizados, e, conseqüentemente os velhos aposentados são vistos como um custo que os mais jovens devem carregar e não oferecem nenhum benefício à sociedade, o que é observado a partir da visão economicista de Siqueira et al (2002).

Na visão histórica, o processo e tornar-se velho é visto de diferentes formas ao longo dos tempos e das culturas diferentes. Assim, como coloca Silva (2008), a partir de diferentes posições históricas o envelhecer tem valores diferentes e é visto pelas sociedades de modos diferentes. Ela cita a valorização da aposentadoria na França da década de 60, a partir de conquistas dos trabalhadores franceses. Beauvoir (1970) também coloca diferentes visões históricas que o velho possui, assinalando como eles eram valorizados em sociedades gregas, às quais em muitas cidades estabeleciam o controle às Gerusias, um conselho formado por idosos.

Essa perspectiva esta associada a um tempo histórico, conforme colocado por Riegel (1974) e a uma irrepetibilidade histórica associada a uma cultura e traços específicos e uma civilização, por isso também associada a um tempo cultural citado por Bastos (2005).

A perspectiva transdisciplinar é descrita por Beauvoir (1970), na qual o tornar-se velho não pode ser delimitado por um fator específico, mas por uma multivariada e fatores

diferentes. Desta forma os diferentes olhares disciplinares não determinam este velho, mas somente sua relação com os outros seres e seu mundo. Dessa forma, o tornar-se velho só pode ser definido pela globalidade das relações desse idoso com o seu mundo.

Essa visão do envelhecimento positivo é apresentada como uma resposta à perspectiva biologista, que delimitava a velhice a partir de uma visão negativa e estigmatizada. Nesse olhar, representado por Baltes e Baltes, (1990), Baltes et al., (2006) e Baltes e Smith, (2006), pela OMS (2005) e por Monteagudo, Amigo, e Valle, (2014) o tornar-se velho é visto a partir de uma visão positiva, na qual são enfatizadas as capacidades que os idosos podem desenvolver e estimular o aumento a qualidade de vida na velhice, antes que estimular a redução de riscos para a velhice. Apesar disso, algumas das visões positivas da velhice também estimulam a eliminação dos riscos a velhice associados a hábitos não saudáveis. Este pode ser o caso do envelhecimento bem-sucedido e do envelhecimento ativo, pois estes podem ser compreendidos como a partir de normas de comportamentos ativos, e ligados e um sucesso na velhice.

A perspectiva de envelhecimento ao longo da vida está relacionada a concepção de envelhecimento desde o momento do nascimento, especialmente para Erikson et al. (1986) e Erikson (2011). Assim, o tornar-se velho é associado ao ciclo vital humano, ao avançar deste ciclo e apenas culmina na fase idosa, sendo influenciado pela gama de escolhas pessoais e circunstâncias psicossociais do indivíduo ao longo de sua vida. As perspectivas positivas do envelhecimento também levam em consideração esta concepção, fato justificado pela teoria do envelhecimento ativo defender uma participação política e social desde idades jovens. (World Health Organization, 2005).

Por fim, na visão Heideggeriana, que baseia-se nos escritos de Heidegger (2014), tornar-se velho está ligada aos modos de Ser da Presença, que inauguram uma historicidade humana. Assim, na medida em que o indivíduo vivencia um modo de Ser autêntico da

Presença, ele se vê como agente de sua história e desvelador de suas verdades existenciais, ao se lançar no mundo e na vivência da angústia. Nesta possibilidade, o tornar-se velho é a realização de um projeto de si, envisioned a partir de uma percepção finita e concreta de mundo. De modo oposto, numa vivência do modo de Ser inautêntico, o sujeito se percebe no modo da cotidianidade, vivenciando os modos da falação, da curiosidade e da ambiguidade. Nessa perspectiva o sujeito abandona seus desígnios próprios e o tornar-se velho se guia por uma impessoalidade do mundo, por modelos externos ao sujeito e por uma indecisão em relação ao seu futuro, na qual suas escolhas são efetuadas a partir de necessidades emergenciais.

6. MÉTODO.

Os métodos utilizados partiram de uma abordagem qualitativa de viés etnográfico, pois se pretende saber sobre o cotidiano dos idosos na cidade de Fortaleza, em seus próprios contextos de vida. Em relação à coleta de dados, realizou-se uma observação participante, pela sua complementariedade ao viés etnográfico e a entrevista semiestruturada foi escolhida diante da grande liberdade que dá aos entrevistados falarem sobre suas histórias.

Segundo Baztán e Martins, (2014) a abordagem qualitativa é uma reconstrução e interpretação dos fatos sociais se utilizando de uma linguagem descritiva e de um procedimento indutivo que leva o autor a se concentrar no caso particular, tratando eventos culturais e sociais de maneira holística e contextual. Nela, ocorre a investigação da interação humana em seu âmbito referencial, buscando o significado ideográfico dos fenômenos. Para Turato (2005), a pesquisa qualitativa procura constituir o significado do objeto investigado para as pessoas, trabalhando com as coisas em seus settings naturais, procurando dar sentido ou interpretar fenômenos a partir das significações que lhes são atribuídas. Nesse sentido, o autor coloca que ela visa trabalhar e incorporar qualidades de significado e da intencionalidade como inerentes às relações e às estruturas sociais.

De acordo com os objetivos propostos e dentro da abordagem qualitativa, a etnografia possibilita o maior conhecimento dos idosos no âmbito em que eles vivem e consequentemente um maior conhecimento das formas que estes lidam com o envelhecer. Dessa forma, nos utilizamos da etnografia para nos aproximarmos de um maior conhecimento do universo e das relações que esses idosos constroem consigo e com os outros e que influenciam na forma como eles compreendem o envelhecer. Desta forma, a abordagem etnográfica, para Magnani (2009), compreende:

Uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (Magnani, 2009, p. 135)

No caso da atual pesquisa o estilo de etnografia se assemelha à etnografia urbana, conforme Magnani (2002) traz, na qual a etnografia pode ser utilizada para complementar visões massificantes e estereotipadas da cidade e de seus cidadãos. Nesse sentido, o autor coloca que a etnografia urbana é capaz de apreender um olhar que dê voz aos atores sociais metropolitanos e observar mais de perto seus hábitos, costumes, formas de ser e de agir socialmente.

Partimos também da perspectiva de uma etnografia biográfica, a qual, segundo Sánchez, (1995) articula em um maior detalhe as relações entre o indivíduo e o social, a trajetória vital dos sujeitos e sua experiência vivida e sua relação com o seu contexto social.

Dessa forma, vemos que a pesquisa qualitativa visa uma compreensão exploratória e detalhada de um determinado assunto, buscando trabalhar, sobretudo os significados que as pessoas dão aos objetos e ao mundo. A etnografia proporciona uma visão próxima e mais profunda dos sujeitos que foram pesquisados, buscando abordar uma visão ampla de seu cotidiano e costumes e trazer a sua visão sobre o problema pesquisado.

- a. Procedimentos de coleta de dados

Para a coleta dos dados, optou-se por métodos que complementem o viés etnográfico em sua amplitude e exploração da realidade dos participantes. Desta forma, escolhemos a observação participante, que foi abordada dentro do enfoque etnográfico, de Baztán e Martins (2014) e pela entrevista semiestruturada, que foi abordada a partir de Flick (2007) e Laville e Dionne, (2008).

i. Observação participante

A observação participante, segundo Baztán e Martins (2014), é uma observação presencial na qual o observador deve realizar dois papéis, o primeiro é participar no contexto de observação como se fosse parte deste e o segundo papel se afastar deste contexto para dizer e construir sobre esse universo. Assim, esta observação é composta, ao mesmo tempo por uma atitude de participação intersubjetiva do pesquisador, como também uma atitude objetiva para delimitar com clareza os conteúdos ali presentes. Os autores colocam que essa observação é parte do trabalho do etnógrafo, que deve conhecer os hábitos e costumes de uma comunidade até o limite de se confundir com eles.

Assim os autores afirmam que a observação participante pode ir de um espectro de atitudes do observador desde o qual o observador é um completo participante até uma atitude de completo observador, com uma parcela menor de participação. Dentro desse espectro os autores consideram ainda duas atitudes intermediárias: o participante como observador, quando há uma ocultação parcial no processo de participação do observador, sendo o caso do missionário; e a atitude do observador como participante, quando a participação é suporte para a observação, sendo o caso do etnógrafo. Os autores colocam que essas quatro atitudes se mesclam e oscilam no processo de observação participante.

Os autores indicam também as notas de campo como um importante instrumento que pode ser utilizado na observação participante. Estas devem incluir aspectos que chamem a atenção do observador e devem ser diferenciadas entre as notas descritivas, notas interpretativas e as notas que levam em consideração aspectos pessoais e metodológicos da pesquisa.

A partir disso, notamos que a observação participante trabalha dentro de alguns estágios de integração do autor com os sujeitos entrevistados. Compreende-se que o pesquisador estará alterando a intensidade da sua relação com os participantes, mudança que deve coincidir com o período que o pesquisador tem para coletar a maior parte de seus dados.

Durante este período, se utilizou de diferentes atitudes de observação participante. Nos momentos de escolha dos sujeitos da pesquisa, nos dois primeiros meses, se aplicou uma atitude mais observadora, o que ocorreu até a escolha dos sujeitos da pesquisa. A partir da escolha destes sujeitos a atitude participante foi crescendo ao longo da pesquisa, se aproximando de uma atitude de completo participante com alguns sujeitos da pesquisa, com a realização de atividades comunais como o acompanhamento de palestras, refeições e a visitas a residência visando o conhecimento etnográfico. Neste segundo momento foram realizados um conjunto de perguntas informais sobre a história de vida dos participantes a fim de conhecer um pouco mais sobre eles e seu cotidiano. Todas essas entrevistas foram gravadas, sempre com a anuência do participante e com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – conforme exposto no Apêndice B.

ii. Entrevista semiestruturada

A entrevista semiestruturada é colocada por Flick, (2007) como um tipo de entrevista guiada, que permite ao pesquisador um planejamento aberto, com um guia de perguntas que

pode ser complementado por outras perguntas caso o pesquisador necessite. Nesse sentido, segundo Laville e Dionne, (2008), a flexibilidade adquirida por esse tipo de entrevista e as perguntas abertas permitem uma maior intimidade entre pesquisador e entrevistado, permitindo uma exploração em profundidade deste.

Porém, para Flick (2007) esses tipos de entrevista podem ter alguns problemas de direção e mediação, que ocorrem quando o pesquisador deve se restringir ao guia de perguntas ou quando ele deve se desviar para realizar uma pergunta exploratória afim de aprofundar a informação relativa àquela pergunta.

No nosso caso, a entrevista semiestruturada foi realizada para complementar dados da observação participante e aprofundar o conhecimento a respeito dos participantes sobre o seu envelhecimento. Para isso, na maior parte das entrevistas, se seguiu com rigor a ordem e as perguntas abertas da pesquisa, indicadas no Apêndice C.

b. Procedimentos Éticos

A estrutura ética que rege esta pesquisa foi fundamentada na Resolução nº 466 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) de 12 de dezembro de 2012. Assim, após o esclarecimento da proposta de pesquisa, os colaboradores assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (conforme indicado no Apêndice B), que autorizou a utilização dos dados coletados na construção do trabalho. Solicitou-se também a autorização do uso de gravador. Assegurou-se a preservação da identidade dos idosos que concordaram em contribuir com o processo, não somente no que diz respeito ao nome, mas também no que se refere a qualquer informação que permita sua identificação.

De acordo com esta resolução, os riscos das pesquisas sempre devem ser delimitados. Essa pesquisa se utilizou de entrevista aberta, o que pôde ter trazido algum desconforto por

proporcionar que os sujeitos falassem de situações pessoais ou íntimas. O tipo de procedimento apresentou um risco mínimo de fazer emergir sentimentos de ansiedade ou tristeza que foram reduzidos pelas atitudes de cuidado do pesquisador durante o processo de pesquisa. A fim de minimizar tal fato o pesquisador buscou estabelecer um bom vínculo inicial com os idosos, os deixando a vontade e esclarecendo que ele poderia interromper a entrevista a qualquer momento em que desejar. O pesquisador buscou dar orientações e suporte para os participantes da pesquisa sempre que foi necessário.

c. Procedimentos de Análise dos Dados

Para a análise dos dados nos utilizamos do aporte da análise do relato etnográfico, e do Discurso do Sujeito Coletivo. A análise do relato etnográfico compreende o momento diagnóstico da etnografia e perpassa o processo etnográfico a partir de cinco etapas: os momentos afetivos, cognoscitivo, operativo, ético e o social. Já o discurso do sujeito coletivo foi utilizado apenas na construção das categorias de análise. Nesse sentido, ele foi utilizado em conjunto com o software específico DSCsoft.

i. Procedimentos para a Análise do Relato Etnográfico.

O primeiro momento da análise do relato etnográfico, segundo Baztán e Martins (2014) é o momento afetivo, quando o participante, com a crença de que o médico, ou o pesquisador externo, minimiza sua história e sua importância e se coloca frente a um bom profissional, para que este o cure. Nesta situação o participante entrega o controle e cede o poder sobre si e sobre a sua história frente ao pesquisador, diante do conhecimento e da

confiança neste. Esta entrega do participante e a forma como ela o faz já é motivo de análise para o pesquisador.

O segundo momento é denominado cognitivo, no qual, após escutar o relato do participante, o pesquisador deve adentrar na realidade deste e deve confrontar a informação exploratória trazida a tona com o marco teórico que ele possui sobre o observando e sua realidade. Assim, após um cuidadoso controle dos riscos do observador e de uma análise minuciosa dos dados, este reconstrói a realidade cultural e emite um diagnóstico ou informe sobre a mesma.

A partir do confronto entre o conhecimento científico Etic (do pesquisador) e o conhecimento Emic (do participante) o segundo tipo de conhecimento será categorizado, gerando o diagnóstico cognoscitivo. Assim, este será um diagnóstico Etic expresso em termos categoriais codificados que relatarão um problema a partir de um viés científico.

O terceiro momento, o momento operativo determina um viés resolutivo e operativo frente a um problema que a etnografia busca resolver em uma comunidade. Desta forma, o momento operativo visa a criação de uma resolução frente ao problema colocado pelo relato e diagnosticado no momento anterior.

O quarto momento é o momento ético, no qual o pesquisador deve ater-se ao valor deontológico implícito em sua pesquisa e focar-se numa prática de respeito, deixando de lado seu interesse pessoal na busca de respostas ao problema frente ao respeito da cultura diferente, das condições sociais e pessoais diferentes que o sujeito Emic possui.

O quinto momento é o momento social, no qual existe o pressuposto de que a ação etnográfica será inadvertidamente uma ação no contexto de pesquisa e na vida dos sujeitos havendo um intercâmbio de influências entre o pesquisador e o participante.

ii. Procedimentos para criação de categorias a partir do Discurso do Sujeito Coletivo

Nós utilizaremos também da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC, para ajudar na criação das categorias de análise. Assim, Lefevre, Lefevre, e Marques (2009) introduzem que esta técnica trabalha com a teoria das representações sociais. Esta teoria busca uma reabilitação do senso comum e do saber popular e do cotidiano, considerado como pré-teórico a partir do raciocínio de Arruda (2002). Assim, ela busca dar poder ao pensamento popular, buscando aliar o saber social popular à inscrição social que o cidadão comum possui.

Dessa forma, Lefevre, Lefevre, e Marques (2009) trazem o DSC como um método qualitativo e quantitativo, no qual o processamento das respostas busca uma análise detalhada, uma postura rigorosamente descritiva e a nomeação dos sentidos manifestos ou ideias centrais, assim denominadas pelos autores.

A partir dessa breve delimitação do método, seguimos alguns dos passos colocados por Lefevre, Lefevre, Simioni, e Ferraz (2010) e Lefevre e Lefevre, (2011) que orientam como retirar de alguns discursos suas ideias chave. Nesse sentido os autores colocam que as ideias chave são o nome ou a expressão chave que revela e descreve da maneira mais sintética possível um determinado discurso. Os autores também trabalham com as noções de expressões chave, que são as transcrições literais dos discursos de alguns entrevistados que revelam as ideias centrais de cada discurso. Assim, os autores colocam que se devem escolher as expressões chave de cada discurso e se um discurso contém mais de uma expressão chave, estas devem ser separadas em diferentes discursos.

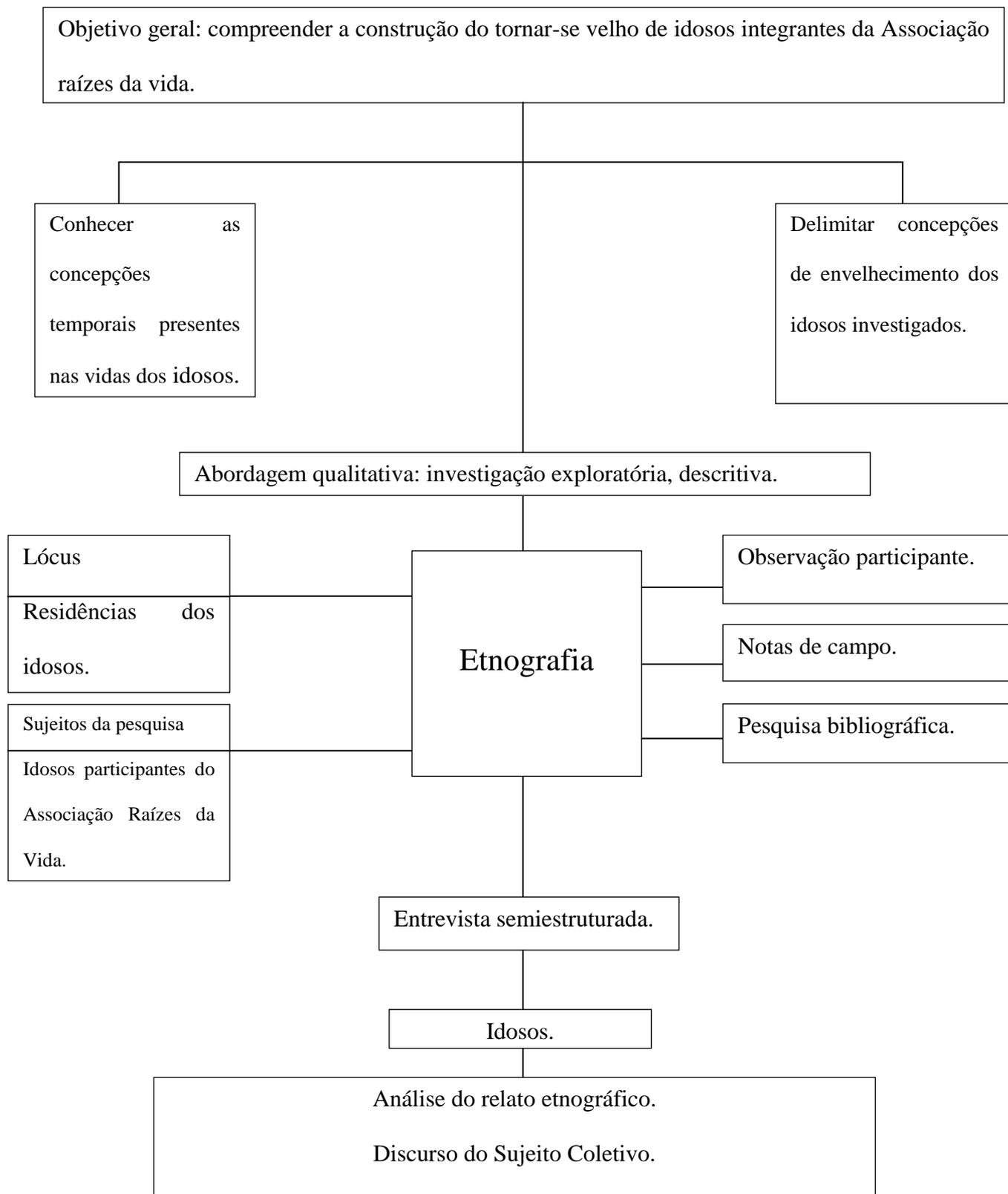
Dessa forma, os métodos de análise e categorização enunciados pelos autores perpassam a identificação das ideias chave de cada discurso, a partir da separação das

expressões chave que identificam essas ideias chave de tais discursos. Essa separação deverá ser feita em cada discurso de cada participante da pesquisa, numa catalogação rigorosa das principais ideias presentes naqueles discursos. Nesse processo, o autor delimita que um discurso poderá apresentar mais de uma ideia chave e assim também mais de uma expressão chave, e que isso deverá ser feito para enriquecimento da análise.

A partir dessa separação, todas as expressões chave encontradas de todos os discursos devem ser impressas ou anotadas e expostas lado a lado e devem ser colocadas letras em cada expressão (A, B, C, D, etc). A partir da leitura rigorosa dos trechos, as respostas parecidas ou complementares devem ser nomeadas com as mesmas letras e em um segundo momento essas letras deverão ser nomeadas a partir das temáticas das categorias. Essas categorias podem ter a nomenclatura de uma expressão chave ou podem ter outra nomenclatura que agrupe da melhor forma as ideias centrais localizadas.

O DSCsoft, é um software baseado na teoria do Discurso do Sujeito Coletivo, feito para facilitar os procedimentos operacionais do método. Nesse sentido, a partir dele é possível realizar todos os passos de criação de categorias previstas, sendo uma atualização do software Qualiquantisoft (Lefevre e Lefevre, 2015).

Figura 8: Desenho da investigação.



(Fonte: Elaboração própria).

7. RESULTADOS

Neste capítulo falaremos um pouco mais sobre a incursão etnográfica realizada no campo e a análise os dados da pesquisa. Todos estes dados foram organizados dentro do relato etnográfico, seguindo este enfoque de investigação.

a. Locais da investigação

Nossa incursão inicial no campo durou cerca de 2 meses, nos quais realizamos algumas visitas iniciais e buscamos adentrar na rotina dos grupos de atividades físicas da Associação Raízes da vida, visando a escolha dos sujeitos da nossa pesquisa. Esta associação nasceu a partir do projeto Raízes da Vida e ocorre no Instituto Federal de Educação do Estado do Ceará (IFCE), diariamente das 07 às 10 horas da manhã. A Associação se iniciou em Junho de 1999 e busca proporcionar aos idosos da comunidade um atendimento qualificado para a promoção da saúde através de atividades físicas, eventos festivos, socialização e seminários educativos. No projeto participam idosos desde os 60 anos até os 88 anos. A Associação tem a capacidade para atender até 500 pessoas. Ela é autossustentável, sendo cobrada uma taxa mensal de R\$ 25,00 (vinte e cinco reais) para o custeio das diferentes atividades oferecidas para o grupo, assim como a aquisição de material didático e o pagamento de professores, bolsistas e secretaria (IFCE, 2015).

A associação foi escolhida por que se tratava de um bom e receptivo âmbito de convivência de idosos em Fortaleza. Apesar do período de dois meses, não tínhamos a disponibilidade de comparecer todos os dias ao local, comparecendo apenas um dia na

semana. Esta incursão inicial foi facilitada por uma professora de um dos institutos cearenses. Assim, ela apresentou todas as instalações do instituto, como também apresentou as coordenadoras responsáveis pela Associação e as professoras da Associação.

A Associação se configurou inicialmente como um local para a escolha dos indivíduos que iriam participar da pesquisa, e em um segundo momento, para observação de parte do cotidiano destes idosos já escolhidos. Neste segundo momento, além da observação dos idosos escolhidos na Associação Raízes da Vida, esses idosos também foram observados e entrevistados em locais de sua escolha, especialmente nas residências deles. Deste modo as residências dos idosos se tornaram os locais nos quais boa parte das observações participantes e entrevistas foram realizadas.

b. Sujeitos da Pesquisa

Para esse estudo, foram selecionados seis idosos de ambos os sexos, com níveis de escolaridade e condição social diversos, residentes em Fortaleza e participantes da Associação Raízes da Vida. Todos os idosos tinham mais de três anos de participação na Associação.

Assim, em um primeiro momento foram observados todos os grupos de atividades físicas realizadas no instituto, a musculação, a hidroginástica, a ginástica e a dança sênior. Após a observação inicial destes grupos, tivemos uma conversa com a secretária da Associação e foi descoberto que a maior parte dos participantes da associação eram mulheres e que haviam poucos grupos de atividades físicas com muitos homens em sua composição. A partir dessa observação ela nos apontou os horários de grupos que tinham uma maior quantidade de homens. Para as observações destes grupos, foram escolhidos inicialmente os

grupos de hidroginástica e de musculação, pois estes tinham uma maior quantidade de homens.

Assim, nas primeiras observações em dois grupos de hidroginástica nos apresentamos para todos os participantes e observamos o movimento dos grupos. Apesar da abertura de muitos idosos desses grupos de hidroginástica, por conta do número flutuante e decrescente de idosos homens, optamos pela não escolha de idosos daqueles grupos.

Figura 9: grupo de Hidroginástica.



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2016).

As observações iniciais dos grupos de musculação foram realizadas concomitantemente as primeiras observações dos grupos de hidroginástica, e nelas

inicialmente também foram observadas poucas interações entre os idosos, mas a frequência de homens nos grupos de musculação era bem maior, o que motivou a permanência da nossa observação nesse grupo. Além disso, vimos em um segundo momento, que nos grupos de musculação havia uma maior liberdade dos alunos para escolherem a ordem dos seus equipamentos, conversarem entre si e com o professor na pausa entre um equipamento e outro e para sair antes do final da musculação.

Figura 10: Grupo de musculação.



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2016).

A dança sênior foi observada após a visita dos grupos de hidroginástica, sendo vista como um grupo interessante para a escolha de participantes femininos para a pesquisa, pois

durante a observação inicial notamos um período de diálogos no início de cada grupo, no momento de explicação das coreografias de danças que em muitas vezes se estendia em conversas de pelo menos 10 minutos entre a professora e as alunas. Com a exceção de um grupo, todos os grupos de dança sênior tinham no máximo um homem. Pela característica de maior interação entre os membros e pela prevalência de mulheres, decidiu-se inicialmente que iriam ser selecionadas mulheres do grupo de dança sênior e homens do grupo de musculação.

Figura 11: Grupo de dança sênior.



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2016).

Porém, ao longo do processo inicial de pesquisa, obtivemos algumas recusas e impossibilidades de algumas mulheres do grupo de dança sênior como também de um homem de um dos grupos de musculação. Dessa forma, ao final foram escolhidos cinco participantes dos grupos de musculação e uma participante dos grupos de dança sênior.

Dessa forma, o principal critério de inclusão da pesquisa foi o enquadramento do sujeito como idoso, este que é previsto no estatuto do idoso, como aquele que apresenta idade igual ou superior a 60 anos e em conformidade com a lei 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Brasil, 2013). Outros critérios de inclusão foram a participação regular do idoso nas atividades do projeto, o desejo do idoso em participar após a apresentação e leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, além de ter a residência em Fortaleza.

Foram excluídas da pesquisa participantes com idade menor que 60 anos, participantes da Associação Raízes da Vida que não quisessem participar da pesquisa, idosos de saúde frágil, ou idosos que não estivessem participando regularmente das atividades da Associação Raízes da Vida.

Deste feito, com os seis idosos escolhidos foram realizadas 3 a 4 observações participantes em ocasiões e locais do cotidiano destes idosos, juntamente com a observação destes idosos seus exercícios na Associação. Este segundo período de observação durou cerca de dois meses.

Para esses idosos foi lido o termo de compromisso livre e esclarecido (Apêndice A), o mais claramente possível, e após a realização de uma pergunta para averiguar alguma dúvida pendente, todos concordaram com os termos e assinaram os documentos. Após esse processo, foram feitas as perguntas da entrevista semiestruturada.

Para melhor descrição dos sujeitos participantes da pesquisa, designamos os nomes deles de acordo com as características que se aproximavam dos traços de deuses e personagens gregos, nos baseando nas obras de Salis (2002, 2015). Atena é a deusa da

sabedoria e da equidade; Poseidon é o deus dos mares e representa as necessidades inadiáveis que deverão ser realizadas na terra; Deméter é a deusa da fecundidade e da terra cultivada; Hipócrates é considerado o pai da medicina, o primeiro a desenvolver uma teoria sobre o tratamento médico; Hebe é a deusa da juventude; e Hércules é um dos heróis gregos mais importantes, famoso pelas diversas provas que teve de passar, os doze trabalhos de Hércules.

Dessa forma, os sujeitos escolhidos foram: Atena, de 67 anos, Poseidon, de 73 anos, Deméter, de 74 anos, Hipócrates, de 77 anos, Hebe, de 72 anos; e Hércules de 70 anos.

Figura 12: Perfil dos participantes da pesquisa.

Participante	Sexo	Idade	Profissão	Escolaridade	Estado Civil	Nº de Filhos
Atena	F	67	Servidora pública aposentada	Superior Completo	Solteiro	0
Poseidon	M	73	Servidor público aposentado	Superior Completo	Solteiro	0
Deméter	F	74	Dona de Casa	Ensino Fundamental Incompleto	Casada	9
Hipócrates	M	78	Motorista auto viário aposentado	Ensino Fundamental Completo	Casado	9
Hebe	F	72	Trabalhadora Doméstica Aposentada	Ensino Fundamental Incompleto	Solteira	0
Hércules	M	70	Servidor público Aposentado	Ensino Fundamental Completo	Casado	4

Fonte: Elaboração própria.

c. Apresentação do relato etnográfico.

No processo de observação participante e nas entrevistas, os participantes puderam desenvolver os relatos sobre sua história e seu cotidiano, que compartilhamos nessa seção. Alguns dos participantes possuem relações entre si. Este é o caso de Atena e Poseidon, que são irmãos e moram no mesmo apartamento com outra irmã; e de Deméter e Hipócrates, que são casados e também moram juntos. Assim, Hércules e Hebe são os únicos que não possuem relações familiares ou maritais com os outros participantes.

Atena

Atena é uma pessoa aberta e extrovertida no convívio privado e uma senhora distinta e respeitosa na convívio público. Ela conversava com poucas pessoas nas aulas de musculação das quais participava, sempre focando nos equipamentos e nas atividades que realizava na musculação e demonstrando um aspecto ativo, porém reservado. Ela viveu uma infância carente no interior e buscou seguir as diretrizes que o seu pai, ao priorizar sua independência financeira antes de relacionamentos amorosos, estudando e trabalhando ao chegar a Fortaleza:

E ele sempre orientando. Papai foi assim tão presente assim na nossa vida, assim na nossa educação... a mamãe cuidava da parte doméstica assim de tudo, nunca, não tinha ninguém que ajudasse, a gente ajudava em casa, lógico, também, mas era ela que assumia tudo. Além de tudo ainda tinha um irmãozinho mais novo para ela cuidar. Foi assim uma luta muito grande, uma união assim muito grande de todo mundo. Aí pronto, aí vinemos para Fortaleza, aí ele dizia, aí começou, já ficamos

mocinha né, aí ele dizia: 'olha, vocês estudem e trabalhem (essa frase ressoa ainda nos meus ouvidos até hoje), vocês estudem e trabalhem, o importante na vida é uma mulher ter o seu emprego, o seu salário (isso em 1958-59, no início da década de 60). Vocês estudem e trabalhem, o melhor marido é o emprego. Quando vocês estiverem formadas, quando estiverem já com a vida ganha, se aparecer uma criatura que preste, vocês se casem, se não aparecer não tem problema nenhum, o importante é vocês terem a independência financeira de vocês'. Aí, eu peguei isso com unhas e dentes (risos), peguei mesmo essa frase assim com unhas e dentes. (Trecho da entrevistada da pesquisa).

Atena não se considera uma pessoa esteticamente bonita, especialmente em relação às irmãs mais velhas que ela e por isso que sempre buscou ter um ímpeto e determinação maiores diante dos obstáculos da vida, pois não poderia se valer de sua beleza estética:

Aí eu comecei a pensar, quer saber de uma coisa, eu sou muita feia, ninguém vai querer se casar comigo mesmo, eu vou é botar a mão na massa logo e eu vou é procurar trabalhar, estudar, pra eu ter meu próprio emprego e seguir o que o meu pai diz, e deixa a feiura de lado. Aí nisso a (Irmã), a mais nova do que eu, '(Irmã) quer saber de uma coisa, nós duas somos as mais feinhas aqui, nós duas vamos ter que ir para a luta mesmo, e nós duas vamos vencer mesmo com a nossa garra e com a nossa força'. Aí pronto, mas você sabe que isso ajudou sabe? Porque desde pequeno eu tive essa noção, quer saber de uma coisa? É isso que eu vou fazer, e se alguém tava olhando para mim e se não tava, se eu era feia ou se eu era bonita, eu também não me interessava, eu queria saber se eu era, se tinha saúde, inteligência e força para lutar e trabalhar. Isso me deu essa força, essa vontade que eu tive assim, 'ah que fulano me

acha feia', que se dane, eu não tenho nada haver com isso, tá me achando feia tá perdendo tempo (risos).. isso me deu uma alto estima também elevada, sabe? Eu superei. Por isso que eu digo, as vezes eu vejo pessoas assim, que tem assim uma vida boa, são pessoas com aparência boa, e se imbioca assim, não sei porque o pessoal não busca assim essa força, pra reagir... (Trecho da entrevistada da pesquisa).

Ela buscou demonstrar o rigor e a sua organização nos relatórios de viagem que ela mostrou, com os detalhes e as fotos de cada viagem como nos quadros que ela havia confeccionado na parede de casa das viagens que ela já havia feito com os irmãos.

Pronto, então enquanto isso a (Irmã) lendo pra lá, o (Poseidon) lendo aqui, aí eu fico muito tempo no computador, adoro computador. As nossas viagens não é só arrumar a bagagem, a gente vai pra viagem, o (Poseidon) é o fotógrafo, o (Poseidon) adora bater foto, ele essas fotos foram batidas tudinho batidas usando a máquina dele... Aí a gente pega, quando chega eu cuido dessa parte, eu adoro fazer isso daí, eu pego, passo tudim pro computador, aí renomeio tudim, quando eu pego, saber né qual foram os locais, o nome daquele local, tudim, por exemplo, alí, Machu Picchu, a cidade perdida dos incas não tava com um mês que a gente foi... Aí eu renomeio todas as fotos, e depois, deixa eu pegar ali o trabalho que eu faço para te mostrar... Aí quando a gente chega da viagem, o que é que eu faço? Eu faço um relatório... Vai começar a viagem em si, é uma aprendizagem né, não é só ir tem gente que vai só para fazer compras e tal a gente vai, organiza tudo, faz o relatório ilustrado (risos). (Trecho da entrevistada da pesquisa).

Esse rigor e organização também se mostrava presente na disposição do apartamento que dividia com os irmãos, que tinha uma excelente aparência, muito limpo e bem cuidado, parecendo novo. Não havia nada fora do lugar em todos os cômodos do apartamento e a cozinha também parecia que havia sido reformada recentemente. Ela possui uma boa condição financeira e vive bem com os irmãos.

Figura 13: Visualização do interior do apartamento de Atena.



Fonte: Arquivos da pesquisa (2016).

Atena demonstrou uma grande liderança entre os seus dois irmãos com os quais ela mora, articulando alguns movimentos deles enquanto nós estávamos com eles, inclusive tendo a iniciativa de mostrar todo o apartamento que eles moravam, apesar de ser a mais nova

deles. Ela também se mostrou a mais extrovertida dos irmãos, conhecendo e conversando com amigos de sua irmã servidora do Banco do Brasil, em evento que eu os acompanhei realizado na AABB (Associação de Aposentados do Banco do Brasil).

Ela não se considera velha, pois ainda faz muitas das coisas que um jovem faz e considera velhos somente aquelas pessoas que já estão cansados das vivências cotidianas e que não possuem sonhos. Essas características ficaram evidentes no vigor de seu relato ao falar de seus sonhos, das conquistas que ainda pretende realizar, e na leveza de alguns trechos em que ela ria de algumas situações que ela contara.

Ela já realizou a maior parte de seus sonhos ao ter adquirido sua independência financeira, ao ter um teto onde morar e ao conseguir viajar para os mais diversos locais do mundo. Ela e os irmãos cuidaram durante muito tempo de um irmão paraplégico que tinha uma boa autoestima e não se considerava aleijado e a forma como esse irmão encarava a vida e os problemas a motivaram a nunca ficar triste diante das circunstâncias da vida, quaisquer que fossem.

Poseidon.

Poseidon é um idoso de sorriso fácil, mas um pouco introvertido. Ele conversa pouco com os seus colegas de grupo de musculação, e preferencialmente com os homens, apesar de suas expressões sempre sorridentes. Ele compartilhou da mesma origem de Atena, estudou no interior e logo ao chegar a Fortaleza teve de trabalhar e estudar. Ele mora junto com ela e com outra irmã deles. Ele atualmente não vê nenhum problema em ser o irmão mais velho:

Não tem, depois que a gente, a gente passa dos quarenta né? Aí como diz, as idades se nivelam... Porque no começo quando tá aquele período dos trinta, existe aquela,

aquela concorrência, aquela liderança, aquela outra, mais depois dos quarenta, as dificuldades passam a ser comuns a todos, aí pronto, a gente se nivela, todo mundo procura ajudar o outro, e... E aí cada um tem suas atividades, é assim de, de um encorajar o outro, por exemplo, a caminhada né, eu vou fazer a minha caminhada, a outra não quer ir, 'vamos, para acompanhar', a gente dá um incentivo. Às vezes eu quero, uma quer ir fazer um passeio, visitar um shopping novo uma coisa, aí eu não quero ir, 'vamo, porque é uma coisa nova'. Um incentiva o outro e no fim a gente acaba seguindo né, descobrindo coisas novas né... E sempre participando. Por exemplo, uma viagem, a gente procura participar das atividades, dos, das opções que tem, evita, procura sempre evitar excessos de gastos, por exemplo, as vezes tem uma opção que custa, digamos, 300 dólares por pessoa, ninguém vai, a gente vai num que custe 100 dólares né, porque aí é... Tanto onera o orçamento e nem é, ah os comentários depois é difícil ser uma droga o espetáculo presto, e a gente...aí com isso a gente vai...é... Ver o que o senhor tem para responder. (Trecho do entrevistado da pesquisa).

Ele possui uma visão objetiva e prática da vida, e transmite uma grande tranquilidade com a sua voz mais pausada, calma e educada. Em casa e na musculação, ele não se movimenta com pressa, mas sempre busca se movimentar com uma posição ativa, com os ombros para trás e a cabeça erguida.

Ele gosta muito de não ter mais as obrigações que tinha durante os seus anos jovens, e possuir um tempo livre para fazer o que quer e especialmente de estar livre de obrigações de trabalho. Ele já teve um relacionamento em que quase casou, mas que ao final os seus interesses e os interesses da sua parceira não convergiram. Ele considera que a velhice deve ser aproveitada com moderação, e que apesar de ter desejos e vontades de jovem, seu corpo

não respeita mais muitas de suas vontades, aos 73 anos, fato demonstrado pela sua fragilidade maior do que a da sua irmã, pois ele tem algumas dores de coluna e não demonstra o mesmo vigor que a irmã demonstra. Para ele, o respeito ao orçamento é muito importante e deve ser sempre levado em consideração, juntamente com as limitações físicas provenientes da idade:

É, aí quer dizer, como aposentado eu tô despreocupado, graças a Deus, e tenho, e a gente vai e fica, como diz dentro uma renda comum que nós temos a gente fica vendo quais são as prioridades de despesa, e quando é uma viagem a gente vê qual o orçamento, de preferência a gente procura não contrair dívidas, não é? É, fazer, quando a gente faz a viagem as despesas estão todas pagas, a gente leva o dinheiro suficiente para as opções, comprar souvenirs, e participar né... Participar das opções, com isso a gente, a gente, a gente procura encorajar o outro né, como passeio de balão, aí eu quero ir as outras não querem, então quando vai só, uma travessia de barco, na lancha, normalmente eu sou mais atirado para essas coisas né. Aí eu vou aí elas vão, não deu certo, eu tava enjoando, fazia uma trilha né, aí normalmente eu vou também aí lá se vai, mas no fim a gente participa e dá certo... A gente sempre procura assim, quer dizer, nesses casos a gente nunca vai considerar que, que é um cara já de 60 anos tem que ficar limitado né, 60 anos é um jovem que participa de todas as atividades, é claro que não é uma atividade de, de, de risco, por exemplo, uma trilha, uma trilha, é um local muito íngreme né? Ou fazer um, arriscar um, um... Diga um passeio de barco, corredeiras essas coisas ninguém se arrisca nesse tipo de coisa, mas sendo um local que tenha segurança e principalmente os outros, as outras pessoas do grupo, pessoas de idade de 60, 65 vão aí a gente se encoraja também de ir. Aí tem uns acidentes, por exemplo, o... Uma vez a gente viajando de balão, lembro que eu não fui, mas o, é não foi uma viagem mais sacrificada, porque tinha que sair de

madrugada, num ambiente frio, de clima frio, e o balão deu problema, teve que fazer um pouso forçado, foi uma viagem de risco, quer dizer, que é uma coisa que a gente tá sujeito né. Mas, mas isso é sempre bom... não é isso que lhe impede de participar de uma outra, porque tem um tem um passeio de barco e o barco afundou, isso é, é ocasional, não quer dizer que vai acontecer sempre... E o mais importante é isso, a pessoa ter, procurar não fazer excessos, ter um tempo saudável, o que aparece é só, as contingências da idade né, por exemplo, uma vez uma distensão, outra vez você pega, pode pegar uma, pegar uma chuva, pegar uma gripe, passar uma semana na cama, essas coisas acontecem né... (Trecho do entrevistado da pesquisa).

Ele é um pouco mais passivo em relação às duas irmãs que moram com ele, especialmente a Atena e um pouco mais dependente delas, o que ficou evidente em algumas solicitações que Atena fez a ele.

Deméter

Deméter é uma pessoa reservada, atenciosa e simples. Ela nasceu no Eusébio, em um sítio de sua mãe e por isso sempre gostou de uma vida simples e recatada, sem muito luxo. Ela casou cedo com Hipócrates e no início de seu casamento aprendeu a costurar e a trabalhar com costura com a sua mãe, mas depois que seus filhos nasceram não pôde mais trabalhar. Ela deu bastante apoio ao marido enquanto este começou a ter constantes crises de asma, sempre buscando cuidar dele e dos filhos e dar a educação para os filhos que ela não teve. Eles moraram no Iguape por mais de dez anos, período que Deméter e o marido fundaram uma Igreja no Iguape e organizaram as atividades da igreja. Após retornarem a Fortaleza, os

filhos construíram um prédio de quatro andares para a família toda morar e eles moram nesse prédio:

Na minha vida eu casei muito nova eu casei com 17 anos, quase não tenho experiência de vida de de como é que se diz, de jovem né porque, eu sou filha única minha mãe só teve a mim e criada só por ela, não tive convivência com o meu pai, e assim, ela procurava fazer o máximo por mim né, ela nunca teve visão para (me educar) e graças a Deus o pobre só vence através do estudo né, e eu desisti logo, muito cedo, com dez anos não quis mais estudar, ai pronto fui viver com ela procurando aprender um serviço manual, até que aos 17 anos me casei, e vivência de festejo assim essas coisas de badalação eu não tive de nada, sempre fui muito tranquila em casa com a minha mãe mais uma vez e também as coisas com a minha mãe eram tão difíceis não tinha essa facilidade que tem hoje em dia de se divertir e de passear então a minha mocidade foi assim muito simples mesmo e ai continuei na minha rotina né, não mudou em quase nada e ai engravidei fui tendo os filhos e ai começou ele a ficar muito doente e eu banquei forte e firme ali, ajudando, procurando vencer tudo com fé em Deus, procurando ir sempre na igreja, quando tivesse assim uma coisa que achava que tinha uma coisa que estava me atrapalhando ali que eu achava que ia desistir eu pedia força a Deus, e venci graças a Deus e considero que venci estou aqui com 9 filhos, todos ao meu lado, todos grandes, com 75 anos, 20 netos, 4 bisnetos, nora com os netos já casando, e olhando para uma vida que eu acho tranquila, eu acho uma vida tranquila não tenho muito a acrescentar porque eu já disse né (Trecho da entrevistada da pesquisa).

Aos finais de semana, ela e Hipócrates vão ao Iguape, onde estão supervisionando a ampliação de sua casa. Hoje ela já está abandonando os trabalhos com a igreja, porque não está mais dando conta, ficando somente na supervisão das contas e das atividades. Ela não quer abandonar completamente essas atividades, pois sente muito prazer em trabalhar na igreja:

[...] Semana passada eu trouxe três livros desse tamanho assim de missal, fui levar ali na Praça José de Alencar, para encapar porque tava desencapado, o que eu já tinha feito isso os outros compraram e não fizeram, e eu aproveitei a oportunidade, mas um peso enorme para a gente vir lá da praça da estação aqui para a galeria Pedro Jorge, pelo menos era onde eu sabia que fazia, mais aí, sim, eu reconheço que eu não tenho mais capacidade para enfrentar mais essas situações, aí me reconheço, mas gostaria que eu tivesse, mas a idade não dá mais para isso, eu tenho que aceitar, resignação, e aceito, as vezes eu sinto assim um, um pouquinho de coisa mais de repente passa, a gente espairose com outra coisa e pronto (Trecho da entrevistada da pesquisa).

Seu apartamento estava bem organizado e limpo, com muitas lembranças do crescimento dos seus filhos e netos. Ela gosta de ficar na cadeira de balanço que possui em sua sala assistindo televisão, uma das atividades que mais realiza em sua casa.

Figura 14: Visualização do interior do apartamento de Deméter e Hipócrates



Fonte: Arquivos da pesquisa (2016)

Ela também gosta de arrumar a casa, e de fazer tricô, sendo que esta última atividade ela já está abandonando. Ela fica um pouco triste às vezes com algumas doenças que desenvolveu, tal como diabetes, pois já sofreu muito e gostaria de aproveitar a vida agora que adquiriu uma condição de vida melhor, mas o diabetes não a permite e sua expressão confirma essas decepções:

[...] Nunca deixei até hoje a minha vidinha de dona de casa de avó até hoje, nossa vivência de envelhecimento é aqui na minha né às vezes bate umas contradições porque ele já está nessa idade dos 75 né e aparece umas doenças que a gente não esperava, Diabetes que deixa a gente idiota né, dá aquele desespero, mas, graças a Deus eu aceito, não me entrego de jeito nenhum, sempre procurei resistir mesmo que

seja uma dor muito forte, não é uma dor não é ficar acamado para me fazer desistir e achar que está tudo perdido. Tem um momento que a gente sente aquela traiçõzinha aquela coisa, mas, eu realizo muito bem graças a Deus até agora né (Trecho da entrevistada da pesquisa).

O sucesso de seus filhos e o crescimento de sua família ao redor dela e do marido a deixa muito feliz, pois essa foi a situação que ela buscava desde quando ela era mais nova. Ela demonstra uma grande articulação em casa sempre que os filhos pedem algo para ela ou quando uma servente que trabalha para os filhos dela necessita de algo, demonstrando muito zelo também pelo quintal no qual os filhos se reúnem ao final do dia com eles. Esse quintal é amplo e possui uma mesa, algumas redes e uma piscina.

Figura 15: visualização do quintal do prédio de Hipócrates e Deméter



Fonte: Arquivos da pesquisa (2016).

Hipócrates

Hipócrates é uma pessoa tranquila, sempre com um sorriso no rosto e uma voz mansa. Ele nasceu também no Eusébio, perto de Deméter, a conheceu quando era muito novo, e logo namorou e se casou com ela. Ele trabalhou durante muito tempo numa empresa de ônibus. Porém, foi demitido da empresa e começou a trabalhar como taxista, profissão que continuou mesmo depois de conseguir sua aposentadoria. No período em que tinha começado a trabalhar como taxista, ele começou a ter crises de asma que foram se agravando ao longo da idade dele, uma doença que ele conviveu durante mais de 20 anos. O médico lhe recomendou que ele morasse perto da praia para que ele melhorasse de sua doença e quando uma de suas

filhas passou em um concurso, ele, já aposentado, largou seu trabalho como taxista e foi morar no Iguape com a esposa e lá melhorou de seu problema de asma:

Morando, passei uns tempos por lá, foi melhorando, a doença foi se acabando, eu digo, rapaz, o médico estava certo mesmo, e fui ficando bom da asma, depois de velho é que eu to gozando saúde, porque até os meus cinquenta e tantos anos, cinquenta e cinco, por aí assim, eu era doente que só no final mesmo que, não sei nem mais o quê, já bastava olhar assim, o tempo fechou, balançou nada, vixe maria, teve mais jeito não, já tava com asma, e foi indo, foi indo, e eu fiquei bom da asma lá no Iguape. Morei lá 12 anos, fiz uma barraca casa toda coberta e tal, eu morro de pena, porque me mostraram a casa todinha na casa todinha e tão fazendo um chalé, aí eu, quando foi o primeiro dia eu tive uma crise, assim uma ameaça de ataque cardíaco, fui ao médico, rapaz, isso é problema no coração, aí meus filhos tudo com medo pum, me trouxeram para fortaleza, vir morar aí, aí, abandonei lá o Iguape, mas toda semana eu ia para lá, aí to me tratando com a dotora há mais, há 20 anos que eu me trato com ela, 21, agora todo remédio que ela passa para mim é tiro e queda de bom, meu coração estagiou e não cresceu mais, o problema de ataque não tive mais, de crise de nervos, acabou com tudo, to gozando, hoje em dia eu gozo de uma saúde muito boa, graças a Deus, mas agora por último, ela é, é, é uma cardiologista, mas ele entende de clínico geral... (Trecho do entrevistado da pesquisa).

Lá ele colaborou com a construção de uma igreja local, a qual ele ainda frequenta sempre que pode. Ele é muito religioso e continua ajudando esta igreja como forma de agradecer a Deus pelas melhorias nas vidas dele e dos filhos.

Hipócrates sempre buscou ter uma vida tranquila e não criar inimigos, buscando respeitar os outros, fato que pode ser observado na sua rotina na musculação, aonde ele sempre cumprimenta o professor e todos que ele encontrar no caminho. Em casa, ele possui uma rotina tranquila, não se movimenta com pressa e passa seu tempo ou assistindo televisão ou ajudando seus filhos em alguma coisa que eles necessitem.

Ele sempre buscou dar condições a seus filhos estudarem e acredita que depois de uma determinada idade, deve-se viver para os filhos. Esse fato é corroborado pelo convívio observado que seus filhos possuem com ele e a esposa, sempre se reunindo ao final da tarde no deck da casa deles para conversar e formando encontros familiares com a presença de vários filhos e netos.

Ele crê ser muito importante o cuidado de si, pois ele já viu alguns casos de pessoas que não se cuidaram depois de velhos e acabaram sofrendo acidentes e doenças:

Só sei viver assim, '(Hipócrates), não faz nada', me chamam de preguiçoso, fico só aqui, aconteceu lá na capela, por sinal eu sou padrinho da filha dela de casamento, rapaz, não é que ele é um véi mais novo do que eu, ele é mais novo do que eu, subindo numa mangueira, caiu e ficou paraplégico, rapaz o que o senhor quer ver em mangueira rapaz, isso, parece que é doido, novo não é futuro, imagina vei, rapaz eu não faço essas extravagâncias não, eu me boto muito, então eu, eu, quando é uma coisa muito pesada eu chamo os meninos para buscar, rapaz esse cara não faz porque não quer, mas não é, é o problema que eu tenho de saúde e eu não vou me arriscar, porque que eu vou me arriscar? Trabalhar eu não vou, pra quê eu vou trabalhar? (Trecho do entrevistado da pesquisa).

Por isso ele não busca mais se arriscar e o máximo que ele faz são suas atividades no IFCE, as viagens ao Iguape, saídas para ir ao médico, para resolver problemas burocráticos no banco, ou ao shopping. Ele considera que somente adquiriu saúde depois de velho, por causa da asma, e por isso tem planos de viver até os 100 anos com saúde:

Quando eu não tenho a dizer nem da minha velhice, nem da minha família a pessoa criar 9 filhos. A gente passa por essas coisas, mas supera Graças a Deus a gente só tem muito o que agradecer a Deus. Meu seguro de vida é um o dela é outro, mas até que o nosso seguro é bom. É assim a nossa vida, estamos aqui, junto todo tempo, será que viver pelo menos uns dez anos, quando chegar pelo menos uns 100 anos ai a gente fica. Não esmorecer, sempre digo para o pessoal, não esmoreça. Ainda tenho muito tempo para me aposentar de tudo e tem que se cuidar, porque se não se cuidar. Eu não sei como esse pessoal fica velho e trabalha mais do que quando trabalhava antes, eu quando me aposentei trabalhei muito mais que quando tava na ativa e essa minha filha quando se aposentou da Coelce agora trabalha muito mais do que trabalhava antigamente, porque tem uns que dizem “eu me aposentei e agora que eu me aposentei vou parar” não é assim não, aparece coisa e aparece coisa e parece coisa, e não é assim não e ninguém pode esmorecer. Essa é a vida de nós dois, 77 anos bem vividos. E agora 78 (Trecho do entrevistado da pesquisa).

Hércules

Hércules é um senhor ativo, respeitoso e religioso. Ele sempre estava conversando com alguém no grupo de musculação e sempre buscando se alongar ao máximo. Ele veio de uma família carente no interior, estudou e passou pelo exército e pelo comércio até ser

aprovado em um concurso na Companhia Energética do Ceará - COELCE para pintor. Nessa época ele participava de muitas festas, mas buscava beber apenas para se divertir, nunca exagerando. Um pouco depois, ele conheceu a esposa e se casou com ela. Assim que se casou, ele paulatinamente parou de beber e buscou virar um “homem de família”. Depois ele conseguiu fazer um concurso interno da COELCE e passar para escrivão. Após passar nesse segundo concurso, ele se tornou evangélico, buscando seguir a risca a moral evangélica. Ele continuou na carreira de escrivão até se aposentar, no final dos anos 90. Após sua aposentadoria, buscou sempre ficar ativo e trabalhou com frete e transportes escolares por 8 anos até vender seu transporte escolar e buscar a musculação no IFCE:

Eu já falei, eu fui e dei entrada na aposentadoria né e comecei a trabalhar com escolar de ai com uns anos e de escolar fui fazer frete. Aí de frete também fui viajar né ai encostei as chuteiras mesmo, passei para um filho meu. Aí hoje eu me movimento né, para resolver algum problema, vou pro Centro negócio no banco tudo sou eu que resolvo. Aí pra não ficar totalmente parado aí fui fazer academia né. Eu comecei aqui no SESC fui fazer natação, hidroginástica ai fiz quase dois anos aqui três vezes por semana ai saí ‘não, vou procurar outra coisa para mim fazer exercício’ (Trecho do entrevistado da pesquisa).

Hércules foi o idoso que mais demorou a aceitar para participar da pesquisa, fato justificado por alguns acontecimentos passados em que havia sido lesado por aproveitadores. Ele mora no segundo andar de uma casa, pois o primeiro andar ele cedeu para o seu filho morar. Ele conversou conosco em sua sala, que tem um espaço de aproximadamente 40 metros quadrados, ocupados por cadeiras, um móvel com diversas fotografias, um sofá e uma televisão, que ele estava acompanhando no momento das nossas visitas.

Figura 16: Visualização do interior da residência de Hércules.



Fonte: Arquivos da pesquisa (2016).

Ele gosta de conviver com os quatro filhos que possui, saindo e viajando com os filhos e sobrinhos sempre que possível e é muito cuidadoso com os seus sobrinhos e netos, fato corroborado pelo cuidado que ele e a esposa estavam tendo por um de seus netos na ocasião de uma das visitas:

Que a gente vê de um pai hoje, que não conversa com os filhos, sai chega dez horas onze horas da noite e às vezes não vê nem os filhos né, o filho hoje é criado pelo mundo e o mundo não tem o que dar não quem tem que dar é os pais dentro de casa que tem que educar os filhos, isso que é a educação que a gente deve dar para os

filhos, é a única coisa que tem que dar é a educação. Assim, eu sou muito agradecido a Deus pelos quatro filhos que eu tenho, filhos que eu posso dizer que são muito bons que não me dão dor de cabeça, nunca me deram dor de cabeça com negócio de carnaval, antes de casar que era solteiro e tudo quando chegava a época do carnaval a gente ia pro retiro da igreja passava 4 dias lá tranquilo sem eu estar preocupado com meus filhos estarem procurando droga, bebida, que retiro da igreja de evangélico é só palestra tem brincadeira, brincadeira sadia, futebol, coisa que eu nunca tive problema com os meus filhos, Graças a Deus assim, até hoje essa vocação que eu dei para eles. é assim rapaz a vida da gente a vida do idoso é a pessoa quando é jovem pensar no futuro né hoje você está com idade amanhã você já vai começando a ficar idoso né e chega o ponto de você colher e é aquele negócio que você vai colher o que você planta né, se eu plantei coisa boa vou colher coisa boa se eu plantei coisa ruim vou colher coisa ruim, se eu fosse um cara ruim talvez eu nem tivesse conversando mais mas graças a Deus assim e eu pretendo que Deus me de mais uns anos de vida e pela minha vontade eu pretendo que Deus me de pelo menos uns dez anos que o mundo hoje está muito diferente do nosso tempo jovem (trecho do entrevistado da pesquisa).

Ele considera que a vida da velhice deve ser vivida com muito passeio, que o idoso não pode ficar em casa parado, devendo ser caseiro, mas também ter uma vida de passeios e passatempos que possam ocupar seu tempo:

[...] É a vida do idoso é assim rapaz a gente tem que saber viver né, e tem idoso por ai que não sabe viver rapaz é dentro de casa direto não tem ocupação, não tem um passeio é só dentro de casa e a gente assim fica velho cedo e vai embora. A vida é, como eu estou dizendo para você dentro de casa, mas tem que ter lazer tem que ter

investimento, tem que ter passeio, ter um.. sabe, eu quando me aposentei passei uma semana no Rio de Janeiro ai fui e fiz questão de de de ir no expresso, de ir expresso, na época era era, um expresso que tinha ai que hoje não tem mais para o Rio de Janeiro, já fui com a passagem comprada de volta de avião, mas assim como eu gosto muito de passeio, eu gostei mais da minha ida do que da minha volta, que na ida nós saímos daqui na 5ª feira, 9 horas da manhã, no expresso sabe, ai passamo quinta feira a sexta feira a noite e sábado de manha nos chegamos lá ai passamo dia e noite rodando, aqueles lugar você desce vai tomar banho, quer dizer, um investimento eu eu é bom uma viagem ligeira, mas eu gostei mais da ida do que da volta (trecho do entrevistado da pesquisa).

Ele frequenta uma associação de aposentados da Coelce, sempre que possível participando das reuniões com seus ex-colegas de trabalho.

Hebe

Hebe é uma pessoa muito alegre e extrovertida, sempre buscando fazer uma brincadeira. Ela esbanja uma característica jovial e alegre. Ela nasceu no interior, em uma família pobre que não tinha condições de coloca-la em uma boa escola, mas com a ajuda de uma tia, estudou por seis anos. O pai de Hebe não tinha interesse que ela continuasse na escola, por isso ela parou de estudar e depois não conseguiu recuperar o tempo perdido de estudo. Ela sofreu com os constantes adultérios cometidos por seu pai. Após alguns anos sua mãe faleceu e ela começou a trabalhar como doméstica na casa de algumas amigas para conseguir dinheiro. Após muito tempo, diante da oferta de uma amiga, comprou a sua casa

própria, o que foi para ela a maior conquista da sua vida, a autonomia. Após muitos trabalhos temporários, conseguiu pagar o seu tempo de contribuição do INSS e se aposentou:

Fui morar com um pessoal em Brasília, aí lá fiquei dois anos, aí vim, aí vim aí sofri um bocadinho, na casa dos outros, até eu conseguir a minha casinha, que eu comprei. Aí hoje eu vivo no céu, aí quando a minha irmã, a minha irmã veio morar aqui perto, a R., nós saímos muito pra fazer uma hidroginástica ela era doido para fazer essas coisas, já era... de televisão, eu gosto muito de televisão. Aí, aí descobri a TV (A), aí ficamos na TV(A). Aí a minha irmã tava por aqui doida para fazer hidroginástica, “nunca fiz”, “pois vamos fazer”. Aí passei dois anos esperando essa vaga aqui. Aí quando surgiu a vaga eu vim, aí começou a dizer, tem como fazer assim o projeto, aí eu comecei a me engajar, sabe? Aí fui gostando, fui gostando e até hoje. Aí na televisão assim, quando me chamam para fazer alguma coisa eu vou, eu gosto muito dessa minha vida, eu gosto, eu gosto muito não vou menti... (trecho do entrevistado da pesquisa).

Após se aposentar, Hebe começou a se dedicar mais a suas participações nos programas de televisão, na TV (B) e na TV (A). Ela se encontrou nesses trabalhos, que ela faz muitas vezes sem ganhar nada, só recebendo o dinheiro da passagem de ônibus. A sua atuação na televisão foi a realização de um sonho que ela tinha de ser atriz:

[...] Aí na televisão eu sou muito querida lá sabe? na TV (A). Quando eu to em casa me chamam (hebe) querida tem um negócio para você fazer, traga a roupa tal, traga a roupa preta, tudo eu tenho, eu tenho o meu baú de roupa só de ir para a televisão, ele já sabe, venha de roupa preta, traga a roupa preta para vestir aqui, gravo do cemitério,

quase tudo... eu gravei agora um, um... um documentário, um documentário de um cara de lá, que é diretor, é o diretor do (programa da TV), aí ele me pediu “(Amiga), eu quero falar com a (hebe)”, não é feito lá né, meu jeito lá né que tudo que me pede eu faço, “Quero falar com a dona (hebe) para ela gravar um documentário com a gente no cemitério São João Batista”. Fui eu, convidei outra pessoa e a (Amiga), três pessoas que foram gravar, eu tenho até esse documentário fui no começo, no meio e no final da gente, nossas seis caras tudo de preto, rezamos no velório. A gente era, era paga, esse documentário é assim, é (nome do documentário) sabe? A gente é convidada para, a gente era paga para cantar nos velórios, as carpinteira, as carpinteiras, a gente era chamada, sabe? Vestia toda de preto com o terço antigo, aí conseguia, o caixão reserva, no tempo antigo, sabe? Foram outros tempos né, aí, esse documentário a gente passa no começo, no meio e no final tem a gente, documentário, (nome do documentário), ela até fez para mim esse dvd... [...] (Trecho da entrevistada da pesquisa).

Hebe nos recebeu onde morava, no primeiro andar de uma casa. Ela comentou que no segundo andar morava uma sobrinha dela, a quem ela havia cedido o espaço de cima da casa para construir. A sala era pequena, com aproximadamente 9 metros quadrados, ligados por um corredor com a cozinha e ao quarto dela. A cozinha e a mesa da cozinha eram adornadas por diversos quadros religiosos.

Ela tem orgulho de mostrar as lembranças presentes nas paredes de sua sala, sejam quadros na parede, banners, fotos ou diplomas de participação. Tais quadros eram momentos com pessoas importantes com quem ela já havia filmado em seus anos na televisão. Ela também mostrou diversos álbuns que tinha, que carregavam fotos de seus trabalhos na televisão, de casas nas quais ela já havia trabalhado como faxineira e filhos de empregadoras

que ela havia ajudado a criar e que falava com prazer da profissão que eles seguiam hoje, ou com desprazer se havia acontecido algo de ruim com eles. Ao longo dos álbuns ela compartilhava também a alegria de ter encontrado muitos artistas, celebridades e diretores, e tinha prazer em contar a ocasião de encontro com cada um deles, e que tinha o autógrafo de muitos deles.

Figura 17: Visualização da sala de Hebe.



Fonte: Arquivos da pesquisa (2016)

Ela continua frequentando a televisão, especialmente à tarde, sempre que solicitada por um dos diretores da TV (A). Ela reclama de algumas dores que possui em um dos ombros, pois rompeu o tendão deste ombro após um ônibus fechar a porta em cima dela. Ela

gosta de doar alimentos e outras doações que ela recebe a outras pessoas, e apenas fica com o que necessita. Ela busca ajudar também a uma sobrinha, que mora em cima da casa dela. Ela toma poucos remédios e gosta da vida que tem atualmente, querendo viver pelo menos mais dez anos assim.

i. Considerações a partir dos relatos dos sujeitos

Observamos nos idosos alguns aspectos importantes de sua vida, que foram fundamentais no seu processo de envelhecimento ou influenciam na sua condição atual. A partir de Atena percebemos os dois valores que ela aprendera de seu pai e que lhe guiaram durante toda a sua vida, as barreiras que ela teve de superar para chegar até a sua aposentadoria e a alegria que ela ainda possui de viver e de possuir sonhos. Observamos como Atena pode superar diversos obstáculos de sua vida e discorrer sobre acontecimentos passados positivamente, alcançando um estágio de sabedoria, se aproximando da síntese positiva que Erikson (2011) aborda como o objetivo a ser alcançado na fase idosa. Nesse sentido, vê-se uma aproximação com a teoria de Heidegger (2014) a partir de uma contínua busca por um projeto futuro, pelo lançar-se às possibilidades próprias da existência nos sonhos que Atena expressa e nas viagens que ela ainda quer fazer. Poseidon demonstrou sua preocupação com alguns itens essenciais da vida idosa, tais como o exercício da moderação, o cuidado com a saúde e a vigilância do orçamento familiar. Na fala de Poseidon, é muito claro o discurso do controle, seja de condições de riscos de saúde, seja das condições econômicas. Nesse quesito podemos nos aproximar das visões bióloga e economista apresentadas por Siqueira et al. (2002), nas quais há uma conotação de preocupação com os riscos a serem cuidados e uma visão do idoso como alguém improdutivo, fora do mercado

que deve lutar por seus direitos. Ambos falaram da busca de uma harmonia para conviver com os irmãos, o que perpassa uma aceitação das características do próximo.

Já Deméter apresentou uma grande satisfação com a criação dos filhos e com o sucesso deles, assim como uma preocupação com a saúde que se aproxima de uma resignação frente às doenças. Hipócrates coloca a superação da doença que o acompanhou durante toda a sua vida, uma das condições difíceis que ele superou para criar os seus filhos e ainda gozar de saúde melhor do que tinha na juventude. Observamos que eles possuem o orgulho de sua trajetória e da trajetória dos filhos, salientando as mudanças ocorridas ao longo o do seu envelhecimento. Observamos nos relatos de Deméter e Hipócrates a sua preocupação e o cuidado que ambos possuem com os seus filhos, que expressam a questão da preocupação de Heidegger (2014) do Cuidado, que é fundamental para a formação da Presença e sua relação como Ser-com. Nesse sentido, salientamos os ganhos que Hipócrates expressa na velhice, o que o aproxima fortemente das visões positivas da velhice, pois muitos desses ganhos vieram com mudanças em seu estilo de vida, relacionadas com condições psicossociais diferenciadas a partir da proximidade da sua fase idosa.

Hércules também apresentou uma satisfação com a criação dos filhos e seu desempenho após eles crescerem, abordando também a importância de se manter ativo no envelhecimento. Ele também coloca a importância de uma maior vivência com os filhos e do orgulho que possui deles. Hebe colocou a sua satisfação com o trabalho na televisão e em poder ajudar ao próximo, nas menores coisas da vida. Ela também expressa a transformação que a sua aposentadoria a proveu a partir da realização dos sonhos que eram a compra de sua casa própria e ser atriz. Notamos na fala de Hércules aspectos semelhantes aos que Deméter colocou com relação aos seus filhos e a sua família. Ele expressa uma condição normativa, de se manter ativo e não poder ficar parado. Pelo relato etnográfico, porém, não fica claro se essa seu valor vem de observações de pessoas próximas ou de simplesmente seguir às normas

médicas per-si. No caso de Hebe, nós vemos também alguns aspectos de um envelhecimento positivo, especialmente da conquista e manutenção de autonomia e maior controle sobre a sua vida. No relato de Hebe também vemos a questão do cuidado, mas com o cuidado com o próximo, nas suas ações solidárias visando ajudar o próximo.

d. Categorias de análise.

No processo de elaboração categorial, dividimos a organização das análises entre dados teóricos e dados empíricos. Os primeiros foram construídos a partir da revisão teórica da pesquisa, buscando compreender o processo de tornar-se velho, enquanto que os últimos foram constituídos a partir dos dados coletados nas entrevistas.

i. Categorias empíricas

A construção das categorias empíricas aconteceu a partir da revisão contínua dos dados narrativos coletados nas entrevistas semiestruturadas. Foram realizadas 10 perguntas abertas para os sujeitos da pesquisa, conforme indicadas no Apêndice C. No início das análises, se levou em consideração todos os dados coletados, incluindo entrevistas informais gravadas nas observações participantes e as entrevistas formais gravadas posteriormente. Dessa forma, as categorias foram inicialmente elaboradas a partir dos principais temas catalogados de cada uma dessas entrevistas, especialmente dos temas que eram comuns a mais de um dos entrevistados. Nessa análise inicial, não nos detivemos a uma análise muito detalhada dos significados que cada um dos sujeitos estava querendo dizer nos seus relatos. Dessa forma a análise inicial convergiu para as seguintes categorias: liberação das obrigações

sociais, estigmas da velhice, procurar se preservar, priorizar os filhos, perspectiva de futuro, buscar fazer o bem, ter uma vida de lazer, cultivar bons hábitos na juventude, cuidar do próximo, experiência de vida, ser respeitado socialmente e ter qualidade de vida após a velhice.

Após essa análise inicial, utilizamos o DSC para um refinamento das categorias de análise e todo o processo de construção das categorias foi refeito e foi analisada somente a entrevista semiestruturada final, pergunta por pergunta, o que produziu categorias de análise a partir do agrupamento de ideias chaves semelhantes. Esse processo gerou diversas categorias de análise por pergunta, e, após uma revisão desses resultados, foram excluídas algumas perguntas às quais as respostas não atendiam ao objetivo proposto do estudo. Dessa forma, foram escolhidas as seguintes perguntas: “O que para você é ser velho?”; “O que você mais gosta de fazer nesta sua fase da vida?”; “No seu tempo livre o que você mais gosta de fazer?”; “O que é uma vida com qualidade para você?”; “O que esta idade trouxe de melhor para você?”; e “Como você se sente em relação à sua idade? Você se sente velho?”. O processo de formulação das categorias seguiu os passos de formação de categorias do Discurso do Sujeito Coletivo, agrupando expressões chaves e ideias centrais similares a partir de letras. Depois desse passo, uma das ideias centrais dos discursos foi utilizada para nomear cada categoria de respostas das perguntas. Esse processo foi delimitado a seguir, iniciando pela primeira pergunta. As expressões chave e as ideias centrais de cada pergunta foram movidos para o anexo B, visando uma maior clareza na explicação dos resultados.

A primeira pergunta foi considerada a pergunta mais importante e eliciou oito categorias de análise: transitoriedade da vida (A), experiência de vida (B), cuidado de si (C), não sente os estigmas da velhice (D), liberação das obrigações sociais (E), planejamento da velhice (F), Coerência entre atitudes e idade (G) e gozar de saúde depois de velho (H).

A segunda pergunta eliciou onze categorias de análise: Arrumar a casa (A), ficar em casa (B), viajar (C), orar (D), lazer (E), assistir mídias televisivas (F), se reunir com a família (G), passear (H), trabalhar (I), ajudar ao próximo (J), ler um bom livro (K), liberação das obrigações pessoais (L), ter independência financeira (M), fazer o que o jovem quer (N).

A terceira pergunta gerou vinte categorias de análise: ler (A), escrever (B), jogar baralho (C), passeio (D), ficar em casa (E), repousar (F), viajar (G), Dirigir (H), arrumar a casa (I), lavar as roupas (J), ir para a missa (K), se reunir com a família (L), fazer atividades físicas (M), encontrar amigos (N), fazer compras (O), aprender novas tarefas (P), trabalhar (Q), observar os outros (R), ajudar o próximo (S).

A quarta pergunta eliciou onze categorias de análise: fazer o que gosta (A), ajudar aos outros (B), buscar fazer as coisas certas (C), não prejudicar os outros (D), ir para bons restaurantes (E), viver com a família (F), estar perto de pessoas queridas (G), procurar seguir suas religiões (H), liberação das obrigações sociais (I) e não ter doenças graves (J).

A quinta pergunta gerou seis categorias de análise: experiência de vida (A), saúde (B), ter independência (C), ver os filhos crescerem (D) e usufruir a vida (E).

A sexta pergunta eliciou onze categorias de análise: não se sente velho (A), se considera jovem para a sua idade (B), se sente bem em relação a sua idade (C), possui disposição para a idade (D), se reconhece velho (E), sente algumas falhas do organismo (F), se sente bem de saúde (G), se sente melhor do que quando era mais novo (H), se sente com vontade de viver mais (I), se considera lúcido para a idade (J).

Diante do critério de importância da primeira pergunta, se deu grande ênfase às categorias criadas a partir dessas respostas, pois estas categorias atingiam satisfatoriamente aos objetivos da pesquisa. Deste feito, foram aproveitadas as categorias desta pergunta que tinham resposta de mais de um sujeito: transitoriedade da vida, experiência de vida, cuidado de si, não sente os estigmas da velhice, liberação das obrigações sociais.

Em seguida, a categoria cuidado de si foi ampliada para a categoria saúde, visando agregar categorias identificadas nas outras perguntas, tais como: possui disposição para a idade, saúde, se sente bem de saúde, sente algumas falhas no organismo e não ter doenças graves.

Os conteúdos de categorias de nomenclaturas idênticas presentes em outras perguntas também foram integradas às análises categoriais da primeira pergunta, processo que também foi realizado em outras perguntas. Esse foi o caso da categoria liberação das obrigações sociais.

Foi composta a categoria realizar tarefas domésticas a partir do agrupamento das seguintes categorias da segunda e terceira perguntas: arrumar a casa, ficar em casa, lavar as roupas.

Também foi composta a categoria buscar uma conduta ética a partir do agrupamento das seguintes categorias da quarta pergunta: ajudar os outros, buscar fazer as coisas certas, não prejudicar os outros.

Para um maior agrupamento de atividades afins dentro do panorama etnográfico, foi composta a categoria práticas de lazer para designar as seguintes categorias da segunda e terceira perguntas: descansar, lazer, assistir mídias televisivas, passear, passeio, ler um bom livro, ler, escrever, jogar baralho. Essas finalidades são tomadas a partir do sociólogo Joffre Dumazedier (1979), quem considera o lazer como diversão, descanso e desenvolvimento psicossocial.

Já a categoria viagem, presente nas segunda e terceira perguntas foi considerada importante dentro do espectro investigativo e por isso foi analisada individualmente.

A categoria família foi formada a partir de sua importância na observação participante e incluiu as seguintes categorias da segunda e terceira perguntas: se reunir com a família, viver com a família e ver os filhos crescerem.

A categoria não sente os estigmas a velhice agregou as seguintes categorias relativas à sexta pergunta: não se sente velho, se sente bem em relação a sua idade, se considera jovem para a sua idade, se sente melhor do que quando era mais novo, se sente com vontade de viver mais, se considera lúcido para a idade.

Essas categorias foram consideradas as mais importantes para a presente pesquisa. Assim, ao final foram delimitadas 10 categorias empíricas: transitoriedade da vida, experiência de vida, saúde, liberação das obrigações sociais, realizar tarefas domésticas, buscar uma conduta ética, práticas de lazer, viagem, família e não sente os estigmas da velhice.

Figura 25: Categorias empíricas da pesquisa

Categorias	Exemplo
Transitoriedade da vida	Isso é o certo, todos temos certeza que vamos chegar ao final, a morte – Hércules.
Experiência de vida	Bom, ser velho é ter mais experiência de vida – Poseidon.
Saúde	Tem que se cuidar, porque se você não se cuidar, não se preparar para a velhice, você vai dançar, e sofre muito, muito, tanto você como os filhos – Hipócrates.
Liberação das obrigações sociais	A coisa que eu tenho mais prazer é de saber que eu já trabalhei, já, agora eu tô no, no meu tempo, o tempo de não ter hora para chegar, de compromissos – Poseidon.
Realizar tarefas domésticas	É muito difícil eu ficar assim sem fazer nada, sempre tô ocupada com alguma coisa, arrumar a casa – Atena.
Buscar uma boa conduta ética	É assim você fazer amizade, você tratar bem as pessoas, é

	muito importante, é uma das coisas mais importantes que tem, porque a gente se sente feliz quando você faz o bem – Hércules.
Práticas de lazer	É repouso, em primeiro lugar, né – Hércules.
Viagem	De viagem, aquela viagem pelo menos uma vez no ano, fazer uma viagem longa assim, mais de 10 dias – Poseidon.
Família	A gente tem que ter um objetivo que vai com a sua família, se ele não tem recurso, tem que procurar dar o recurso para os seus filhos – Hipócrates.
Não sente o Estigma da velhice	Não tenho assim esse peso assim de me sentir idosa, me sentir uma velhinha, acabadinha, sabe – Atena.

Fonte: Elaboração própria a partir dos Arquivos da pesquisa (2016).

Transitoriedade da vida

Essa categoria está muito relacionada à percepção de alguns dos idosos da finitude da vida e de uma visão global do processo vital destes idosos. Ela perpassa uma maturidade frente à aproximação da morte e do morrer. Ela está muito relacionada com a categoria da saúde, pois é o motivo de alguns idosos se preocuparem com o cuidado de si e com a sua saúde.

Vemos estes traços na fala de Deméter:

Uma coisa que a gente tem com certeza né a gente nasce, vive e a gente sabe que tem a morte com certeza, mas não sabe a que dia nem quando né, a gente vai levando a vida até quando Deus quiser. (trecho da entrevistada da pesquisa).

Observamos que Deméter demonstra uma visão retrospectiva e global do seu ciclo de vida, expressando a imprevisibilidade de quanto tempo ainda vai viver diante da certeza da morte e expressando a brevidade do seu ciclo vital. Ela também demonstra uma fé em um determinismo espiritual, que pode determinar até quando ela vai viver. Uma perspectiva semelhante também é colocada por Hércules:

Rapaz a vida da gente é você nascer, viver e morrer então assim ser velho já é a outra parte da sua vida né, nasceu foi jovem estudou, trabalhou e chega o tempo de você se aposentar né. Isso é o certo, todos temos certeza que vamos chegar ao final, a morte. (trecho do entrevistado da pesquisa).

Apesar de Hércules tratar diretamente a morte, vemos também a perspectiva finita de cada uma das fases da vida. A perspectiva dele se relaciona com a mudança de ciclos de vida que se encerram e a chegada inexorável de outros ciclos, e a aproximação da morte. O seu relato é mais existencial, não mencionando Deus em seu relato, apesar dos dados de campo evidenciarem a sua proximidade com a religião. De certa forma, sua fala demonstra menos resignação com a aproximação da finitude do que o relato de Deméter.

Apesar disso, observamos que ambos têm em comum a visão de aceitação da morte e da iminência da finitude e de um fim do ciclo da vida, depois do encerramento de diversos ciclos menores. Assim, uma perspectiva de um limite, seja para os momentos anteriores de suas vidas ou para o final da vida em si é demonstrado por ambos, estando associado a

experiência de vida que eles têm em relação as fases que já passaram e de sinais de uma aproximação da morte, observados mais claramente na fala de indefinição de Deméter.

A experiência de vida

Essa é uma categoria que associada a uma visão do passado deste idoso, a uma visão retrospectiva dele frente a suas escolhas feitas anteriormente e a validade que ele dá às situações passadas. Além disso, está ligada com a categoria buscar uma boa conduta ética, pois também envolve padrões morais, mas que são mais voltados para ações do passado, do que gestos do presente. Isso se expressa na fala de Poseidon: “Bom, ser velho é, é ter mais experiência de vida”.

Isso também fica claro na fala de Hércules:

É assim você adquire mais experiência né, você pensa mais, porque você quando é novo você não pensa no seu futuro, então assim com essa minha nossa idade eu tô ciente assim que com essa minha idade foi essa coisas boas que na minha juventude eu soube cultivar, por exemplo bebida, de droga isso ai eu nunca fiz eu bebi por esporte, para eu ter um lazer não para eu carregar os outros nem me interditar, para eu usufruir. (trecho do entrevistado da pesquisa).

Neste trecho, Hércules fala sobre sua mudança de postura ao longo dos anos, de uma maior reflexão a respeito de seu futuro e da valorização de hábitos positivos que ele fez ao longo de sua vida que fizeram com que ele obtivesse a saúde de hoje. Assim, ainda há uma conscientização de sua capacidade de reconhecer a importância dos seus atos pregressos para a sua situação atual.

Isso também é aparente na fala de Atena:

Na minha casa nem tinha isso sabe "ah, não vou porque...", não, apareceu a oportunidade agarre com unhas e dentes e segue adiante sabe, então eu acho que essa nossa experiência de vida tem tudo haver com o que a gente tentou lá atrás, sem desperdiçar nenhuma oportunidade. (trecho da entrevistada da pesquisa).

Assim, Atena também reconhece a importância de suas escolhas anteriores, especialmente do proveito das oportunidades e da decisão em não desperdiçar nenhuma oportunidade. Ela ressalta como essas escolhas foram importantes para a construção de sua experiência de vida.

E Atena completa “quantas pessoas que passaram assim na vida da gente, no decorrer cada uma vai plantando um tijolinho, e a gente também vai formando assim a nossa própria experiência, experiência como um todo” (trecho da entrevistada da pesquisa).

Assim, vemos que a experiência de vida deles está relacionada com as diversas dificuldades que eles tiveram de passar ao longo da vida e por cuidados que tiveram nesse percurso. Dessa forma há uma valorização do seu percurso passado e das escolhas que eles fizeram que possibilitou a eles chegarem até onde estão. Para eles, esse ato de valorização é fruto de uma conscientização e de uma mudança de atitude em relação à vida proveniente dessa experiência.

Saúde

Esse foi um dos aspectos muito presentes nas entrevistas de alguns dos sujeitos entrevistados, que apresentaram a ideia dos riscos existentes da fase idosa, que devem ser

evitados e que influenciam diretamente no cotidiano do idoso. Também se relacionou com outros sentimentos que os idosos possuíam em relação à saúde, como a constatação de doenças ou de uma condição boa de saúde.

As características de um controle de riscos se evidenciam na entrevista de Hipócrates “tem que se cuidar, não se cuidou, morre mesmo, o meu patrão, senhor Galdêncio, ele era um cara, era doente do coração e não sabia”, e depois completa “é a vida é essa né, quem se cuida vai vivendo mais ou menos bem, quem não se cuida se aperreia, e como se aperreia, você tem que pensar também” (trecho do entrevistado da pesquisa).

Aqui temos o primeiro aspecto do cuidado da saúde dos idosos, que é a observação do falecimento de pares, por ocasiões imprevisíveis, o que os aproxima de uma finitude existencial, e os estimula a se cuidar e a procurar uma ética de redução de riscos de saúde.

Isso também é colocado fortemente pelos argumentos de Poseidon:

[...] penso em me divertir, fazer, caminhar, fazer um monte de coisa, mas, mas o organismo, o organismo não corresponde a isso, então eu tenho que me limitar a condição de que o meu organismo é, tá limitado, então eu tenho que me manter dentro desse limite, sem extravagância, sem excessos, isso aí que é ser velho, não é, não é, evitar situações que sejam traumáticas, ou, opressivas, ou depressivas[...] (trecho do entrevistado da pesquisa).

Observamos que Poseidon também exprime essa ética de cuidado, acentuando um segundo aspecto do cuidado da saúde, o dilema entre uma atitude de cuidado de si e os desejos do idoso. Esse dilema já é um constante na sociedade atual, conforme já colocado anteriormente por Bauman (2007), mas no caso dos idosos, como exposto no comentário de

Hipócrates, a ameaça à saúde e à própria existência é mais concreta e proporciona uma angustia maior do idoso.

Desse modo, há um reconhecimento dos limites da velhice nos relatos dos dois idosos, aliado a uma evitação de riscos desnecessários, ocorrendo um equilíbrio entre a busca pela evitação de riscos per si, resultante de um discurso externo, e um cuidado consciente, baseado na experiência pregressa desses sujeitos e na observação dos pares.

Ao mesmo tempo vemos que alguns desses sujeitos se veem com uma boa saúde para a sua idade. Esse é o caso de Hipócrates: “[...] bem, é como eu digo, quando eu era novo eu era doente e velho eu to bem de saúde né, apesar de ser com remédio, mas to com saúde.” (trecho do entrevistado da pesquisa).

Hércules também partilha dessa opinião: “[...] Fisicamente assim, eu é às vezes até há alguns anos ainda eu nós tinha a impressão que eu fosse jovem ainda, porque graças a Deus eu tenho não uma total, mas uma perfeita saúde”[...] (trecho do entrevistado da pesquisa).

Deméter também coloca essa questão, porém a partir de um prisma diferente, da ausência de doenças graves: [...] “eu não tenho doenças até agora que me dê preocupação assim de eu achar que é incurável nem nada, e se for que seja feita a vontade dele [...]” (trecho da entrevistada da pesquisa).

Dessa forma, tanto Hércules quanto Hipócrates se colocam como detentores de uma boa saúde, seja em comparação a um estado de saúde anterior ou em comparação a outras pessoas da mesma idade. Já Deméter coloca a saúde pela ausência de doenças graves e incuráveis.

Dessa forma, além de um reconhecimento dos limites da velhice para estes idosos e da necessidade de um cuidado com a própria saúde, notamos também a assunção de um bom estado de saúde, seja a partir da consideração de atributos físicos, da comparação com outros períodos de sua vida ou pela ausência de doenças significativas.

Liberação das obrigações sociais

Essa é a categoria mais observada nos relatos dos idosos. Em muitos destes, vemos que a velhice e a construção desta perpassa inicialmente uma liberação das obrigações que estes tiveram ao longo de suas vidas. Observamos que isto perpassa tanto os idosos que tiveram filhos como os que não tiveram filhos.

Sobre isso o idoso Hércules relata “(Ser velho) é procurar viver descansado, não é descansado, de você não ter mais a preocupação de trabalhar e você vai só é é realmente passar o resto dos dias aqui nessa terra né” (trecho de entrevistado na pesquisa).

Assim, vemos que o trabalhar é antes de tudo uma preocupação para ele, preocupação que envolve a responsabilidade com o trabalho e a ocupação não mais realizada por estes idosos.

Para Poseidon se trata de “um alívio que eu, o velho, o que eu aposentado, já trabalhou, tem direito de optar por, e isso daí vai dar um alívio, um, um prazer na vida...”. Para Poseidon, envolve também a “convivência com a empresa, com os amigos, o chefe né, aquele relacionamento de, aquela, aquela disputa por uma promoção, era, aquele, o esforço da gente fazer, sempre procurar tá melhorando” (trecho de entrevistado na pesquisa).

Assim, a liberação das obrigações laborais de Poseidon é para ele um alívio, um prazer na vida, se configurando para além do descanso evidenciado por Hércules. Tal liberação é perpassada por relações forjadas e não espontâneas do trabalho e uma preocupação extrínseca de melhorar e estar sempre se aperfeiçoando.

Para Deméter, essa liberação das obrigações não está apenas no trabalho formal, mas nas obrigações com os filhos: “tenho uma vida bem melhor do quê que eu já tive antes no

início de vida, não tenho mais aquela preocupação que eu tinha, de um filho tá doente ou mesmo eu e ele tá doente” (trecho da entrevistada da pesquisa).

Dessa forma, notamos que mesmo as atividades de cuidado dos filhos têm um caráter de obrigação para Deméter e também exprimem um alívio com a sua liberação, pois a responsabilidade de cuidar dos filhos para ela não permitia algumas liberdades, como a de estar doente.

É interessante apontar que essa liberação das obrigações traz a tona uma temporalidade específica, mais intrínseca ao idoso e menos ligada a cobranças externas. Tal ponto é visível em trecho relatado pelo sujeito Poseidon: “Bem, a coisa que eu tenho mais prazer é de saber que eu já trabalhei, já, agora eu tô no, no meu tempo, o tempo de não ter hora para chegar, de compromissos, a não ser que seja consulta né, coisa marcada com horário” Para além disso, o idoso também coloca: “ter que aquele horário de cumprir né, o horário de manter aquela frequência, isso daí é sacrificado, a pessoa se sacrifica para cumprir essas exigências, coisa que depois o aposentado já não cumpre mais, se sente mais relaxado, mais à vontade disso” (trecho do entrevistado da pesquisa).

Dessa forma, vemos que Poseidon expressa a aproximação de uma temporalidade própria, de um tempo para realizar seus desejos e suas necessidades, o que era sacrificado no passado frente à centralidade nas obrigações laborais.

Esse aspecto também é colocado por Atena, que coloca: “[...] É não ter assim é, compromissos mais sérios assim, de horário, nem de nada, já amanhece o dia chovendo aí a gente ah não vou sair com a chuva não, vou ficar aqui [...]” (trecho da entrevistada da pesquisa).

Assim, vemos que há uma associação destes idosos da velhice a uma liberação de atividades obrigatórias, especialmente as laborais, que aprisionavam as formas de Ser desses

idosos, que, ao se libertarem de tais ritos, passam a ter um tempo próprio, dedicados a atividades e interesses pessoais.

Realizar atividades domésticas

Esta categoria é composta por atividades domésticas, que fazem parte do cotidiano destes idosos, fato também observado nas observações participantes. Aqui, está incluído o simples ficar em casa, às atividades de cuidado da casa, como a arrumação da casa e lavar roupas. Enquanto as atividades de cuidado da casa estão associadas às participantes femininas do nosso estudo, a vida caseira abrange a maior parte da rotina de todos os participantes. Nesse sentido, Deméter descreveu um pouco do seu cotidiano “hoje em dia o que eu gosto muito de fazer é ajeitar a minha casinha, hoje eu tô mais quieta dentro de casa, mas adoro, gosto demais.” (trecho da entrevistada da pesquisa). Ela também assinala:

[...]Quando eu, tando toda bonitinha, quando eu vejo suja que uma pessoa chega, tira do filho, neto, porque são 20 netos, 9 filhos e 4 bisnetos, aí quando chega e eu vejo bagunçada, aquilo me dá uma perturbação horrível. (trecho da entrevistada da pesquisa).

Assim, observamos que, apesar de gostar de arrumar a casa e de ficar em casa, Deméter sente uma compulsão em arrumar seu lar. Dessa forma, esse aspecto se aproxima de uma obrigação para ela, que durante a maior parte de sua vida foi dona de casa. Esse também é o caso de Atena, quem afirma “é muito difícil eu ficar assim sem fazer nada, sempre eu tô assim ocupada com alguma coisa, arrumar a casa” (trecho da entrevistada da pesquisa).

Hebe também relata o seu cotidiano caseiro “eu arrumo a minha roupa, lavo minhas roupas, até colocar estendida eu boto, nas carreiras, comecei a arrumar, eu não fico queta não” (trecho da entrevistada da pesquisa).

Percebemos nas falas de Atena e Deméter que existe uma justificativa de atividade para a realização de tarefas caseiras. Nota-se em suas falas que o ficar em casa está associado a uma inatividade, que elas fazem questão de negar em suas falas ao afirmarem o caráter ativo e vigilante da permanência em suas casas. Esse aspecto é interessante devido ao grande período em que elas permanecem em casa, que fortalece essa necessidade de afirmação de um ativismo durante o período que estão em casa. Apesar de considerarmos que as atividades caseiras podem exigir uma postura ativa daquele que cuida de casa, o que se observa aqui é a ênfase que existe na fala das idosas do caráter de inatividade relativo ao cuidar da casa.

Buscar uma boa conduta ética.

Essa foi uma das características mais destacadas de alguns dos relatos obtidos, especialmente de Hércules e Hipócrates. Esses sujeitos colocaram o quão importante era estar em harmonia com o próximo, e fazer o bem para receber o bem.

Isso fica claro na fala de Hércules:

É aquilo que eu tô dizendo, procurar fazer as coisas com consciência né, fazer as coisas dentro da dentro do direito que você tem né, nunca é é ser oque você é, você tem que fazer as coisas que você tem que fazer as coisas que não vai lhe prejudicar e não prejudicar os outros. (trecho do entrevistado da pesquisa).

Nesse relato, Hércules coloca diversos valores que ele acredita, tais como realizar as atividades conscientemente e não forçar o outro a nada e nem invadir o seu espaço. Além disso, ele termina o comentário afirmando a busca por não prejudicar a si e nem ao próximo.

Essa característica também aparece na fala de Hipócrates:

(vida com qualidade) É o sujeito não ter inimigo, é o sujeito que tem boas amizades, o camarada procurar seguir as suas religiões, e está em paz com Deus, eu acho que essa aí é uma vida com qualidade. Não adianta você dizer que tem qualidade porque é rico, porque isso, porque aquilo, não, dinheiro não traz felicidade, pode até remediar, mas não traz felicidade não, felicidade você adquire com as boas vizinhanças, sem inimigos, sem maltratar os outros, vivendo a sua vidazinha como Deus quer e pode como Deus quer levar... . (trecho do entrevistado da pesquisa).

Já Hipócrates coloca fortemente uma política da boa vizinhança e a importância de se estar em harmonia com os seus princípios e com os seus semelhantes. O idoso associa esses princípios à felicidade, refutando uma concepção materialista e buscando a importância de valores religiosos.

Assim, vemos que Hipócrates e Poseidon prezam por boas relações humanas, e pela ausência de inimigos, estando de acordo com os seus valores e do que é certo. Hebe expressa ideias parecidas, afirmando: “[...] tá ajudado o próximo, chega uma pessoa diz assim (Hebe), vai comigo no posto, eu vou, (Hebe), tira um ficha pra mim, eu vou, não é nem negócio de dinheiro não [...]” (trecho da entrevistada da pesquisa).

Aqui nós vemos o quão importante é para eles estarem bem com os valores religiosos e morais que prezam. Observamos que os valores de bondade e de fazer o bem têm para os sujeitos colocados um fundo religioso, pois, estes estão sempre colocando sua atitude em

perspectiva a partir de valores cristãos. Há também, especialmente na fala de Hipócrates e Hebe a revelia a um estilo de vida material e uma busca de uma vida simples e correta.

Práticas de lazer

Nesta categoria, agrupamos diversos tipos de atividades de lazer relatadas pelos idosos, tais como descanso, passeios, assistir mídias televisivas, ler, escrever e jogar baralho. Algumas dessas atividades são realizadas em suas casas, mas como nos relatos dessas atividades não há menção exata do local de realização, preferimos não agregar essas respostas à outra categoria.

A atividade de descanso é citada, em breves trechos por Hércules, Deméter, Hipócrates e Poseidon. Em relação ao descanso, Hércules possui o maior comentário: “rapaz é assim a gente tem que como eu falei né já trabalhamos e chega ao ponto de você descansar” (trecho do entrevistado da pesquisa). O descanso está ligado, a um tempo liberado que é dedicado ora para o relaxamento de si e do corpo e para o retorno ao cotidiano ou ora fazendo parte de um tempo de parada, de quebra do cotiado para uma atividade desejada.

Em relação à atividade de passeio, esta foi colocada nos relatos de Hebe e Hércules. Este também possui o maior relato sobre o passeio: “[...] então, não é que você se aposentou e vai ficar parado dentro de casa não é você usufruir, isso é vida, passear [...]” (trecho do entrevistado da pesquisa). A atividade de passeio está relacionada aqui a um aspecto já colocado na categoria de realizar atividades domésticas, a preocupação dos idosos em manter um cotidiano ativo.

Já a prática de assistir mídias televisivas foi colocada por Poseidon e Deméter. Nesse sentido, Poseidon relatou gostar de cinema, enquanto Deméter afirmou que gosta de assistir televisão: “[...] agora se eu puder, para mim é eu e o (Poseidon), tando numa casinha, que

ninguém nos perturbe, assistindo minha televisãozinha, minhas novelas” (trecho da entrevistada da pesquisa). O relato de Deméter expressa uma atividade familiar e prazerosa, compartilhada com o seu marido, mas que não atesta uma função maior do que a de descansar.

A atividade de leitura foi relatada por Atena e Poseidon, que colocaram relatos curtos a respeito. A prática da escrita também foi abordada sinteticamente por Atena: “eu gosto muito assim de escrever” (trecho da entrevistada da pesquisa). Aqui vemos uma prática que pode estar tendo uma conotação mais profunda, para além de uma diversão, como eliciada nos outros comentários, porém isto não foi muito delimitado pelos sujeitos.

A prática de jogar baralho foi apresentada por Hércules e Atena. Hércules comentou sobre essa atividade: “[...] baralho brinco também passatempo mesmo, investimento, nada de aposta, divertimento para o tempo passar mais rápido” (trecho do entrevistado da pesquisa). Nesse comentário, temos a mesma finalidade do passeio, e servindo para passar o tempo e manter o indivíduo ocupado.

Para além dessas categorias, integramos a categoria lazer, que continha algumas práticas dentro do mesmo contexto, tais como a de escutar futebol pelo rádio, afirmada por Hipócrates: “gosto muito de futebol, mas só de ouvir pelo rádio, não gosto de estádio” (trecho do entrevistado da pesquisa). Nesse caso de Hipócrates, observamos que se trata de mais uma atividade de diversão.

Outra prática de lazer nessa categoria é o lazer controlado relatado por Poseidon: “quanto, um lazer qualquer aí, que esteja dentro dos limites que você suporte que não venha lhe trazer mal estar depois” (trecho do entrevistado da pesquisa). Ele aprofunda esse relato:

[...] tudo aquilo que cause, que venha a lhe dar satisfação, sem, sem, onerar o seu organismo, o seu orçamento, né, que é uma coisa que é preciso a pessoa ter sempre

em dia, o orçamento, são essas coisas. O que é ser velho é curtir a vida, curtir a vida sem sobrecarregar a vida né (trecho do entrevistado da pesquisa).

Nesse caso de Poseidon, temos, uma atividade que se enquadra mais próxima dos relatos anteriores, de uma atividade de diversão, e especialmente que não cause prejuízos ao indivíduo, ou seja, que não demande um grande investimento deste, o que pode aproximar esta atividade ainda mais de um caráter de diversão.

Dessa forma, vemos que as atividades de lazer relatadas pelos idosos possuem em sua maior parte as finalidades de diversão e descanso. Os exemplos enunciados por Hércules demonstram isso. O relato de Poseidon denota um tipo de lazer controlado, que não demanda um investimento do sujeito e que respeita as limitações do idoso, assim relacionado com a saúde deste. Além disso, vemos também um aspecto de preenchimento da passagem do tempo, o que os aproxima de uma característica de diversão.

Viajar

Esta categoria foi pensada independentemente por conta de sua importância no cotidiano de alguns dos idosos participantes, especialmente Atena e Poseidon. Além disso, esse tema apareceu com muita frequência nos relatos desses dois idosos, como também no relato de Deméter. Atena o apresenta da seguinte forma: “viajar muito assim é muito gostoso, quando você está viajando, conhecendo novas culturas sabe, isso é a coisa que me dá mais prazer” (trecho da entrevistada da pesquisa).

A partir do relato de Atena, vemos que o ato de viajar está para ela para além de um hedonismo e de uma atividade de lazer como estavam a maior parte das práticas eliciadas na

última categoria, mas se delimita como uma experiência de ócio, nos termos descritos por Aquino e Martins (2007,2008) e já colocados anteriormente.

Poseidon também aborda a viajar: (eu gosto de) “[...] de viagem, aquela viagem pelo menos uma vez no ano, fazer uma viagem longa assim, mais de 10 dias” (trecho do entrevistado da pesquisa). Para Poseidon a viagem também é uma atividade prazerosa, mas não se iguala à experiência colocada por Atena.

Dessa forma, o viajar para estes idosos significa para eles uma experiência muito gratificante, para além de uma atividade simples de lazer e diversão, pois confere um grande prazer e também é uma experiência formadora, pois os permite conhecer diferentes culturas e imergir em universos diferentes.

Família.

Nessa categoria analisamos a importância que existe no relato de alguns dos idosos analisados os filhos e a família. Para estes, eles fizeram parte do objetivo de vida e permeiam fortemente o seu cotidiano. Essas correlações foram mais facilmente observadas nos idosos que possuem filhos, que são metade dos sujeitos participantes: Deméter, Hipócrates e Hércules.

No relato de Hipócrates, fica clara a importância que os filhos possuem na vida dele:

Rapaz, é como eu lhe disse né, é você pensar no futuro com os seus filhos, que o meu futuro é meus filhos, eu, tenho prazer muito grande em reunir a família, quando tenho uma reunião com meus filhos, meu netos, porque ave Maria, é uma alegria muito boa, minha vida todinha são só os meus filhos. (trecho do entrevistado da pesquisa).

Vemos que para Hipócrates, para além do prazer que tem em ver os filhos crescidos, como resultado do investimento que ele fez como pai, observamos que ele vê seus filhos como seu futuro, como a herança que ele vai deixar para o futuro e todo o trabalho de criação que ele realizou ao longo da vida para criá-los.

O relato de Deméter também coloca essa importância dos filhos:

Ah, essa vidazinha de eu ver os meus filhos crescerem, os netos, e tudo, graças a Deus, tudo dando bem de vida, que nós não tínhamos nada e hoje temos né, graças a Deus o de melhor, que eu não posso exigir mais do quê que eu tenho. (trecho da entrevistada da pesquisa).

No relato de Deméter também vemos o prazer que ela tem no sucesso dos filhos e a construção de bens que ela possui na sua família. Deméter também coloca a importância da superação dos filhos a partir de uma condição desfavorecida financeiramente que não tiveram muitos estudos, mas conseguiram formar os filhos.

O relato de Hércules também coloca a importância dos filhos “para mim é um prazer reunir com a minha família com meus filhos meus netos, me sinto satisfeito e procurar viver bem” (trecho do entrevistado da pesquisa).

Para além da importância dos filhos, Atena também coloca a importância de estar perto da família:

[...] Visitar parentes, mas parentes também hoje em dia tá tão difícil assim, porque cada um também tem a sua vida né, cada qual tem a sua vida corrida, às vezes a gente se encontra, ave Maria, faz tanto tempo que parece que morava em outro planeta [...] (trecho da entrevistada da pesquisa).

Atena expressa que, apesar do cotidiano com tarefas e por vezes corrido, que ela ainda investe tempo para conviver e visitar os familiares, mesmo com cada um tendo sua rotina diferente e prioridades diferentes na vida.

Observamos em muitos desses relatos a satisfação que os idosos possuem com os seus filhos e com sua família, que é semelhante a satisfação obtida após um longo projeto. A relação dos idosos com os filhos, dentre aqueles que os possuem, é importantíssima para todos eles, que se satisfazem com as conquistas dos filhos como se fossem suas e buscam constantemente se reunir com eles. A família aparece para eles como o núcleo fundamental de convivência e relações.

Não sente os estigmas da velhice

Esse foi uma característica que apareceu muito nos relatos dos idosos, que se sentiam jovens, mas essa juventude era sempre contrastada a uma ideia de um velho como alguém inapto, inativo, doente, ou parado.

Tais características são evidenciadas na fala de Atena, quem coloca “eu não me sinto uma pessoa velha, porque eu não me sinto cansada, desiludida, perto de morrer, pessimismo, eu não tenho isso, sabe”. Ela ainda complementa “Eu me sinto bem, (risos), às vezes eu digo assim, uma pessoa bem velhinha, aquela pessoa assim, acabada assim, deprimida, só se queixando da vida, sabe, às vezes as pessoas que não tem problema nenhum e só se queixa né.” (trecho da entrevistada da pesquisa).

Nesse relato de Atena vemos que o parâmetro ao qual ela se sente bem e é um modelo estigmatizado, que contém diversos ideários negativos sobre o idoso, como o pessimismo, a melancolia, as reclamações da vida e a desilusão.

A resposta relativa ao se sentir bem em relação à velhice foi unânime em todos os relatos dos idosos entrevistados. Todos eles responderam que se sentiam bem em relação a sua velhice. Porém eles se sentem bem e também não se sentem velhos frente a uma referência de velho estigmatizada.

A fala de Hebe também relata isso: “mas eu não sinto não, velha é aquela que não faz mais nada né, fica dentro de uma rede, o pobrezinho do doutor Caminha, todo, teve um AVC na rua” (trecho da entrevistada da pesquisa). Nesse relato nós vemos como o referencial de inatividade também faz parte do ideário dos idosos investigados.

Nós observamos ainda que muitos dos idosos observados se dizem jovens para a sua idade, reforçando de modo oposto a sentimento de não sentir as características da velhice. Isso é notado no relato de Hércules:

[...] Hoje ainda vou para o Beach Park, eu vou para um açude, o que os meus filhos fazem geralmente eu posso fazer, mas assim dentro do meu limite eu me sinto jovem é para suportar essas coisas. (trecho do entrevistado da pesquisa).

Dessa maneira, Hércules justifica o seu sentimento de pessoa jovem a partir de atributos físicos na comparação com os seus filhos ou se colocando em igualdade com eles para a realização de muitas atividades de lazer.

Poseidon também se compara a alguém mais novo para se dizer como jovem, afirmando competências mentais para isso: “[...] graças a Deus, eu tenho, eu tenho assim, como, como se eu tivesse assim, se eu tenho mais de 60, eu tenho como diz uma mente, como se eu tivesse 40 né. [...]” (trecho do entrevistado da pesquisa).

Dessa forma, observamos que todos os idosos se colocam positivamente frente a uma visão estigmatizada e negativa do idoso. Dessa forma, mesmo quando os idosos se afirmam

que se sentem jovens, seus parâmetros partem de um ideário de idosos inativo e fraco. Assim, o velho é sempre o velho parado inativo, triste e perto da morte e a sua satisfação é ver que não sucumbiu a essas possibilidades.

Considerações sobre as categorias empíricas e teóricas

As categorias empíricas têm grandes relações com as categorias teóricas. Essas relações foram colocadas nessa seção. As respostas da categoria *transitoriedade da vida* se aproximam do fenômeno angústia diante da morte, característica de uma Presença autêntica e de uma temporalidade de Ser finita de Heidegger (2014). Neste sentido, estes idosos se aproximam de sua condição existencial e própria a partir desses relatos, ao entrarem em contato com o ato insubstituível do morrer e suas prerrogativas no seu cotidiano atual. Ao se aproximarem desses relatos, vemos que eles se afastam das concepções criticadas por Elias (2001) e por Bauman (1998), de pessoas que se afastam da ideia da morte e do morrer em si e que transparecem esse afastamento em diversas atitudes suas no cotidiano. Tais concepções também são trazidas por Beauvoir (1970), para falar sobre como os idosos tratam a morte, delimitando a morte como a morte dos outros, nunca se referindo diretamente a própria finitude. Ao tratar da finitude, vemos que os idosos fazem menção ao ciclo vital como um todo, aproximando da visão de Erikson (2011), de um ciclo global da vida permeado por várias fases, às quais os idosos se referem em suas falas. Na fala de Deméter, também encontramos correlações com a fé que Erikson (2011) se refere, pois a sua forma de encarar a finitude é permeada por uma fé religiosa.

A categoria *experiência de vida* se relaciona fortemente com as perspectivas existenciais trazidas neste estudo. Observamos uma maior relação com a literatura de Heidegger (2014), pois este aborda a atualização ekstática da Presença, no seu contato com a

morte e na atualização do Instante - o Augenbrick – na qual a Presença entra em contato com o Vigor-de-ter-sido, o fortalecimento das propriedades mais próprias da Presença de circunstâncias passadas que vieram a tona no presente e revivificaram esse Ser e o abriram para uma experimentação diferente da sua história. Isso se aproxima da validade que os idosos dão às suas experiências passadas nessa categoria, como momentos valorosos que dão vigor a quem eles são hoje e que fortalecem quem eles são a partir da lembrança histórica. Essa articulação teórica reforça a ligação desta categoria com a categoria anterior, pois as experiências dos idosos somente são valorizadas frente a um fundo de finitude da vida e irrepetibilidade das escolhas e experiências.

Nesse sentido, também vemos a aproximação com os pressupostos de Beauvoir (1970), que coloca as múltiplas relações constitutivas do Ser velho com o mundo e com outros seres, como das múltiplas formas de constituição deste idoso. Tais múltiplas formas se congregam na multiplicidade experimental contada pelos idosos. As experiências de vida apresentadas pelos idosos os aproximam do que Erikson (2011) denominou de sabedoria, uma síntese de todo o percurso de vida que este idoso enfrentou até a data a partir de uma visão positiva e sintônica. Observamos que esta é a retrospectiva positiva que estes idosos puderam fazer de sua vida e de sua história que compõe quem eles são atualmente. Além disso, vemos também uma aproximação com aspectos do envelhecimento bem sucedido propostos por Ryff (citado por Ouwehand, Ridder e Bensing, 2007), o crescimento pessoal e aceitação pessoal, duas características presentes nas falas dos idosos. A presença de uma sabedoria na fala deles também os aproxima de um envelhecimento bem sucedido nessa categoria.

A categoria *saúde* se posiciona numa dialética entre a evitação de riscos inerentes à idade e uma atitude de promoção de saúde dos idosos. A evitação dos riscos pode ser pelo desejo em seguir a normas médicas e de saúde vigentes, pelas experiências de perdas de

parentes próximos e vivência de doenças, ou por ambos os motivos. Observamos aqui que quanto mais essa evitação de riscos se afasta das vivências pessoais do idoso, maior a tensão entre ela e os desejos do idoso. Quanto mais próximo cumprimento das normas, maior a aproximação com a categoria biologista na medida em que os relatos dos idosos expressam uma norma de redução e prevenção de riscos de saúde do idoso. Assim, a evitação de riscos está relacionada com o problema da reprivatização da velhice colocado por Debert (2003), no qual o envelhecimento e doenças correlatas a este estariam relacionadas ao não consumo de bens capazes de resolver esses problemas, estando associada a categoria de individualização da velhice. Neste ponto observamos uma relação com a primeira categoria, pois a evitação de riscos é efetivada frente à ameaça da morte, e o medo da perda de capacidades físicas que os aproximam desta ou estão relacionadas com a perda da autonomia. Em relação à promoção de saúde, vemos inicialmente uma relação com a categoria experiência de vida, pois são aspectos apreendidos ao longo do tempo, que fizeram com que os idosos conhecessem mais seu organismo e seus limites e aprendessem a lidar melhor com eles. Neste quesito, eles se aproximam de concepções de envelhecimento bem sucedido, ao demonstrarem características de adaptação ao momento da idade e aos ganhos com a sabedoria já relatados na discussão anterior. Nas prerrogativas da categoria, vemos também a noção de cuidado em Heidegger (2014), que aproximam os sujeitos de uma perspectiva do *Devir* individual, da sua preocupação com o seu futuro, o que o aproxima também do sentido ontológico da preocupação com o futuro, a cura, que perpassa o projetar-se do sujeito para as determinações futuras a partir da *De-cisão* que ele estabelece no momento atual, determinando um projeto seu de acordo com os interesses próprios e se lançando para a abertura de possibilidades propiciadas pela angústia de Ser próprio.

A categoria *liberação das obrigações sociais* comporta inicialmente uma ligação com a perspectiva histórica, pois a perspectiva de uma aposentadoria positiva e que proporcione

novas oportunidades de vida para os idosos é semelhante à visão historicamente constituída da velhice e apresentada por Silva (2008). Nessa perspectiva, vemos como a visão da velhice é historicamente estabelecida e como algumas vitórias trabalhistas da classe trabalhadora francesa da década de 70 ajudaram a transformar a fase idosa como um período de descanso e desfrute após anos de trabalho. Também vemos nessa categoria uma associação com a teoria do envelhecimento satisfatório de Cuenca, Monteagudo e Bayon (2012), pois a liberação de atividades obrigatórias os aproximou de atividades desejadas, que são colocadas pelos próprios sujeitos como prazeres que eles adquiriram na vida, e que essas ocupações desejadas representaram para eles melhoras em seu cotidiano. Além disso, observamos também uma correlação com o envelhecimento ativo, da OMS (2005), pois aqui também se observou um incremento da autonomia deles e a possibilidade de participação em ações mais cidadãs. Em adição, notamos que o cerne da discussão da categoria está a tensão dos sujeitos em relação a um tempo cronológico e absoluto e exterior aos sujeitos, nos moldes de Riegel (1974), e um tempo relacional, mais intrínseco e próximo da subjetividade de cada um deles. No relato de Poseidon, podemos notar que ele preza o relaxamento do aposentado em não cumprir o tempo instituído pelo trabalho. Aqui fica clara também a aproximação com a temporalidade ekstática e própria de cada sujeito como já delimitada em Heidegger (2014).

Em relação a categoria *realizar atividades domésticas*, vemos a aproximação com a categoria individualista, pois observamos que alguns idosos frisavam que estavam ativos em suas casas e que não estariam parados ali. Observamos que algumas das atividades domésticas que eles descreveram demandam uma atividade constante, mas que a ênfase em se dizer ativo em casa foi uma característica que se sobressaiu nos discursos. Nessa categoria vemos uma relação com a categoria liberação das obrigações sociais, na medida em que as atividades domésticas podem ser vistas para alguns desses idosos como obrigações que eles não conseguiram se desvencilhar, assim como também podem ser para outros atividades que

colaboraram para uma maior organização de si frente a algumas perdas da velhice, e a ajudalos a se manter ativos e úteis. Nesse sentido, vemos uma associação com características do envelhecimento bem-sucedido, especialmente com uma reorganização do idoso e adaptação dele.

Em relação à categoria *buscar uma boa conduta ética*, percebemos uma ligação com a categoria teórica individualista, já que a forma de ser atual criticada pelos idosos se aproxima de uma concepção individualista, como também com as características da sociedade contemporânea apontadas por Bauman (1998, 2007), Lipovetsky (2004) e Bastos (2006), especialmente a fragilização dos laços entre as pessoas e um sentimento de crise ética criticado pelos idosos em seus relatos. Nesse sentido, a também observamos uma aproximação com a perspectiva de Beauvoir (1970), pois a conduta moral e ética do idoso é fruto de suas relações com os outros e de sua história existencial. A autora coloca algumas passagens de idosos que padeciam de conflitos morais e éticos frutos de suas relações sociais e familiares, que acompanharam esses idosos até o final de suas vidas. Assim, vemos o esforço dos idosos da pesquisa de evitar tais conflitos e obter uma convivência harmoniosa com sua família e seus iguais. Essa preocupação moral dos idosos também se aproxima de alguns aspectos da fase da Gerotranscendência abordados por Erikson (2011), tais como a preocupação com o futuro da espécie e com problemas maiores que os individuais.

Em relação à categoria *práticas de lazer*, observamos uma ligação com a teoria do envelhecimento satisfatório, pois são oportunidades para que os idosos possam fazer tarefas desejadas e escolhidas, que mesmo que tenham inicialmente uma finalidade de diversão e descanso, podem ser construtivas para os sujeitos e se transformarem em experiências de ócio a partir de um maior envolvimento dos idosos na atividade e na sua relação como quem a pratica. Também observamos uma ligação com a categoria liberação das obrigações sociais, visto que essas práticas de lazer só ocorrem a partir da liberação das obrigações que os idosos

estavam associados anteriormente. Assim como na categoria de liberação das obrigações sociais, temos uma aproximação com a temporalidade relacional. Na categoria viagens vemos associações similares, porém nela temos uma maior proximidade com a teoria do envelhecimento satisfatório, pois são atividades consideradas mais importantes pelos idosos.

Na categoria *família*, notamos o aspecto generativo da velhice, a partir do ciclo vital de Erikson (2011), se utilizando do investimento nas gerações futuras como um meio de evitar a desesperança. Assim, observamos que há uma importância dos idosos em perpetuação de suas características que estão nos seus filhos e nos seus netos. É interessante que, para todos eles os filhos têm uma função da manutenção dos vínculos mais próximos e de convivência. Nesse sentido, temos também uma aproximação com a visão existencial colocada por Beauvoir (1970) se articula com as categorias família e experiência de vida, já que delimita o tornar-se velho a partir de relações entre o Ser velho e outros seres no seu mundo, dos relacionamentos com a família e filhos. Também vemos uma aproximação com a visão existencial de Heidegger (2014), na qual o Cuidado com a família expõe uma condição social da Presença, que é a condição de Co-presença, exemplificando o viver numa condição para o outro, mesmo que vivamos sós. Nesse sentido, a preocupação com o outro seria uma extensão do cuidado conosco, diante da relação inequívoca que possuímos como Ser-no-mundo.

Na categoria *não sente os estigmas da velhice* observamos que os estigmas evidenciados nas visões biologistas e individualistas, são os estigmas negados no discurso dos idosos na categoria empírica não sente os estigmas da velhice. Esses estigmas falam sobre uma visão depreciativa dos idosos, mas que pode corresponder a realidade de alguns casos que os idosos encontram no seu cotidiano, especialmente de pessoas que não praticam atividades físicas como eles. Nesse caso, vemos uma forte relação com a categoria saúde, pois muitos dos estigmas evidenciados pelos idosos estão relacionados a situações de saúde

deteriorada, para muitos um aspecto normativo do idoso. Ao mesmo tempo, observamos uma relação com a categoria experiência, pois aqui vemos casos aos quais os idosos se referem e que fazem parte da sua experiência pregressa. No discurso sobre a negação de seus estigmas, vemos uma visão historicamente fortalecida socialmente, a do idoso frágil, o que aproxima essa categoria das ideias de uma velhice historicamente estabelecida, ainda que a referência seja aos estigmas da velhice. Nessa categoria também observamos a negação pela afirmação de si, pois alguns idosos como Hércules e Poseidon se afirmam jovens e capazes frente aos limites da idade e também aos estigmas sobre a velhice. Nessa sua afirmação, eles se aproximam de muitos dos critérios de um envelhecimento bem sucedido em sua defesa. Ao mesmo tempo essa afirmação deles os aproxima de uma visão própria de si, dentro dos moldes da visão existencialista de Heidegger (2014).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos ao longo deste trabalho diversas problemáticas que envolvem a condição do envelhecimento atual e os significados que os idosos podem conferir a essa condição na atualidade. Dessa forma, entendemos que o método etnográfico foi essencial para a compreensão dos idosos pela necessidade de contato e busca de um relacionamento mais próximo da realidade de cada um deles. Nesse sentido, trazemos novamente a nossa pergunta de partida que motivou essa investigação: quais os relatos que os idosos fortalezenses construíram sobre o seu processo de envelhecimento?

A partir dessa pergunta, partimos para o plano teórico da investigação, no qual observamos uma multiplicidade de olhares sobre o idoso e o envelhecer, que dizem sobre diferentes representações a respeito do idoso e sobre o processo de tornar-se velho em si. Assim, cada uma destas perspectivas designou valores a esse processo. Dessa forma,

observamos que enquanto as visões biologista e individualista agregam valores negativos a esse processo, as perspectivas de envelhecimento positivo e histórica acrescentam valores positivos. Em comparação, notamos que os enfoques restantes acrescentam um valor relacional ao tornar-se velho, levando em consideração escolhas e relações deste indivíduo ao longo de sua vida. Nesse sentido, as visões existenciais são mais inclusivas, pois consideram este Ser idoso em suas diversas relações e disposições e conseqüentemente, em múltiplas possibilidades atreladas ao tornar-se velho.

Compreendendo a dinâmica de relação entre as diferentes matrizes teóricas utilizadas, observamos que as teorias de um envelhecimento positivo possuem mais pontos em comum com as teorias existenciais, acreditando no potencial do idoso como pessoa, e com algumas características das categorias teóricas biologista e individualista, especialmente quando essas teorias se aproximam de normas sociais e morais preestabelecidos. Também percebemos a aproximação com a teoria do ciclo vital de Erikson (2011) na medida em que este se aproxima de uma perspectiva de envelhecimento anterior à chegada da fase idosa. Em relação à categoria biologista, notamos que as categorias positivas, de um ciclo vital, e de Beauvoir (1970) também abordam perdas iminentes no envelhecimento, ao passo que esta perda não caracteriza o envelhecer nessas últimas. A categoria teórica individualista compreende uma visão de um idoso que deve se adequar às normas vigentes e ser totalmente responsável pelo fracasso em não aceitar tais normas, assim vemos que quaisquer das teorias anteriores que forem utilizadas de forma normativa e limitada podem se aproximar dessa visão. Em relação a categoria histórica, vemos que todas as categorias têm uma base historicamente estabelecida que podem se aproximar desta perspectiva. A categoria do ciclo vital de Erikson demonstra maiores aproximações com as teorias existenciais e com as categorias positivas do envelhecimento, pelos diversos aspectos relacionais que congrega em cada etapa do desenvolvimento do indivíduo e pelos objetivos que coloca para que o idoso possa alcançar

as forças vitais na fase idosa, próximas às descrições do envelhecimento bem-sucedido. As perspectivas existenciais também são abrangentes em sua relação com as demais categorias, pois carregam elementos de perdas, ganhos, elementos históricos individuais e coletivos presentes nas escolhas existenciais de cada indivíduo e na sua relação histórica com as pessoas e o mundo.

Vale ressaltar que cada uma dessas visões se aproxima de temporalidades específicas, e notamos que as perspectivas negativas se aproximam de uma temporalidade extrínseca ao homem, e absoluta, ao normatizar formas de Ser a este idoso. Algumas das visões positivas e a perspectiva histórica sobre o idoso também podem se aproximar desta temporalidade extrínseca, pois podem também se colocar como exteriores ao homem. Dessa forma, percebemos que as perspectivas existenciais encerram a temporalidade a partir do histórico de cada indivíduo.

A partir dessas perspectivas, recapitulamos o objetivo da pesquisa presente, que foi compreender a construção do tornar-se velho de idosos integrantes da Associação Raízes da Vida. Os objetivos específicos foram conhecer as concepções temporais presentes nas vidas dos idosos e delimitar concepções de envelhecimento dos idosos investigados.

Os objetivos nos encaminham para os resultados empíricos da investigação. A partir do relato etnográfico, pudemos identificar algumas das concepções temporais presentes na vida dos idosos, em detalhes de uma vivência mais tranquila, sem pressa e próxima a uma temporalidade subjetiva, pois eles expressam diversas atividades desejadas e não expressam uma aceleração no seu cotidiano ou o cumprimento de horários delimitados por obrigações externas. Além disso, observamos também nos relatos traços que compõem aspectos vivenciais do envelhecer dos idosos, como o seu cuidado com a família e com os filhos, os cuidados com a saúde, a aproximação da finitude, a recapitulação das experiências da vida, a realização de sonhos e o cotidiano tranquilo. Assim, os relatos etnográficos foram ricos em

detalhes dos idosos que compõem sua história e a base para o seu entendimento sobre o mundo e o envelhecer, facilitando a compreensão de como eles construíram os significados sobre o tornar-se velho. Todos estes aspectos desenvolvidos nos relatos individuais de cada idoso foram sistematizados nas categorias empíricas. Estas buscaram responder aos objetivos a partir do ponto de vista dos sujeitos pesquisados. Dentre as dez categorias empíricas, destacamos quatro delas que possuem maior relação com o tornar-se velho: a liberação das obrigações sociais, família, não sente os estigmas da velhice e saúde.

Na categoria liberação das obrigações da velhice observamos uma grande mudança de atitudes relatada pelos idosos a partir da ausência de obrigações que estes realizaram durante toda a sua vida, alteração bastante significativa no tornar-se velho destes. Na categoria família, observamos a centralidade que a família e os filhos possuem para os idosos e orientaram diversos ritos de suas vidas e fazem parte de objetivos constantes desses idosos. Na categoria não sente os estigmas da velhice, observamos o quanto o tornar-se velho para esses idosos está longe dos estigmas socialmente atribuídos ao envelhecer e que alguns deles não denominariam esse processo de tornar-se velho, mas uma permanência jovem. Na categoria saúde observamos o acréscimo de cuidados e preocupações dos idosos com a própria saúde, seja a partir de experiências próximas ou de experiências próprias, que regulam diversas ações destes idosos e os aproximam de uma finitude.

Pudemos perceber que as categorias empíricas relataram diferentes formas de apreensão do tornar-se velho na contemporaneidade. Os diagnósticos que foram realizados nas análises das próprias categorias e nas considerações sobre as categorias e permitiram comparar as informações encontradas no campo com as diferentes perspectivas teóricas existentes. A partir disso, podemos concluir que os objetivos propostos nesta investigação foram alcançados com êxito, visto que compreendemos os significados constituídos sobre o tornar-se velho para esses idosos. Dessa forma, vemos que as compreensões sobre o tornar-se

velho na contemporaneidade vão para muito além das visões de senso comum, como das visões técnico-científicas atuais. Elas perpassam as experiências dos idosos e a valoração destas experiências por eles, seja de forma positiva ou negativa. Neste sentido, a realização de objetivos e a superação de limites é muito importante para que esse tornar-se velho possa ser valorizado positivamente pelos idosos. Da mesma forma, a aproximação de amigos e da família também se faz importante para esta valorização. Assim, as quatro categorias empíricas escolhidas representam quatro temas importantes para o tornar-se velho em nossa sociedade.

Nesse sentido ao comparar as categorias teóricas e empíricas, observamos que, enquanto as categorias teóricas retrataram os idosos por diferentes perspectivas externas, as categorias empíricas trouxeram aspectos vivenciais desses idosos, abordando múltiplos aspectos das experiências destes. A exceção disso foram as categorias existenciais de Beauvoir e Heidegger, que abordaram o envelhecimento de forma mais existencial e relacional, especialmente a perspectiva Heideggeriana, que aborda a mobilidade histórica e das diferentes disposições existenciais humanas, na sua relação com a finitude humana.

Diante disso, ressaltamos os limites que a presente investigação coloca, pois esta trabalha exclusivamente com idosos que estão praticando atividades físicas há pelo menos três anos, o que limita a generalização desta investigação e a poderá torná-la específica. Apesar disso, acreditamos que muitos dos resultados compreendidos nessa pesquisa podem ser ampliados para idosos em casos similares, no caso, idosos que frequentam programas sociais de atividades físicas e idosos cearenses e nordestinos, tal como é da compreensão da pesquisa qualitativa.

Desta maneira, compreendemos que o tornar-se velho pode ser compreendido de diversas formas diferentes, alguns modelos mais inclusivos do que outros que corresponderam ou não a determinados significados encontrados na realidade dos idosos

observados. Identificamos que os significados relacionados a uma maior consciência e integração deste idoso com os outros e com o seu mundo geralmente foram acompanhados de uma maior satisfação e reconhecimento de si. Dessa forma, para além das diferentes diretrizes teóricas consideramos como hipótese que o tornar-se velho está relacionado a um maior descobrimento de si frente aos desafios diários da existência e a descoberta de uma sabedoria que dê sentido a todas as realizações feitas ao longo da vida.

9. REFERÊNCIAS

- Aquino, C., & Martins, J. (2007). Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Revista Mal Estar E Subjetividade*, VII(2), 479–500. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482007000200013&script=sci_arttext&tlng=en
- Arruda, A. (2002). Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, (117), 127–147. doi:10.1590/S0100-15742002000300007
- Baltes, M. M., & Baltes, P. B. (1990). Psychological perspectives on successful aging: the model of selective optimization with compensation. In *Successful Aging: Perspectives from the Behavioral Sciences* (pp. 1–34). New York: Cambridge University press.
- Baltes, P. B., Lindenburger, U., & Staudinger, U. M. (2006). Life Span Theory in Developmental Psychology. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of Child Psychology* (6th ed., Vol. 1, pp. 569–664). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons Inc. doi:10.1002/9780470147658.chpsy0111
- Baltes, P. B., & Smith, J. (2006). Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: a velhice bem-sucedida do idoso jovem aos dilemas da quarta idade. *A Terceira Idade*, 17(36), 7–31. Retrieved from <http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Novas+fronteiras+no>

+futuro+do+envelhecimento:+da+velhice+bem+sucedida+do+idoso+jovem+aos+dilemas+da+quarta+idade.#0

Bastos, C. L. (2005). Tempo, idade e cultura: uma contribuição à psicopatologia da depressão no idoso. Parte I: temporalidade e cultura. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 7(4), 738–753. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017491011>

Bastos, C. L. (2006a). Tempo, idade e cultura: uma contribuição à psicopatologia da depressão no idoso. Parte III: A depressão, o tempo e a cultura. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 9(2), 300–317.

Bastos, C. L. (2006b). Tempo, idade e cultura: uma contribuição à psicopatologia da depressão no idoso: parte II: uma investigação sobre a temporalidade e a medicina. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 9(1), 89–113. Retrieved from <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=523183&indexSearch=ID>

Bauman, Z. (2007). *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

Baztán, A. A. (1995). Etnografía. In A. A. Baztán (Ed.), *Etnografía: metodología cualitativa en la investigación sociocultural* (p. 356). Barcelona: Marcombo.

Baztán, A. A., & Martins, J. C. de O. (2014). *A pesquisa qualitativa de enfoque etnográfico*. Coimbra - Portugal: Grácio Editor.

Beauvoir, S. de. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Beriain, J. (2009). Las formas complejas del tiempo en la modernidad. *Acta Sociológica*, 1(49), 71–99.

Bittencourt, F. (2003). Reflexões sobre o tempo: instrumentos para uma viagem pelo ciclo vital. *Psychê*, 9(15), 93–104.

- Brasil. Legislação sobre o idoso : Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do idoso) e legislação correlata, Pub. L. No. 104 (2013). Brasil: Câmara dos Deputados, Coordenação de Edições Câmara.
- Brasil. (2014). *Síntese dos indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2014*. Rio de Janeiro.
- Cosco, T. D., Prina, A. M., Perales, J., Stephan, B. C. M., & Brayne, C. (2013). Lay perspectives of successful ageing: a systematic review and meta-ethnography. *BMJ Open*, 3, 1–10. doi:10.1136/bmjopen-2013-002710
- Cuenca, J., Monteagudo, M. J., & Bayón, F. (2012). *La contribución del ocio al envejecimiento satisfactorio de las personas mayores en Bizkaia*. Bilbao. Retrieved from <http://www.bizkailab.deusto.es/wp-content/uploads/2013/06/La-contribución-del-ocio-al-envejecimiento-satisfactorio-de-las-personas-mayores-en-Bizkaia.pdf>
- Dartigues, A. (1992). *O que é a fenomenologia?* São Paulo: Editora Moraes.
- Debert, G. (1994). Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. *Antropologia E Velhice, Textos Didáticos*, (13), 7–27. Retrieved from <http://www.mirelaberger.com.br/download/td13-guita.pdf>
- Debert, G. (1999). Velhice eo curso da vida pós-moderno. *Revista USP*, (42), 70–83. Retrieved from <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/28456/30313>
- Debert, G. (2003). O velho na propaganda. *Cadernos Pagu*, (21), 133–155. doi:10.1590/S0104-83332003000200007
- Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e Morrer*. (P. Dentzien, Trans.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- Erikson, E. H. (2011). *El ciclo vital completado* (3rd ed.). Barcelona: Paidós.
- Erikson, E. H., Erikson, J. M., & Kivnick, H. Q. (1986). *Vital involvement in old age: the experience of old age in our time*. New York: W. W. Norton & Company.

- Francileudo, F. A. (2009). *Desvelando o valor do tempo para si: um estudo hermenêutico sobre o sentido ontológico do ócio*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade de Fortaleza.
- Freire, S. A., & Sommerhalder, C. (2003). Envelhecer nos tempos modernos. In *E por falar em boa velhice* (pp. 1–135). Campinas: Editora Papirus.
- Goto, T. A. (2007). *A (Re) constituição da psicologia fenomenológica em Edmund Husserl*. (Tese de Doutorado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Retrieved from http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/6/TDE-2007-03-01T074216Z-1266/Publico/Tommy Akira.pdf
- Groisman, D. (2002). A velhice, entre o normal e o patológico. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 9(1), 61–78. doi:10.1590/S0104-59702002000100004
- Grondim, J. (1999). Introdução à hermenêutica filosófica. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- Guignon, C. B. (1993). *The Cambridge Companion to HEIDEGGER*. New York: Cambridge University press.
- Heidegger, M. (2014). *Ser e tempo* (9ª ed.). Rio de Janeiro: Vozes.
- IFCE, C. de E. F. (2015). *Programa de extensão atividade física gerontológica grupo raízes da vida*. Fortaleza.
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W. (2002). Entrevista Narrativa. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Rio de Janeiro, RJ: Vozes.
- Lewis, M. (1990). Development, time and catastrophe. In B. Paul, D. Featherman, & R. Lerner (Eds.), *Life span development and behavior* (Vol. 10, pp. 325–350). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Lima, Â. M. M. de, Silva, H. S. da, & Galhardoni, R. (2008). Envelhecimento bem-sucedido: Trajetórias de um constructo e novas fronteiras. *Interface: Communication, Health,*

Education, 12(27), 795–807. doi:10.1590/S1414-32832008000400010

Lima, P. M. R. de, Coelho, V. L. D., & Günther, I. de A. (2011). Envolvimento vital : um desafio da velhice. *Geriatrics E Gerontologia*, 5(4), 261–268.

Lipovetsky, G. (2004). *Os Tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla.

Lipovetsky, G. (2007). *A Felicidade Paradoxal*. São Paulo: Companhia das Letras. Retrieved from

<http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:A+felicidade+paradoxal#8>

Magnani, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), 11–29. doi:10.1590/S0102-69092002000200002

Magnani, J. G. C. (2009). Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, 15(32), 129–156. doi:10.1590/S0104-71832009000200006

Martins, J. C. de O. (2013). Tempo livre, ócio e lazer: sobre palavras, conceitos e experiências. In J. C. de O. Martins & M. M. Baptista (Eds.), *O ócio nas culturas contemporâneas - teorias e novas perspectivas em investigação* (1^a ed., p. 237). Lisboa: Grácio Editor.

Martins, J. C. de O., & Aquino, C. A. B. (2008). Ócio, lazer e tempo livre na sociedade que centraliza o tempo de trabalho. In J. C. de O. Martins & M. Cuenca (Eds.), *Ócio para viver no século XXI* (p. 338). Fortaleza: As Musas.

Monteagudo, M. J., Amigo, J. C., & Valle, R. S. S. del. (2014). Aportaciones del ocio al envejecimiento satisfactorio.

Ouwehand, C., de Ridder, D. T. D., & Bensing, J. M. (2007). A review of successful aging models: Proposing proactive coping as an important additional strategy. *Clinical Psychology Review*. doi:10.1016/j.cpr.2006.11.003

Pinheiro, K. F., & Soares, J. C. (2009). Cidade do lazer : expectativa de prazer. *Revista Mal-*

- Estar E Subjetividade*, 9(3), 963–982. Retrieved from <http://www.redalyc.org/pdf/271/27115482010.pdf>
- Riegel, K. F. (1976). The dialectics of time. In N. Dantan & H. W. Reese (Eds.), *Life-Span Developmental Psychology: Dialectical Perspectives on Experimental Research* (pp. 3-45) New York: Academic Press.
- Schuback, M. S. C. (2014a). A perplexidade da presença. In *Ser e Tempo* (9ª ed. pp. 15-32). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Schuback, M. S. C. (2014b). Notas explicativas. In *Ser e Tempo* (9ª ed., pp. 561-582). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sennett, R. (2009). *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo* (14ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Record.
- Silva, L. R. F. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 15(1), 155–168. doi:10.1590/S0104-59702008000100009
- Siqueira, R. L. de, Botelho, M. I. V., & Coelho, F. M. G. (2002). A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7(4), 899–906. doi:10.1590/S1413-81232002000400021
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39(3), 507–514. doi:10.1590/S0034-89102005000300025
- World Health Organization. (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília. Retrieved from <http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Envelhecimento+ativo:+uma+pol?tica+de+sa?de#0>

APÊNDICE B



**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: Narrativas sobre o ser velho e o envelhecer: um estudo com idosos de Fortaleza-CE.

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Bruno Pontual de Lemos Castro

PREZADO(A) COLABORADOR(A),

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que irá investigar o envelhecer no cotidiano da cidade de Fortaleza. Esta pesquisa é importante para identificar as diferentes ideias que o idoso possui sobre a velhice e assim contribuir para um maior conhecimento a respeito da velhice e das formas como os cidadãos fortalezenses estão envelhecendo.

1.PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA: Ao participar desta pesquisa você concordará em ser entrevistado sobre o seu entendimento do envelhecimento e do que significa ser velho. Você também concordará em ser observado em algumas atividades diárias de seu cotidiano. Para que possa ser realizada a análise das informações você também concordará com a gravação de sua entrevista. Se houver necessidade gostaríamos de tirar algumas fotos suas, mas estas imagens não permitirão qualquer tipo de identificação (os rostos serão desfocados).

Lembramos que a sua participação é voluntária, você tem a liberdade de não querer participar e pode desistir em qualquer momento, mesmo após ter iniciado as entrevistas e observações sem nenhum prejuízo para você.

2.RISCOS E DESCONFORTOS: Essa pesquisa utilizará de entrevista aberta, o que poderá trazer algum desconforto por proporcionar que você acabe falando de situações pessoais ou íntimas. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo de fazer emergir sentimentos de ansiedade ou tristeza que serão reduzidos pelas atitudes de cuidado do pesquisador durante o processo de pesquisa. A fim de minimizar tal fato o pesquisador buscará estabelecer um bom vínculo inicial, o (a) deixando a vontade e esclarecendo que você poderá interromper a entrevista a qualquer no momento em que desejar. O pesquisador buscará dar orientações e suporte para os participantes da pesquisa sempre que for necessário.

3.BENEFÍCIOS: Os benefícios esperados com a pesquisa são no sentido de prover aos participantes da pesquisa um espaço de escuta e de atenção para a sua trajetória de vida e assim poderá funcionar com um instrumento de autoconhecimento e maior autonomia.

4.FORMAS DE ASSISTÊNCIA: Se você precisar de algum encaminhamento psicológico por se sentir prejudicado por causa da pesquisa ou se o pesquisador descobrir que você tem alguma coisa que necessite de tratamento, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável, que estará presente integralmente na pesquisa: Bruno Pontual de Lemos Castro, telefone: (85)91742933, no endereço Av. Washington Soares,1321, Bloco N, sala 13 bairro Edson Queiroz. A partir deste contato, o pesquisador poderá atender o (a) participante, pois este pesquisador é psicólogo, ou encaminhá-lo (a) para o setor responsável da instituição.

5.CONFIDENCIALIDADE: todas as informações que o (a) sr. (a) nos fornecer ou que sejam conseguidas por observações e entrevistas serão utilizadas somente para esta pesquisa. Suas respostas, informações e dados pessoais ficarão em segredo e o seu nome não aparecerão em lugar algum das gravações e dos formulários nem quando os resultados forem apresentados.

6.ESCLARECIMENTOS: se tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar a qualquer momento o pesquisador responsável.

Nome do pesquisador responsável: Bruno Pontual de Lemos Castro

Endereço: Endereço: Av. Washington Soares,1321, Edson Queiroz.

Telefone para contato: (85) 91742933

Horário de atendimento: 8h - 17h (Segunda à Sexta)

Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza, CE.

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos - Coética

Universidade de Fortaleza.

Av. Washington Soares, 1321, Bloco da Reitoria, Sala da Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, 1º andar.

Bairro Edson Queiroz, Cep 60811-341.

Telefone (85) 3477-3122, Fortaleza, CE.

7.RESSARCIMENTO DAS DESPESAS: caso o(a) sr.(a) aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira.

8.CONCORDÂNCIA NA PARTICIPAÇÃO: se o(a) sr.(a) estiver de acordo em participar deve preencher e assinar o termo de consentimento pós-esclarecido que se segue e receberá uma via deste termo e a outra ficará com o pesquisador.

O **participante de pesquisa** ou seu representante legal, quando for o caso, deve rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE pondo sua assinatura na última página do referido Termo.

O **pesquisador responsável** deve, da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE pondo sua assinatura na última página do referido termo.

9.CONSENTIMENTO PÓS ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o sr.(a) _____, portador(a) da cédula de identidade _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, e está ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu consentimento livre e esclarecido em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Fortaleza-CE., _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante ou representante legal

Impressão dactiloscópica

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE C

Perguntas Disparadoras e perguntas auxiliares

Perguntas Disparadoras

1. O que para você, é ser velho?
2. O que você mais gosta de fazer nesta sua fase da vida? Pense em algo que depois dos 60 anos você passou a experimentar e que tal situação causa em você grande prazer, satisfação, realização e o faz sentir-se muito bem. Agora nos diga, que situação/experiência é essa?

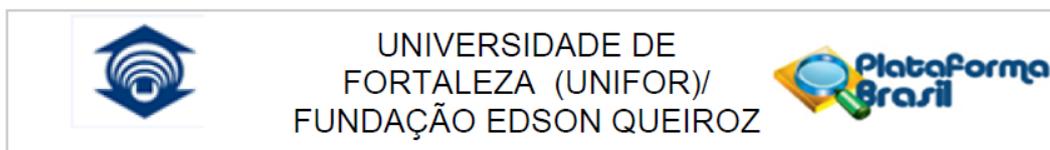
Perguntas auxiliares

3. Essa sua experiência resguarda relação com trabalho?
4. Enumere os benefícios que você percebe serem decorrentes desta experiência
5. No seu tempo livre o que você mais gosta de fazer?
6. Você considera que tem uma vida com qualidade?
7. O que é uma vida com qualidade para você?
8. O que esta idade trouxe de melhor para você?

9. Como você se sente em relação à sua idade? Você se sente velho?

10. Nesta sua idade, mais de 60 anos, o que é o trabalho para você?

ANEXO A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Narrativas sobre o ser velho e o envelhecer: um estudo com idosos de Fortaleza-CE

Pesquisador: Bruno Pontual de Lemos Castro

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 53961315.5.0000.5052

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

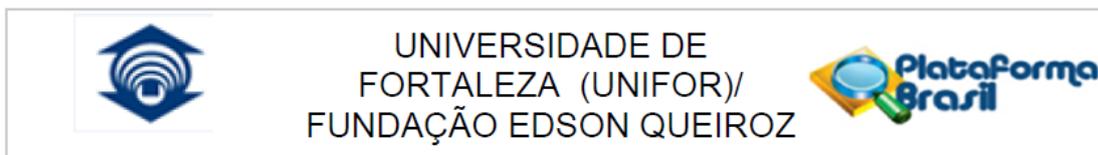
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.498.162

Apresentação do Projeto:

A sociedade contemporânea é demarcada por características consumistas, aceleradas, e de incertezas nas situações cotidianas e na conjuntura das organizações sociais e políticas. Nessa sociedade observamos também uma degradação dos laços afetivos e dos projetos pessoais diante desse panorama, que tornam os participantes frágeis, e flexíveis. Nessa sociedade, também observamos um grande envelhecimento da população, permeado pela melhoria nas qualidades de vida, o que implica também em um aumento da expectativa de vida da população para perto dos 90 anos de idade em alguns países desenvolvidos. Tal tendência de envelhecimento acompanha diferentes construções sobre o idoso na contemporaneidade, desde uma visão biologicista e que vê o idoso como uma pessoa que está sofrendo perdas provenientes da idade, até uma visão histórica, na qual a visão de idoso é constituída a partir do contexto histórico de cada época. Podemos observar também, que muitos idosos tendem a sofrer com um fenômeno que Debert (1999) chama de periodicização, no qual é lhes cobrado que eles tenham uma determinado papel

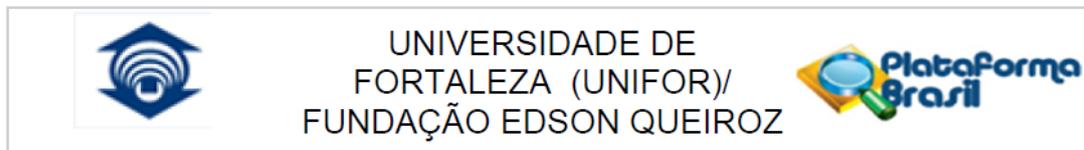
Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br



Continuação do Parecer: 1.498.162

frente à sua idade e ao seu tempo de vida. Ao mesmo tempo, observa-se que esses idosos são vistos como pessoas que fracassaram em suas tentativas de envelhecer, ao não consumir determinados produtos e serviços. Nesse sentido, vemos que incidem diferentes visões sobre o envelhecimento do idoso e que essas diferentes visões ora retratam os idosos como pessoas com potenciais para além do que a sociedade os coloca, ou é visto como alguém que está perdendo a sua autonomia e o seu empoderamento pessoal. Vemos ainda que no âmbito metropolitano, predominam relações impessoais e distanciadas, próximas a concepção social da “rua” como coloca Roberto DaMata, e que as relações afetivas e próximas estão desaparecendo dos espaços públicos e dos âmbitos de convivência dos idosos. Desta forma, diante de um contexto de grandes mudanças convocado pela situação hodierna, o objetivo do presente projeto é compreender as narrativas construídas sobre o processo de envelhecimento de idosos de Fortaleza integrantes da Associação Raízes da Vida. Para isso, se investigou um pouco mais sobre alguns tipos de modelos de envelhecimento positivo presentes na atualidade, tais como o Envelhecimento bem sucedido, o Envelhecimento ativo e o Envelhecimento satisfatório. Também foi investigado, a partir de um viés qualitativo diferentes conceituações de tempo, especialmente os conceitos de tempo absoluto e relativo e de tempo contínuo e descontínuo, assim como uma concepção existencial de tempo, tal como proposta por Heidegger. Tais perspectivas foram pesquisadas pois se considerou a perspectiva temporal importante para que os idosos compreendessem o seu envelhecer. Para além disso o projeto propõe uma investigação exploratória, qualitativa e descritiva de abordagem etnográfica a ser realizada com idosos de ambos os sexos, com níveis de escolaridade e condição social diversos, residentes em Fortaleza. Ao total serão entrevistados 8 idosos. O critério de inclusão da pesquisa será o enquadramento do sujeito como idoso, este que é previsto no estatuto do idoso, como aqueles que apresentem idade igual ou superior a sessenta anos, em conformidade com a lei 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Brasil, 2013). Outros critérios de inclusão serão a participação regular do idoso nas atividades do projeto e a vontade de participar dessa

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br



Continuação do Parecer: 1.498.162

pesquisa após apresentação e leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, além de residirem em Fortaleza. Estão excluídos toda a população fora desta delimitação. Para coleta de dados será utilizada a observação participante e da entrevista narrativa. Dessa forma a observação participante busca uma observação mais detalhada e envolvida do investigador e complementa a imersão no campo propiciada pela etnografia, enquanto que a entrevista narrativa permite uma análise de diferentes elementos das biografias desses participantes. Para análise dos dados será utilizada a análise Hermenêutica a partir dos aportes de Minayo, que busca uma melhor compreensão dos textos e do mundo a partir de uma análise rigorosa de todos os elementos que os compõem. A técnica do Discurso do sujeito coletivo também será utilizada para ajudar na análise e composição de categorias a partir da identificação e agrupamento das ideias centrais nos discursos dos participantes.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender as narrativas construídas sobre o processo de envelhecimento de idosos de Fortaleza integrantes da Associação Raízes da Vida

Objetivo Secundário:

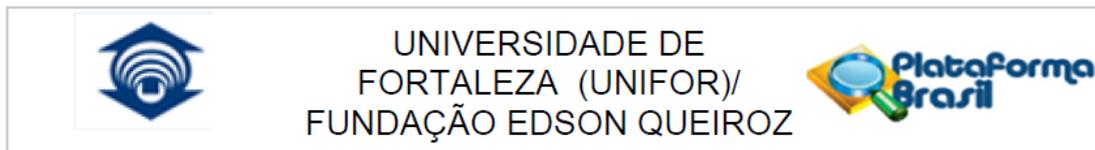
Conhecer as concepções temporais presentes nas narrativas de vida dos idosos. Traçar as concepções de envelhecimento presentes nas narrativas de vida dos idosos. Analisar a influência dos contextos de vida dos idosos presentes em suas narrativas

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

De acordo com esta resolução, os riscos das pesquisas sempre devem ser delimitados. Essa pesquisa utilizará de entrevista aberta, o que poderá trazer algum desconforto por proporcionar que o participante acabe falando de situações pessoais ou íntimas. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo de fazer emergir sentimentos de ansiedade ou tristeza que serão reduzidos pelas atitudes de cuidado do pesquisador durante o

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br



Continuação do Parecer: 1.498.162

processo de pesquisa. A fim de minimizar tal fato o pesquisador buscará estabelecer um bom vínculo inicial com o participante, o deixando a vontade e esclarecendo que ele poderá interromper a entrevista a qualquer no momento em que desejar. O pesquisador buscará dar orientações e suporte para os participantes da pesquisa sempre que for necessário.

Benefícios:

os benefícios esperados com a pesquisa são no sentido de prover aos colaboradores da pesquisa um espaço de escuta e de atenção para a sua trajetória de vida e assim poderá funcionar com um instrumento de autoconhecimento, autonomia e empoderamento.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto deixa claro a sua relevância, A metodologia descrita é adequada as proposituras investigativas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de Rosto 20160411154822301.pdf

Declaração de Instituição e Infraestrutura Carta_de_Anuencia_Bruno_Pontual.PDF

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de

Ausência

TCLE_projeto_Bruno_Pontual.docx

Projeto Detalhado / Brochura Investigador Projeto_para_o_coetica_Bruno_Pontual.docx

Outros descricao_das_alteracoes_realizadas.docx

Recomendações:

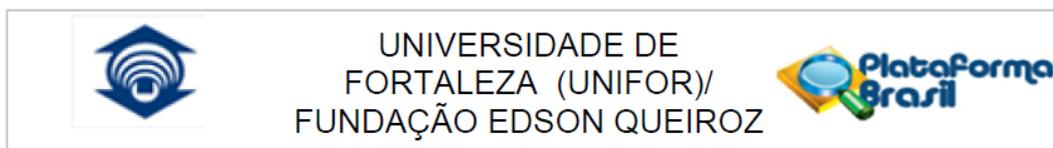
Após a leitura da versão apresentada, não há recomendações por conta de pendências do projeto de pesquisa analisado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Colegiado recomenda a aprovação ao projeto de pesquisa visto atender, na íntegra, às determinações da Resolução CNS/MS 466/12 e diretrizes.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Av. Washington Soares 1321Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br



Continuação do Parecer: 1.498.162

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_638557.pdf	12/04/2016 15:13:52		Aceito
Outros	descricao_das_alteracoes_realizadas.docx	12/04/2016 15:13:16	Bruno Pontual de Lemos Castro	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_para_o_coetica_Bruno_Pontual.docx	12/04/2016 15:08:35	Bruno Pontual de Lemos Castro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_projeto_Bruno_Pontual.docx	12/04/2016 15:08:07	Bruno Pontual de Lemos Castro	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Carta_de_Anuencia_Bruno_Pontual.PDF	11/04/2016 23:59:04	Bruno Pontual de Lemos Castro	Aceito
Folha de Rosto	20160411154822301.pdf	11/04/2016 15:57:12	Bruno Pontual de Lemos Castro	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 13 de Abril de 2016

Assinado por:
ALDO ANGELIM DIAS
(Coordenador)

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br

ANEXO B

Figura 21: expressões chave, ideias centrais e categorias da pergunta “O que para você é ser velho?”.

Sujeitos	Expressões chave	Ideia central	Categorias
Hércules	Isso aí é o certo, todos nós temos a certeza que vamos chegar ao final, a morte, é isso não sei.	Certeza da morte	A
Deméter	Uma coisa que a gente tem com certeza né, a gente nasce, vive, e a gente sabe que tem a morte com certeza, mas não sabe a que dia nem quando né, e a gente vai levando a vida até quando Deus quiser, eu acho assim, não tenho nenhum preconceito de maneira nenhuma.	Transitoriedade da vida	A
Hércules	Rapaz a vida da gente é você nascer, viver e morrer então assim ser velho já é a outra parte da da sua vida né, nasceu foi jovem estudou trabalhou e chega o tempo de você se aposentar né.	Transitoriedade da vida	A
Hebe	Ser velho para mim é um sinal de que estou vivendo muito né, que não vive e nasce, morre logo né, um rapaz animado de vinte e tantos anos, eu digo olha, eu to vivendo muito .	Longevidade	B
Poseidon	Bem, ser velho é, é ter mais experiência de vida.	Ter mais experiência de vida	B
Hipócrates	Tem que se cuidar, porque se você não se cuidar, não se preparar para a velhice, você vai dançar, e sofre muito, muito, tanto você como os filhos, porque você quando casa, a gente tem que ter um objetivo que vai com a sua família, se ele não tem recurso, tem que procurar dar o recurso para os seus filhos, e o recurso dos seus filhos é o saber, eu penso assim né ... Outra pergunta.	Cuidado de si	C
Poseidon	É, e conviver com as dificuldades que vão aparecendo no organismo, né? É, por exemplo, falta de equilíbrio né, umas coisinhas que, isso aí é que é ser velho para mim. Quer dizer que as atividades que a gente faz, é aquele negócio, que a cabeça é jovem, mas o corpo não corresponde ao que a cabeça pensa né.	Lidar com a deterioração do organismo.	C
Hipócrates	Rapaz, para mim ser velho é muito bom,	Ser velho é bom	D
Atena	Para mim ser velho não incomoda em nada,	A velhice não incomoda	D
Hebe	Só isso mesmo que eu disse, só de ficar toda engilhada que eu não aceito, só isso, mas, acho que aceita numa boa, depois a gente, a mente da gente vai mudando, vai mudando né, aí a gente aceita depois, só que é assim, né? Mas o resto, eu encaro numa boa...	Aceitação da velhice	D
Atena	Então eu não me sinto uma pessoa idosa, a não ser quando os cabelos brancos aparece (risos), ou então, eu não me sinto, ou então quando eu vou preencher os documentos que eu preciso colocar a minha idade, eu não nego a minha idade, digo para todo mundo, quando eu digo tô beirando os 70 todo mundo puxa, é mesmo?	Não sente os estigmas da velhice	D

Hebe	Quando os cabelos brancos aparece (risos), ou então, eu não me sinto, ou então quando eu vou preencher os documentos que eu preciso colocar a minha idade, eu não nego a minha idade, digo para todo mundo, quando eu digo	Liberdade pessoal	E
Hércules	Tô beirando os 70 todo mundo puxa, é mesmo? Viver descansado, não é descansado, de você não ter mais a preocupação de trabalhar e você vai só é é realmente passar o resto dos dias aqui nessa terra né.	Liberção do trabalho	E
Poseidon	Ter mais, mais liberdade para cuidar dos assuntos pessoais.	Ter mais liberdade para cuidar dos assuntos pessoais	E
Hipócrates	Graças a Deus eu trabalhei para isso, pensei sempre na minha velhice.	Planejamento da velhice	F
Atena	Aquela coisa mais feia que eu acho é uma pessoa idosa ridícula, na maneira de falar, na maneira de se vestir, eu acho que a pessoa tem que ir acompanhando assim a vida com coerência, sabe assim, eu não me sinto idosa, eu não gosto, por exemplo, de andar com roupa, com as costas nuas, shortinho desfiado, eu acho ridículo uma pessoa na minha idade se vestir desse jeito, as vezes é até querendo driblar a idade e fica ridículo.	Idoso deve ser coerente com a sua idade	G
Hipócrates	Foi melhorando, a doença foi se acabando, eu digo rapaz, o médico estava certo mesmo, e fui ficando bom da asma, depois de velho é que eu tô gozando saúde, porque até os meus cinquenta e tantos anos, cinquenta e cinco, por aí assim, eu era doente.	Gozar da saúde depois de velho	H

Figura 22: Expressões chave, ideias centrais e categorias da pergunta “O que você mais gosta de fazer nesta sua fase da vida?”.

Sujeitos	Expressões chave	Ideias centrais	Categorias
Deméter	Hoje em dia o que eu gosto muito de fazer é ajeitar a minha casinha.	Arrumar a casa	A
Deméter	Hoje eu tô mais queta dentro de casa, mas adoro gosto demais.	Ficar quieta dentro de casa	B
Deméter	De viajar assim, de viajar.	Viajar	C
Atena	Viajar muito assim é muito gostoso, quando você está viajando, conhecendo novas culturas sabe, isso é a coisa que me dá mais prazer.	Viajar	C
Poseidon	A gente tem sempre um ideia de viajar.	Viajar	C
Deméter	Fazendo as minhas orações.	Orar	D
Hércules	Rapaz é assim a gente tem que como eu falei né já trabalhamos e chega ao ponto de você descansar.	Descansar	E
Poseidon	Quanto, um lazer qualquer aí, que esteja dentro dos limites que você suporte que não venha lhe trazer mal estar depois.	Fazer um lazer controlado	E
Atena	Outra atividade que me dá muito prazer é jogar buraco, a gente adora jogar buraco,	Jogar buraco	E

Hipócrates	Gosto muito de futebol, mas só de ouvir pelo rádio, não gosto de estádio,	Escutar futebol pelo rádio	E
Hipócrates	Eu gosto de cinema,	Gosta de cinema	F
Deméter	Agora se eu puder, para mim é eu e o (Hipócrates), tando numa casinha, que ninguém nos perturbe, assistindo minha televisãozinha, minhas novelas.	Assistir televisão	F
Hipócrates	Eu tenho prazer muito grande em reunir a família, quando tenho uma reunião com meus filhos, meus netos, porque ave Maria, é uma alegria muito boa, minha vida todinha são só os meus filhos,	Reunir a família (Filhos)	G
Deméter	Gosto muito quando tão tudo muito reunido, brincando, gostam muito de se reunir, e isso para mim é um prazer... Me dá muita satisfação.	Se reunir com a família	G
Hércules	Para mim é um prazer reunir com a minha família com meus filhos meus netos, me sinto satisfeito e procurar viver bem.	Reunir com a família	G
Deméter	No interior sem ter muita badalação, sem ter nada, e eu me adaptei muito bem a isso né, e hoje isso me satisfaz muito bem, quer dizer, aí então eu vivo assim, gosto muito daqui de Fortaleza, mas eu preferiria viver no Iguape.	Viver no Iguape	H
Poseidon	De, de, de curtir um lazer, tanto gastronômico quanto.	Fazer um lazer gastronômico	H
Hércules	Então não é que você se aposentou e vai ficar parado dentro de casa não é você usufruir, isso é vida passear,	Passear	H
Hebe	Tá passeando,	Passear	H
Hebe	O que eu gosto mais de fazer hoje em dia? É representar para a televisão, fazer, fazer, ir para os programas, me faz muito bem...	Representar para a televisão	I
Deméter	Gosto muito de participar das, dos movimentos da igreja,	Participar dos movimentos da igreja	I
Hebe	Tá ajudado o próximo, chega uma pessoa diz assim (Hebe), vai comigo no posto, eu vou, (Hebe) tira um ficha pra mim, eu vou, não é nem negócio de dinheiro não,	Ajudar ao próximo	J
Hércules	É, fazer bem ao próximo.	Fazer bem ao próximo	J
Atena	Outra coisa que me dá muito prazer é ler um bom livro	Ler um bom livro	K
Poseidon	Bem, a coisa que eu tenho mais prazer é de saber que eu já trabalhei, já, agora eu tô no, no meu tempo, o tempo de não ter hora para chegar, de compromissos, a não ser que seja consulta né, coisa marcada com horário, mas, por exemplo, um compromisso de sobrevivência, para tá cumprindo ali embaixo de sol, chuva, poeira, só isso aí é um alívio que eu	Ter um tempo para si	L
Atena	eu acho muito bom a minha vida assim, a vida de ser independente, e a minha independência também favorece também a outras pessoas, principalmente assim os outros parentes,	Ter Liberdade pessoal	L

Atena	Então a nossa independência financeira, e a vida que a gente leva, graças a deus é muito prazerosa,	Ter independência financeira	M
Poseidon	É porque tem o que a gente gosta de fazer, é tudo que o jovem quer, é tudo que a gente,	Fazer o que o jovem quer	N

Figura 23: Expressões chave, ideias centrais e categorias da pergunta “No seu tempo livre o que você mais gosta de fazer?”.

Sujeitos	Expressões chave	Ideias centrais	Categorias
Poseidon	De ler um bom livro, de,	Ler um bom livro	A
Atena	De ler	Ler	A
Atena	Eu gosto muito assim de escrever,	Escrever	B
Hércules	Baralho brinco também passatempo mesmo, investimento, nada de aposta, divertimento para o tempo passar mais rápido.	Jogar baralho	C
Atena	Jogar buraco.	jogar buraco	C
Hércules	Eu gosto de passeio,	Passeio	D
Hipócrates	Sou mais caseiro,	Ficar em casa	E
Deméter	Dormir,	Dormir	F
Hércules	É repouso, em primeiro lugar, né,	Repouso	F
Hipócrates	Me deito,	Se deitar	F
Poseidon	De repousar, é assim de fazer um,	Repousar	F
Poseidon	De viagem, aquela viagem pelo menos uma vez no ano, fazer uma viagem longa assim, mais de 10 dias,	Fazer uma Viagem longa	G
Atena	Dirigir adoro dirigir, para mim é o maior prazer pegar o carro, sou capaz de dirigir de Iapoque ao Chuí, porque uma coisa que me dá prazer é dirigir o carro, e,	Dirigir	H
Hebe	Eu arrumo a minha roupa,	Arrumar a roupa	I
Atena	É muito difícil eu ficar assim sem fazer nada, sempre eu tô assim ocupada com alguma coisa, arrumar a casa,	Arrumar a casa	I
Deméter	Ajeitar a minha casa. Quando eu, tando toda bonitinha, quando eu vejo suja que uma pessoa chega, tira do filho, neto, porque são 20 netos, 9 filhos e 4 bisnetos, aí quando chega e eu vejo bagunçada, aquilo me dá uma perturbação horrível...	Arrumar a casa	I
Hebe	Lavo as minhas roupas, até colocar estendidas eu boto, nas carreiras, comecei a arrumar, eu não fico queta não.	Lavar as roupas	J
Hipócrates	Eu gosto de missa, todo domingo eu vou a minha missa, toda a minha vida é mais a Igreja, agradecer a deus por tudo que ele me deu, o que ele fez pelos meus filhos, até chegar o dia que Deus quiser me levar eu estarei pronto para ir perto de deus, se deus quiser, essa é a minha vida...	Ir para a missa	K
Atena	Visitar parentes, mas parentes também hoje em dia tá tão difícil assim, porque cada um também tem a sua vida né, cada qual tem a sua vida corrida, as vezes a gente se encontra, ave Maria, faz tanto tempo que parece que morava em outro planeta,	Visitar parentes	L

Hércules	Dominó, passatempo, para mim não ficar ocioso , fico jogando em casa com a minha esposa, as vezes com os meus filhos,	Jogar dominó com a família	L
Hipócrates	E vou ali pro CEFET porque eu gosto do cefet,	Ir para o Cefet	M
Poseidon	Eu gosto de, fazer caminhada,	Fazer caminhada	M
Atena	Encontrar com os amigos, as amigas, sempre a gente procura sempre ser assim , bem social assim...	Encontrar amigos	N
Atena	Compras para casa sabe, eu gosto muito	Fazer compras	O
Poseidon	Tudo aquilo que cause, que venha a lhe dar satisfação, sem, sem, onerar o seu organismo, o seu orçamento, né, que é uma coisa que é preciso a pessoa ter sempre em dia, o orçamento, são essas coisas. O que é ser velho é curtir a vida, curtir a vida sem sobrecarregar a vida né.	Fazer coisas que lhe deem satisfação sem forçar seu orçamento	O
Deméter	E eu aprender para fazer para mim, tem gente que gosta de comprar, feito né, eu não, eu gosto de fazer, toda vida eu gostei, mas hoje não tenho mais, tem uma dor nas costas, tem uma dor não sei aonde,	Aprender novas tarefas	P
Hebe	Ou então pra televisão.	Ir para o programa	Q
Deméter	Que eu gosto muito de ver é as pessoas fazerem as coisas	Ver as pessoas fazendo as coisas	R
Hebe	No meu tempo livre? Ajudar o próximo.	Ajudar o próximo	S

Figura 24: Expressões chave, ideias centrais e categorias da pergunta “O que é uma vida com qualidade para você?”.

Sujeitos	Expressões chave	Ideias centrais	Categorias
Hebe	Aí faço também o que eu gosto né, sabe, acho que é isso.	Fazer o que gosta	A
Atena	Eu acho que é fazer o que gosta,	Fazer o que gosta	A
Hebe	Acho que é uma vida de qualidade essa minha, que eu ajudo o próximo, e me ajudo também né,	Ajudar o próximo	B
Hércules	É você procurar sempre fazer as coisas certas, que nos somos humanos né nos erramos, não tem quem não erre não, mas você tem que procurar fazer o melhor ,	Buscar fazer as coisas certas	C
Hipócrates	Sem maltratar os outros, vivendo a sua vidazinha como Deus quer e pode como Deus quer levar...	Não maltratar os outros	D
Hércules	Não prejudicar os outros.	Fazer coisas que não vão prejudicar os outros	D
Atena	Para restaurantes bons,	Ir para restaurantes bons	E
Hércules	É viver, viver bem com a sua família, com a sua esposa,	Viver com a família	F
Hipócrates	É o sujeito que tem boas amizades,	Ter boas amizades	G
Atena	Estar perto de pessoas que você se dá bem , que você se afina,	Estar perto de pessoas queridas	G
Hipócrates	O camarada procurar seguir as suas religiões, e	Procurar seguir suas religiões	H

Deméter	Não tenho mais aquela preocupação que eu tinha, de um filho tá doente ou mesmo eu e ele tá doente , a gente não sabia o que fazer, ficava na, hoje a gente tem né uma condição.	Não ter as preocupações da juventude	I
Atena	É não ter assim é, compromissos mais sérios assim, de horário, nem de nada, já amanhece o dia chovendo aí a gente ah não vou sair com a chuva não, vou ficar aqui.	Não ter compromissos sérios	I
Deméter	Eu não tenho doenças até agora que me dê preocupação assim de eu achar que é incurável nem nada, e se for que seja feita a vontade dele,	Não ter doenças graves	J

Figura 25: Expressões chave, ideias centrais e categorias da pergunta “O que esta idade trouxe de melhor para você?”.

Sujeitos	Expressões chave	Ideias centrais	Categorias
Hércules	Ah sim a idade né. É assim você adquire mais experiência né,	Experiência de vida	A
Atena	Experiência de vida também, quantas pessoas que passaram assim na vida da gente, no decorrer cada uma sempre vai colocando um tijolinho, a gente também vai formando assim a nossa própria experiência, experiência como um todo.	Experiência de vida	A
Hércules	A idade da gente é uma coisa que no dia-a-dia a cada dia a gente vai adquirindo conhecimento , então assim graças a Deus assim eu gosto da minha vida,	Adquirir conhecimento	A
Atena	Saúde,	Saúde	B
Deméter	Que nós não tínhamos nada e hoje temos né, graças a Deus o de melhor, que eu não posso exigir mais do quê que eu tenho,	Ter uma boa condição financeira de vida	C
Atena	Já está com aquela aposentadoria, você já não está mais precisando tá correndo atrás,	Estar aposentada	C
Poseidon	É... Digamos a independência, a independência da gente,	Ter independência	C
Atena	Acho que essa independência financeira para mim é tudo, saber que no final do mês você recebe o seu salário,	Independência financeira	C
Deméter	Ah, essa vidazinha de eu ver os meus filhos crescerem, os netos, e tudo, graças a deus, tudo dando bem de vida,	Ver os filhos e netos crescerem	D
Hércules	Eu aproveito bem a minha vida, usufruindo dela sabe, é isso.	Usufruir a vida	E

Figura 26: Expressões chave, ideias centrais e categorias da pergunta “Como você se sente em relação a sua idade? Você se sente velho?”.

Sujeito	Expressão chave	Ideia central	Categoria
---------	-----------------	---------------	-----------

Hebe	Mas eu não sinto não, velha é aquela que não faz mais nada né, fica dentro de uma rede, o pobrezinho do doutor Caminha, todo, teve um AVC na rua, que eu vou todo fim de semana, o que falou comigo no Whats app, o Pedro, e o Pedro também teve um acidente, de helicóptero, foi muito falado aqui em Fortaleza, ele caiu, aí o outro morreu na hora que ia com ele, passeando de helicóptero, aí caiu aqui em Fortaleza, faz muitos anos, ele puxou até para um terrinha, já ia tirar, deixar ele pra o IML, ele está vivo, mas morreu o amigo dele, aí passou não sei quantos meses nos hospitais, aí depois , o Pedro..	Não se sente velha	A
Atena	Como eu te disse antes eu não me sinto nessa idade (risos), eu me sinto assim totalmente tranquila,	Não se sente nessa idade	A
Hipócrates	Não, não me sinto velho,	Não se sente velho	A
Deméter	Não, velha, velha, não,	Não se sente velha	A
Poseidon	Não, eu não me sinto velho porque é como diz, a cabeça né é de jovem, quer dizer, eu tenho, eu penso em fazer, viajar em, em... Penso em me divertir, fazer, caminhar, fazer um monte de coisa, mas, mas o organismo, o organismo não corresponde a isso, então eu tenho que me limitar a condição de que o meu organismo é, tá limitado, então eu tenho que me manter dentro desse limite, sem extravagância, sem excessos, isso aí que é ser velho, não é, não é, evitar situações que sejam traumáticas, ou opressivas, ou depressivas,	Não se sente velho	A
Hércules	Mas não me sinto,	Não se sente velho	A
Atena	Então às vezes eu acho que as pessoas, muita gente, nem tem a idade que eu tenho, são tão assim para baixo, tão depressivas né, que é aparenta ter mais idade do que o que tem né, então, velho para mim não pesa em nada.	Ser velho não pesa em nada	A
Hebe	Pra mim eu tenho uns 50 anos,	Sente que tem 50 anos	B
Hércules	Hoje ainda vou para o Beach Park, eu vou para um açude, o que os meus filhos fazem geralmente eu posso fazer, mas assim dentro do meu limite eu me sinto jovem é para suportar essas coisas.	Se considera uma pessoa jovem para a sua idade	B
Poseidon	Graças a Deus, eu tenho, eu tenho assim, como, como se eu tivesse assim, se eu tenho mais de 60, eu tenho como diz uma mente, como se eu tivesse 40 né,	Se sente como se tivesse 40 anos	B
Poseidon	Eu me sinto muito bem,	Se sente bem	C
Deméter	Me sinto bem, bem mesmo	Se sente bem	C
Atena	Eu me sinto bem, (risos),	Se sente bem	C
Hebe	Me sinto bem,	Se sente bem em relação a idade	C
Hércules	Ainda tenho muita disposição, isso é o mais importante.	Possui disposição	D
Poseidon	Eu me sinto assim com aquela disposição,	Se sente com disposição	D

Deméter	Mas achar que sou velha não, encaro com naturalidade, os anos vivido, não tenho, não sou uma pessoa de vaidade, nem vaidosa, nunca tive vaidade, isso não é nem de agora, isso da minha mocidade mesmo, nunca?, Nunca gostei dessas coisas, não gostava mesmo...	Encara com naturalidade a os anos vividos	E
Hércules	Não, reconheço que eu sou velho,	Se reconhece velho	E
Poseidon	Tem, é como diz, as falhas né, por exemplo, às vezes um golpe de vista que você tem na hora de você se apoiar no canto, às vezes falta no golpe de vista você se apoia num canto, se equilibra mal, aí você está caindo né, quer dizer, tá caindo né nem pelo fato de ser, de tá fraco, mas por falta de golpe de vista, de equilíbrio...	Sente algumas falhas do organismo	F
Deméter	Eu me sinto cansada né,	Se sente cansada	F
Hebe	Não quero ficar com o rosto pagueado, eu vou atrás do Gugu, é porque não tem quem me ajude, (Hebe) você tem coragem, de tirar essa pele aqui e coloca uma nova?	Não quer ficar com o rosto pagueado	F
Hipócrates	Bem, é como eu digo, quando eu era novo eu era doente, e velho eu tô bem de saúde né, apesar de ser com remédio, mas tô com saúde...	Se sente bem de saúde	G
Hércules	Fisicamente assim, eu é às vezes até há alguns anos ainda eu nós tinha a impressão que eu fosse jovem ainda, porque graças a Deus eu tenho não uma total, mas uma perfeita saúde da minha idade de 70 anos, uma perfeita saúde,	Tem uma perfeita saúde da sua idade	G
Poseidon	Que eu me sinto saudável e, e pronto assim para participar né, participar de, por exemplo, se eu faço musculação, eu participo de várias atividades de musculação, eu dou conta né, e natação, eu sou muito ruim em nadar, mas, mas se o, se o, eu tenho coragem de participar de um pequeno trecho, quer dizer, não muitos porque eu não sei nadar nem nada, mas eu tenho coragem de participar.	Se sente saudável	G
Hipócrates	Como é que se diz, assim um ânimo de viver cada vez mais, eu me sinto muito bem, melhor do que quando eu era novo, que eu era muito doente rapaz, pela madrugada, me sinto bem de saúde, apesar de ser medicado mas isso aí faz parte da vida , outra.	Se sente melhor do que quando era mais novo.	H
Hipócrates	Com vontade de viver cada vez mais,	Se sente com vontade de viver mais	I
Deméter	Hoje eu tava dizendo, será que eu vou, eu, quando a minha mãe faleceu eu tinha 73 anos, eu já tô fazendo 75, já tô passando dela, e se eu ainda vivesse mais, agora eu só quero viver, enquanto eu for lúcida,	Só quer viver enquanto for lúcida	J
Hércules	Eu sou uma pessoa lúcida e	Se considera lúcido	J